

# REVISTA DO BRASIL

SUMMARIO do n. 55 — Julho, 1920

O Momento . . . . .	REDACÇÃO . . . . .	193
Succinta noticia sobre o aspecto physico, geologico e mineralo- gico do Districto Federal . . .	EVERARDO BACKHEUSER. . . . .	195
Na rectaguarda da civilisação. . .	MARIO PINTO SERVA. . . . .	208
Cipó Braúna . . . . .	SERGIO ESPINOLA. . . . .	212
Versos . . . . .	CARLINDO LELLIS. . . . .	218
A paixão do ex-bombeiro . . . . .	ALEXANDRE MELO . . . . .	225
Paiz de ouro e esmeralda . . . . .	J. A. NOGUEIRA . . . . .	231
A arte nacional . . . . .	RAUL POLILLO. . . . .	239
Lobo do mar . . . . .	SEVERIANO DE MIRANDA . . . . .	244
Lingua vernacula . . . . .	A. CARDOSO FRANCO. . . . .	249
Aeademia Brasileira de Letras . . . . .	ARTHUR MOTTA . . . . .	253
Bibliographia . . . . .	REDACÇÃO . . . . .	263

RESENHA DO MEZ — A sciencia alleman (*Mario Pinto Serva*)  
— A retirada da Laguna (*Godofredo Rangel*) — Maeter-  
link em Nova York — Uma do Emilio (*João Sem Telha*)  
— O “ tiro ” no bicheiro — Arte nova (*Menotti Del  
Picchia*) — Arte e cinema — Club dos solteiros (*Guy  
d’Alvim*) — Vida forense — A prova de reporter (*Guy  
D’Affonse*) — As plantas e o seu autographo — O nacio-  
nalismo na arte (*Fly*) — Os cavallos do diabo (*João  
do Norte*) . . . . . 267

CARICATURAS E ILLUSTRAÇÕES.



S. Paulo

1920

Rio



# REVISTA DO BRASIL

PUBLICAÇÃO MENSAL

Director: MONTEIRO LOBATO

Secretario: ALARICO F. CAIUBY

## ASSIGNATURAS

Anno . . . . .	20\$000
Semestre . . . . .	12\$000
Para o exterior, anno . . . . .	25\$000
NUMERO AVULSO . . . . .	1\$300

Assignaturas sob registro postal, mais 2\$400 por anno.

As assignaturas comecam em qualquer tempo e terminam  
em junho ou dezembro.

Não se devolvem os originaes.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52 (sobr.) — CAIXA POSTAL 2-B

SÃO PAULO



# BYINGTON & CIA.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES

FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES

ABATJOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES

CHAVES A OLEO

VENTILADORES

PARA RAIOS

FERRO DE ENGOMMAR

LAMPADAS

ELECTRICAS 1/2 WATT

ISOLADORES

TELEPHONES

Estamos habilitados para a construcção de Instalações Hydro-Electricas completas, Bondes, Electricos, Linhas de Transmissão, Montagem de Turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

Westinghouse Electric & Mftg. C.

Para preços e informações dirijam-se a

**BYINGTON & CO.**

Telephone, 745-Central — S. PAULO

LARGO DA MISERICORDIA, 4



# ETABLISSEMENTS

---

---

:: Société  
Anonyme

# Bloch

---

au Capital de 4.500.000 fracs. ———

-----  
**FAZENDAS  
E TECIDOS**  
-----

**RIO DE JANEIRO**

116, Rua da Alfandega

S. PAULO - Rua Libero Badaró N. 14

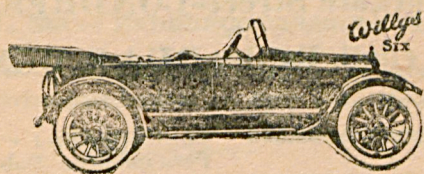
—— PARIS - 26, Cité de Trévise ——

Officinas e Garage Modelo

**DIAS CARNEIRO & C.**

---

---



UNICOS IMPORTADORES DOS

**Automoveis OVERLAND e  
WILLYS KNIGHT**

Grande stock de accessorios para  
automoveis.

**DEPOSITO PERMANENTE DOS  
PNEUMATICOS "FISK"**

**Mechanica — Pintura — Sellaria  
Carrosserie — Vulcanisação —  
Electricidade.**

**Executa-se qualquer encomenda com  
rapidez**

TELEPHONES:

ESCRITORIO Ct. N. 3479

GARAGE Cd. 5411

CAIXA POSTAL N. 534

ENDEREÇO TELEGRAPHICO: "ALDICAR"

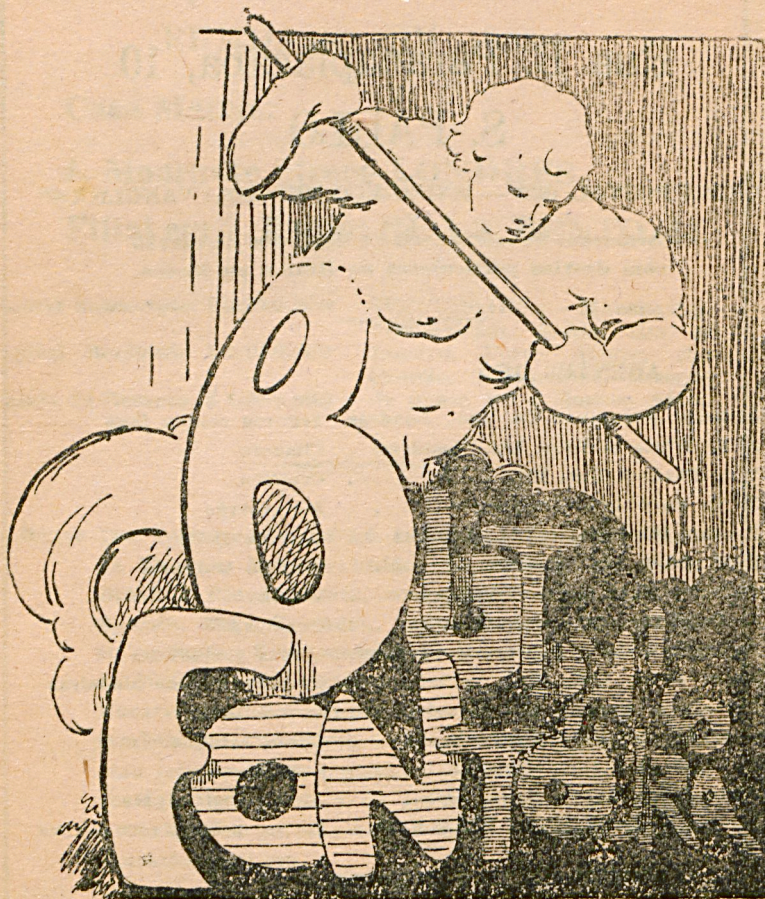
RUA 7 DE ABRIL N. 38

AV. SÃO JOÃO Ns. 18 e 20

CANTO LIBERO BADARO'

**São Paulo**

COMO VENUS SAHIU DAS ONDAS  
O VIGOR SAHE DO "BIOTONICO"



Eminentes medicos affirmam que o **BIOTONICO** é o mais completo fortificante. Exerce acção benéfica sobre todos os órgãos, produzindo sensação de bem estar, de vida, de saúde.

**O BIOTONICO** cura todas as fôrmas de anemia. Cura a fraqueza muscular. Cura fraqueza nervosa. Augmenta a força e a resistencia. Torna as mulheres bellas e os homens viris. Infunde novo vigor aos organismos gastos ou enfraquecidos por molestias, por excesso ou por qualquer outra cousa.

**E' notavel sua acção nos organismos ameaçados pela tuberculose.**

# MACHINAS E ACCESSORIOS

## Fabricação e Importação

FABRICAMOS MACHINAS

PARA A LAVOURA E AS INDUSTRIAS, COMO SEJAM :

Machina "Amaral" de beneficiar café, o maior successo da industria mechanica nacional; machinas completas para o beneficio de arroz e de algodão; idem para a fabricação de farinha de mandioca; idem para a fabricação de oleos de mamona; machinas completas para serrarias; ditas para cylindrical sola.

Importamos todas as classes de machinas. Temos sempre em deposito todos os artigos consumidos na lavoura. Os nossos oleos lubrificantes e as nossas corrêas para machinas são os mais praticos e efficientes. Quando o sr. lavrador ou sr. industrial precisarem de alguma cousa, peçam-nos preços e informações, sem compromisso.

### Martins Barros & Co. Limitada

CAIXA POSTAL, 6

END. TELEGRAPHICO: "PROGREDIOR"

Rua Lopes de Oliveira N.º 2 a 10  
Rua Boa Vista, 46  
SÃO PAULO



**PORCELLANAS**

---

**CRISTAES**

---

**ARTIGOS DE CHRISTOFLE**

---

**OBJECTOS DE ARTE**

---

**PERFUMARIAS**

---

O melhor sortimento

---

Casa franceza de

**L. GRUMBACH & CIA.**

---

Rua de São Bento N.º 89 e 91

**SÃO PAULO**



# REVISTA DO BRASIL

## O MOMENTO

ARNALDO VIEIRA DE CARVALHO

*Mortes ha que repercutem na sociedade como verdadeiras amputações.*

*Sentimo-nos dolorosamente lesados, e diminuidos d'algo precioso.*

*Causou essa impressão o trespasse imprevisto de Arnaldo de Carvalho.*

*S. Paulo sangrará sempre desta perda, a maior com que podia affligil-o a brutalidade do destino.*

*Cirurgiões emeritos ha-os notabilissimos; mas um em quem se reunam todos os primores da intelligencia, do caracter e do coração — desses especimens que a natureza deixa ás vezes escapar do seu laboratorio como amostras duma humanidade superior, é caso rarissimo.*

*Os fados proporcionaram-nos em Arnaldo um homem assim — o mais completo, o mais perfeito, o que tomaríamos por modelo si tivéssemos de crear um molde unico á especie.*

*Suspeitavamos isso emquanto Arnaldo vivia; agora que morreu, sentimol-o, reconhecemol-o na mais bella unanimidade que jamais nos congregou.*

*A impressão geral causada pela sua morte foi de desastre irreparavel.*

*Arnaldo era um ponto fixo, uma luz, uma affirmação no movimento das nossas coisas.*

*Sempre que o momento reclamava num sabio um homem, e n'esse homem um caracter impolluto alliado a um coração magnanimo, todos os olhares convergiam para o seu lado.*

*Era elle o phanal, o conforto, a esperança.*

*Ainda quando não agia, a só lembrança de termol-o á mão como supremo recurso, como ponto fixo, como oasis que desse-denta, anima, restaura energias, ensina, educa, era um calmante de maravilhosa efficiencia á duvida, á afflicção, ao desanimo.*

*Certeza nos momentos incertos; affirmação nos momentos de duvida; lenitivo nos momentos de dor; força nos momentos de fraqueza, em Arnaldo Vieira de Carvalho S. Paulo repousava confiante.*

*A morte cortou-lhe o fio da vida em pleno apogêo da ascen-ção.*

*A estupidez da fatalidade!*

*Matar a Arnaldo e deixar por ahi, a vender saude, tortulhos de carne que embora morressem todos os dias, trezentos e ses-senta e cinco vezes por anno, não resgatariam o mal que fazem, vivendo!...*

*Não faltou ao côro de lamentações que a morte do grande paulista determinou o concurso da "psychologia".*

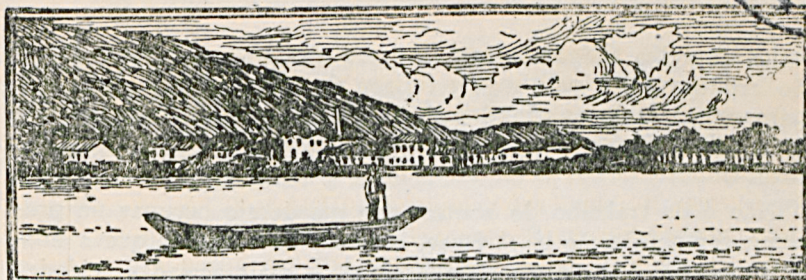
*Sempre alerta, sempre espertalhona, ella corvejou no momento opportuno, bancou tres lagrimas de crocodilo, estylisou um "te-deum" de pesames e apanhou no ar um negocio.*

*E assim, por uma cruel ironia do destino, o impolluto Arnaldo Vieira de Carvalho, o menos cabotino dos homens, o mais since-ro, o mais honesto, o mais puro, vae ter a memoria perpetuada por um monumento do... Ximenes*

*Faltava-lhe isso, a corôa do martyrio posthumo...*

*Tel-a-á...*





## SUCCINTA NOTICIA SOBRE O ASPECTO PHYSICO, GEOLOGICO E MINERALOGICO DO DISTRICTO FEDERAL

POR

EVERARDO BACKHEUSER

Não raro se habituam os que muito viajam, aos exaggeros dos moradores de cada localidade em gabar com cores magnificas e exaggeradas as bellezas, muito duvidosas ás vezes, do lugar que habitam. Qual o viajante que já não se viu forçado a subir um morrote pellado para dahi, descortinar um horizonte de meio kilometro indicado como de surprehendente encanto? Afinal, os estudiosos que correm terras e mundos para ver “novas gentes e novas leis”, se acostumam a esses devaneios de quem nunca poz a vista em nada melhor, e não ligam mais importancia a narrativas tendenciosas.

Tinha eu, pois, um certo medo intimo de considerar a capital do meu Paiz como sendo realmente belleza fóra do commum, antes de comparal-a com lugares de fama mundial, como, entre outros, essa famosa *Côte d'Azur*, prolongamento da não menos famosa *Riviera* italiana, cuja linha de praias tranquillias acompanha de perto a sinuosidade dos montes mediterraneos.

Fui e vi. Vi e observei. Instruindo-me no melhor compendio de geographia, que são as viagens, tenho procurado visitar diversos Estados do Brasil e varios paizes do mundo, e depois d'esses confrontos minuciosamente esmerilhados, chego sem hesitação á conclusão de que o Rio de Janeiro é superiormente bello; bello não só pela sua natureza, como tambem pelo trabalho intelligente dos homens; desse glorioso Pereira Passos remode-



lador da velha Cidade infecta, e desse não menos glorioso Paulo de Frontin que a politicagem retirou da administração para que parassem a meio as grandes obras de maiores aformoseamentos que fariam do Rio de Janeiro a joia das joias no anno do Centenario.

Não é do trabalho do homem que me desejo occupar na presente comunicação e, si fosse, eu teria de salientar que a nossa metropole é quasi tão limpa como as mais acieadas cidades allemans; é tão bem illuminada que o rebervéro das suas luzes no firmamento serve de guia aos pilotos em pleno mar; é tão bem ajardinada que o Parque de Versailles lhe fica muito a dever.

O esforço humano porém, seria baldado si não tivesse a favorecer-lhe e a permitir-lhe os realces e os retoques uma situação geographica excepcional. Ainda uma vez se verifica bem que a evolução da geographia humana está intimamente subordinada ás condições da Physica Terrestre.

Nascida na atalaia da "Cara de Cão" (Morro de S. João), para logo os primeiros colonisadores transportaram-na para o Morro de S. Januario (hoje Morro do Castello), ponto mais strategico pois ficava "em padastro" de Villegagnon.

Começa então a evoluir a Cidade do Rio de Janeiro pelo aterro dos brejais e lagoas rasas que circumdavam os Morretes de S. Bento (então talvez ainda uma ilha, que veio a pertencer a Manuel de Brito), da Conceição, de Paulo Caieiro (hoje da Providencia), de S. Antonio, do Desterro (actualmente de Santa Thereza), do Senado (hoje arrasado e que se chamava de Pedro Dias), do Sisson, da Gloria, da Mangueira, (arrasado tambem para dar lugar a um novo logradouro — a actual rua Maranguepe), e até mais longe, no Morro da Viuva (então chamado do Lery ou Leriepe, proximo á fóz do rio Carioca).

Logarejos esparsos na planicie, elles se foram ligando a pouco e pouco por caminhos tortuosos aos *aterrados* dos mangues, de modo a irem emprestando á metropole esse aspecto de formação expontanea e natural tão diverso dos alinhamentos rectos, das praças nitidamente circulares ou ellipticas das cidades artificiaes, *á americana*.

Depois, a população cresce por ser a Bahia de Guanabara um excellente entreposto para o commercio com o interior de Minas Geraes, bem como um ponto de facil parada para os navegadores da Africa do Sul e do Oriente. Augmentando a população, procuravam os moradores se installar definitivamente nos morros que a principio eram apenas postos de observação militar, muitas



vezes artilhados, e procuravam essas elevações (algumas das quaes ainda fossem talvez ilhas ao tempo do Descobrimento), porque eram mais aprasiveis e mais salubres, purificadas pelas varreduras das brisas da manhã e da tarde, e tambem lhes augmentando a salubridade a abundancia do oxigenio produzido no frondoso e variado laboratorio vegetal das lindas florestas que as ornavam, e que hoje desapareceram. Basta rememorar, neste tocante, que a ilha das Cobras hoje de rocha viva, era chamada *Ilha da Madeira*, por ser então coberta por um grande bosque de onde se fazia a extracção de madeiras para exportação.

Os augmentos successivos e ininterruptos da população da já então capital do Brasil produziram a conquista, por meio de aterros, de terrenos até então abandonados, como succedeu á Cidade Nova que ligou por terra firme o caminho entre o Centro Commercial e o Paço de S. Christovam, até então só accessivel pela encosta tortuosa do Barro Vermelho, (rua do Conde, actualmente Frei Caneca) até Mata-Poços (hoje Estacio de Sá).

Assim se foi desenvolvendo a Cidade, a principio sobre paúes e após pelas encostas dos morros menores, de modo a tomar a feição alastrada que hoje tem, occupando, com densa população, uma das maiores areas urbanas do Mundo.

As condições physicas são pois, mais do que quaesquer outras, as determinantes da configuração topographica da metropole brasileira actual, configuração que toma em planta um aspecto todo especial, bizarro e imprevisto.

Um passeio, hoje facilmente realisavel graças as excellentes estradas de rodagem cariocas, desde a Avenida Rio Branco á Tijuca, dahi á Gavea e da Gavea de novo ao Centro, deixa o espectador attonito ante a variedade dos panoramas que se succedem celeremente em uma visão cinematographica. Da imponencia architectonica da Avenida Rio Branco se passa ao casario á moda do segundo Imperio por todo o bairro da Cidade Nova e aos predios já mais modernos do Engenho Velho e da baixada da Tijuca. E' portanto, um amontoado urbano denso e sem soluções de continuidade pelo espaço de vinte minutos de automovel.

A subida da Tijuca já se faz em plena natureza. Matta bellissima, sombria, fresca, com recantos adoraveis como a Cascatinha e todo o massiço desde o Silvestre a Jacarépaguá, massiço que se denomina em geral Serra da Tijuca, ou antes Floresta da Tijuca. Do interior desses arvoredos verdes, onde a temperatura é amena e o silencio seria completo si não fôra o trinar dos passaros, pode-se ver a Cidade preguiçosamente estendida em-



baixo, ao reverbero do sol causticante, ou, á noite, com os focos luminosos a piscarem como si fossem miriades de pirilampas; basta ir ao *Excelsior* para se descortinar successivas perspectivas desde o Andarahy com as suas fabricas, o seu Collegio Militar, os seus prados de corridas, até á Ilha do Governador, chata e alongada, até Paquetá, até a baixada Fluminense a se perder no além; basta ir á *Vista Chinezca*, para se ter o complemento do panorama anterior, e ver embaixo a elegante Botafogo, e empesado Pão de Assucar, e o Oceano sem fim.

Continuando-se a viagem circular iniciada, ir-se-á notando na descida para a Gavea a approximação do Oceano Atlantico e da Lagoa de Camorim. Já na planicie de novo, o automovel costeará a margem dessa lagoa de aguas paradas até que se venha a ter a impressão magestosa do Oceano indomavel, quer na Estrada da Gavea quer na incomparavel Estrada Niemeyer. Em toda esta ultima parte do trajecto o mar "verde e bravio da nossa terra natal" beija com suas espumas rebrilhantes as encostas rochosas da montanha. E' tão diverso o espectáculo que uma hora antes tivera o viajante com a quietude levemente rumorosa da Tijuca, que elle não pode conter as suas exclamações de espanto e extasi ante o esmeraldino das aguas buliçosas das praias da Gavea jogadas em ondas successivas contra a amurada gnaissica das penedias.

Seguindo sempre, voltam a apparecer as agglomerações de população no Jardim Botânico, nas planicies do Leblon e Ipanema, marginaes da especularmente placida Lagôa Rodrigo de Freitas, na garrida Copacabana, em Botafogo, attingido através de um tunel em plena cidade. Finalmente pela maravilhosa Avenida Beira Mar, logradouro que por si só bastava para tornar celebre o Rio de Janeiro e immortalizar o Prefeito Passos, cem vezes superior a celebrada *Promenade des Anglais* de Nice, chega-se ao ponto de partida.

Essa viagem são algumas horas, duas ou tres, de inesqueciveis lembranças para o futuro e de repetidas emoções que se experimentam com deleite e prazer.

Não ha localidade do mundo que forneça, como o Rio de Janeiro, um tão bem disposto conjunto de circumstancias de modo a poder a cidade manter a vida intensa dos negocios, das industrias, do commercio, dos gosos, a vida social, enfim, ao lado da quietude bucolica da floresta e do bulicio das praias de banho.

Essa situação toda especial deve-a o Rio de Janeiro á sua configuração physica. E esta é oriunda da conformação geologica, como vamos ver.



## CAPITULO I

## 1.º — ROCHAS E TERRENOS

Pode-se considerar geologicamente o Districto Federal subordinado a dois unicos terrenos:

- a) — o arqueano;
- b) — o quaternario.

— O ARQUEANO, que constitue a grande maioria dos massiços montanhosos e mesmo dos morros isolados, é composto de *gnais* de diversos typos, desde os finamente granulados (*gnais* da Candelaria), aos fracamente porfiroides (*gnais* do Engenho Novo) e até áquelles que o são fortemente, apresentando grandes olhos amarellos de ortoclasio (*gnais* do Pão de Açucar).

Afóra essa variedade de typos estructuraes, ha tambem nos *gnais* cariocas interessantes variações de composição mineralogica, que ás vezes se manifestam por gradações suaves e outras por bruscos saltos de um para outro. A inspecção da planta e córtes geologicos, que é impossivel annexar á presente communição, permittirá examinar melhor as passagens de uns a outros dos diversos typos.

Assim, ás vezes, superabunda o feldspato, assemelhando-se o *gnais* a um *leptinito* (*gnais* do Mundo Novo); de outras, predomina o quartzo, a gran sendo neste caso ora finissima, parecendo a rocha um *eurito* (*gnais* de Ipanema), ora a gran torna-se maior e a semelhança com o *quartzito* é notavel (*gnais* do Andarahy), como se póde observar em toda uma grande faixa obliqua que córta o massiço da Tijuca, desde os Dois Irmãos (Gavea) ao Morro do Ignácio Dias (Jacarépaguá); de outra, finalmente, ha abundante quantidade de mica, formando-se variedades melanocraticas, quasi verdadeiros *micachitos* (*gnais* do Sumaré).

Todos esses *gnais* se apresentam, ora com planos de estratificação muito nitidos, ora fortemente contorcidos, como que amarrotados, "fuchicados". Nem sempre portanto será facil determinar a orientação e inclinação das camadas.

Sotoposto ao *gnais* ha um grande numero de lacoticos (ou, si se preferir um só e enorme lacolito) de *granito*, que a erosão das camadas superiores tem posto a descoberto em varios pontos, quer nos grandes massiços, quer nos serrotes isolados. De preferencia esses afloramentos surgem ou nos talvegues topogra-



phicos ou nos picos mais altos. Em certos lugares (por exemplo Serra do Carico) a casca gnaissica não tem senão poucos metros de espessura.

Ha tambem, entre os granitos, uma grande variedade de texturas e de colorações. Assim tem-se: o *granito da Penha*, quasi eutetico, cinzento; o *granito de Bangú*, porfiroide e cinzento amarellado; o *granito da Tijuca*, roseo e de gran muito igual; o *granito da Vargem Grande*, manchado em salpicos vermelhos de um mineral que deve ser a ortita; o *granito do Amorim*, pegmatitico, avermelhado e pouco porfiroide; e muitos outros que seria longo enumerar.

Emergem tambem dos gnais suburbanos de Campo Grande, no massiço do Gericinó —, Mendanha, grandes afloramentos de uma eruptiva acida moderná da familia dos *fonolitos*, cuja terra de decomposição é muito favoravel a todas as especies de cultivo pela sua conhecida fertilidade. Ainda não me foi possivel fazer investigações pessoases nessa zona do Districto Federal, de modo que não posso ser muito categorico nas minhas affirmações.

Existe ainda, no massiço da Tijuca, uma rocha *gabrica* e uma outra *dioritica*, que não tem muita importancia pelo pequeno numero de afloramentos em que se mostram.

Todas essas rochas podem ter applicações industriaes como pedra de alvenaria. As mais procuradas são, já pela abundancia, já pela facilidade de exploração e já pela excellencia do material, os granitos e os gnais. Servem: para pedra de alvenaria nas construcções civis e militares, mesmo debaixo dagua; para cantaria, dando-a excellente e muito bella; para meios fios do calçamento; para pedra britada, quer das pavimentações e macadam, quer para lastro de estradas de ferro, quer para concreto; para paralepipedos. Os paralepipedos de gnais, antigamente muito usados, pela facilidade de clivagem dessa rocha, são hoje rejeitados pela Prefeitura Municipal pela facil deterioração ao atrito das rodas dos vehiculos. Exceptua-se, naturalmente, o gnais euritico de Ipanema, sempre muito bem acceto. O material habitual para o calçamento é hoje o granito da Penha, encontrado em varios afloramentos em todos os suburbios a partir do Engenho Novo.

A pedra de construcção do Rio de Janeiro é tão afamada que é exportada para varios pontos do Brasil e mesmo do estrangeiro.

— Os gnais são frequentemente atravessados por veios de uma rocha pegmatitica (quartzo e feldspato) que me parecem, segundo algumas observações que pude fazer nos contactos com



o granito subjacente, verdadeiros jôrros ultra acidos do magma granitico nas parte terminaes das apophises desta rocha.

Em muitos outros lugares, onde ha apophises graniticas, não me foi porém possivel fazer identica verificação, de modo a parecer mesmo provindos de uma grande massa magmatica de pegmatito propriamente dito.

Os veios de pegmatito ora são largos, ora muito finos, sempre muito contorcidos, aqui normaes á estratificação do gnais, alli intrometendo-se entre as camadas. São claros, com grande predominio do ortosio, algum quartzo e pouca mica.

Além desses veios acidos, ha varios diques de uma eruptiva basica da familia dos basaltos, negra, ás vezes compacta, ás vezes granulada que atravessa não só os gnais, como as rochas sotopostas e os proprios veios de pegmatito. Taes diques são tambem, ora de poucos centimetros de espessura, ora de alguns metros de possança. São industrialmente explorados pela sua facilidade de fractura para constituirem o elemento negro das calçadas de mosaico como as da Avenida Central, sendo ellas chamadas de *pedra portugueza*, apezar de provirem taes pedras da rua de Santa Alexandrina e de muitos outros pontos do Districto. E' que de facto os primeiros basaltos da Avenida vieram de Portugal. A pedra amarella dos citados mosaicos, a principio tambem *pedra de Lióz* de Portugal, hoje é ou calcareo minerio, ou simples feldspato do veios de pegmatito.

A proposito dos veios convem citar desde já que a erupção dos basaltos e diabases provocam um forte metamorphismo nas rochas gnaissicas, principalmente quando ellas estavam humidadas no momento do derrame.

Ha assim em muitos pontos do Districto, como a Planta Geologica mostrará, uns veios de uma especie de *brécha* hidro-termal de pedaços de feldspato, de gnais e mesmo de basalto ligados por um cimento de calcedonea esverdeada, brécha que poderá ser aproveitada como pedra de ornamentação.

— As acções metasomaticas (para alteração das rochas de fóra para dentro) tem actuado desde tempos immemoriaes (isto é desde o periodo arqueano), muito fortemente sobre o complexo granitico gnaissico. Convem salientar esse ponto porque o resultado final dessas acções chimico-mecanicas dos agentes exteriores dá certas feições topographicas caracteristicas na geographia local.

E' realmente devido a taes forças geodinamicas que se deve a formação das grandes *barreiras* exploradas para fins industriaes.



As barreiras oriundas dos gnais fortemente feldspáticos dão *argillas* (barros) mais ou menos vermelhos, conforme a maior ou menor quantidade de biotita (mica ferro magnésiana). Inúmeras olarias empregam essa argilla como matéria prima, pela excellencia do producto natural que já vem quasi que espontaneamente dosado com a conveniente porção de silica livre (quartzo), indispensavel aos productos ceramicos mais usuaves (tijolos e telhos). Os gnais, com pouca mica, muito quartzo e bastante feldspato dão *saibros* claros como o *saibo das Lorangeiras*, tão gabado pelos constructores, producto metasomatico do gnais typo Mundo Novo.

Os veios de pegmatito se alteram para *caolin* e já vão sendo explorados para a extracção desse mineral, hoje tão procurado pelos seus variados empregos.

Os typos porfiroides de gnais assim como os granitos em geral se desagregam e decompõem muito menos metasomaticamente, por motivos de ordem geral já sufficientemente conhecidos.

— O QUATERNARIO é representado: por *depositos arenosos* de rio, mas principalemnte de mar, formando extensas regiões planas; por alguns *depositos de calhãos* quartzos rolados, de que é bello e frisante exemplo aquelle que se encontra no morro do Jockey Club, á cota de 10 ms. acima do nivel do mar; e finalmente pelos *depositos calcareos conchiliferos* dos chamados *sambaquis*.

Grande parte desse terreno quaternario está encoberta pelos aterros feitos para a edificação da cidade.

## 2.º — MINERAES

Os mineraes, que se apresentam no Rio de Janeiro, teem pouca importancia economica, e portanto geographica, por isso que nenhum delles é muito abundante de modo a se tornar exploravel industrialmente, sendo talvez unica excepção o caolin.

Apresentam todavia algumas curiosidades scientificas que não podem ser explanadas nesta Communicação.

Limitar-me-hei pois, a fazer uma simples enumeração.

Como elementos essenciaes ou accessorios das varias rochas citadas no paragrapho anterior ha a mencionar:

— o *quartzo* (*crystal de rocha*). Em geral não se apresenta cristalisado, mas todavia é achado ás vezes, especialmente nos veios de pegmatito, com as suas formas cristalinas habituaes de prisma pyramidado. O Gabinete de Mineralogia da Escola Polytechnica possui mesmo uma *drusa* de *cristaes de rocha* de dimensões apreciaveis, encontrada no morro de Santos Rodrigues.



Apresentam-se ainda as variedades: *quartzo enfumado*, escuro, chamado *diamante d'Alençon*; *quartzo ametista*, roxo, limpido em massas volumosas que já teem servido para aproveitamento em joias; *calcedoneas*, verdes claras ou acinzentadas, productos de metamorphismo de contacto junto aos veios do basalto; *calcedoneas opalescentes*, quasi verdadeiras *opalas* grosseiras. São tambem de quartzo todos os grandes areiaes alvissimos das encantadoras praias. Algumas das praias cariocas tomam certas colorações, devido á maior porcentagem de certos outros mineraes misturados á areia quartzosa.

— *A ortoclásita*, feldspato potassico, que fórma não só os grandes olhos amarellos de gnais porfiroide. como a massa principal dos pegmatitos. Apresenta-se com diversas colorações: a rosea; a avermelhada (em certos granitos suburbanos); a amarella (a mais frequente); a branca (nos gnais muito leucocraticos); e a verde (em certos gnais porfiroides). São frequentes nos veios, os grandes e lindos cristaes desse mineral, com faces muito nitidas, vendo-se bem a fórma classica da geminação de Carlsbad.

— *A microclina*, só reconhecivel ao microscopio.

— *A adularia*, *pedra da Lua*, com lindos reflexos prateados.

— *A labradorita*, quer como elemento das rochas basicas, quer como amostras destacadas com vivas irisações (Tijuca).

— *A mica ou malacacheta*, quer a branca (*muscovita*), quer principalmente a preta (*biotita*), que é um elemento essencial dos granitos e gnais. Nos veios de pegmatito formam-se concentrações desse mineral, em laminas maiores e em cristaes nitidos.

— *Os aphibolios e piroxenos*, nas rochas basicas, só reconheciveis ao microscopio.

— *As granadas almanditas* marchetando os gnais com as suas colorações vermelho vivas. Ha pontos onde a concentração desse mineral é tão forte que se o pode considerar como elemento essencial da rocha. Tem sido encontrados bellos cristaes em rombododecaedros e trapezoedros.

— *Turmalina preta (afrisita)*, de Andrada), apparecendo frequentemente nos pegmatitos. O mineral vem muito fracturado, de modo que não pôde ser bem aproveitado para a joalheria.

— *Turmalina verde (esmeralda do Brasil)* muito rara no Rio de Janeiro, apesar de Eschewegge a ter encontrado no local onde hoje é a Praça da Republica. Talvez a esse mineral se refiram certas chronicas, que dão como tendo sido achadas verdadeiras *esmeraldas* no Rio de Janeiro.

— *Berilios*, de cor amarellada, em agulhas estriadas.



— *Agua marinhas*, infelizmente em pouca quantidade, e com cristaes fracturados (Morro do Pasmado).

— *Andaluzitas*, roseas, em agulhas finas.

— *Piritas*, quer disseminadas nos granitos (Bom Successo), quer em maiores concentrações (Bangú), quer em veios alongados (Pedra da Babilonia).

— *Calcopirita* em mui pequenas porções.

— *Magnetita*, mineral muitissimo disseminado nos granitos, como revela o microscopio. Além disso se concentra em areias magnetitas como producto de alteração da Broteta (Ilha do Governador e de Paquetá), bem como em pequenas massas, reconhecíveis a olho desarmado, e até em pequenos cristaes.

— *Limonita*, producto de alteração dos outros mineraes de ferro, é achado em quasi todos os lugares onde se faz sentir a acção da agua e especialmente cobrindo como uma capa parda-centa as pedras das praias.

— *Calcita*, rara, em certos veios de Santa Thereza, juntamente com a *malaquita* e a *siderita*.

— *Graphita*, achada em muitos pontos, tendo as principaes concentrações na Gavea, onde houve um começo de exploração não continuada porque os nodulos graphitosos vinham envolvidos em muita argilla.

— *Monazita*, disseminada nas rochas e concentrada nas areias das praias em proporção que varia de 0,02 a 0,05 por cento.

— *Zirconita*, tambem disseminada. Derby refere que achou cristaes maiores na Tijuca.

— *Sillimannita*, em agulhas claras ou ligeiras. Já era conhecida a sua existencia (Hussak), mas os meus auxiliares Ruy de Lima e Silva e Othon Leonardos encontraram grandes porções, em cristaes, com dimensões superiores a um centimetro no gnais chamado do Sumaré e nos seus afloramentos no Andaray.

— *Ortita*, na Ilha da Sapucáia (pegmatito) e nos granitos dos suburbios.

— *Cordierita*, no Andarahy e na Tijuca.

— *Dumortierita*, já estudada por Eberhard Rimann.

— *Caolin*, em grandes massas, oriundas da decomposição do feldspato dos veios de pegmatito; tem tido exploração industrial.

— *Argilas*, diversamente coloridas pelos oxidos de ferro, desde o amarello claro ao vermelho carregado, tendo, como já disse, muita applicação para a fabricação de productos ceramicos.



— *O ouro e a prata*, a que se referem crônicas antigas citadas pelo pouco autorizado Francisco Ignacio Ferreira, no seu Dicionario Geographico das Minas do Brasil, não são hoje encontrados. A prata do Sacco do Alferes jámais existiu por certo. Quanto ao ouro é possível que tenha sido confundido por inexpertos exploradores — como de resto ainda o é hoje — com a mica amarella (biotita alterada) muito frequente, ou com a pirita de ferro. Não seria porém impossível que em outras épocas os rios tivessem, por concentrações multiseculares, um pouquinho de ouro. Nem a outro motivo se deve attribuir a nome de Rio do Ouro que tem um dos cursos dagua do Districto.

— *O petroleo*, a que tambem se refere Ferreira, como existindo na Lagoa Rodrigo de Freitas, nada mais é do que agua amoniacal de transformações organicas de algas ou peixes apodrecidos.

— *A galenita* (sulfeto de chumbo), e a *estibinita* (sulfeto de antimonio) que tenho visto citadas ainda não foram por mim encontradas. Do mesmo modo o cinabarita (sulfeto de mercurio), a que os jornaes se referiram.

— *O ferro* é abundante no Rio de Janeiro, não sob a forma de mineraes de possível extracção, mas como compostos facilmente alteraveis, de modo a provocar a coloração das rochas e a tornar ferruginosas certas fontes. No bairro das Laranjeiras eram tão frequentes as aguas ferreas, que uma parte daquella região urbana assim ficou denominada. Em muitos outros pontos do Districto se encontram tambem aguas ferruginosas.

### 3.º — PHASES DA EVOLUÇÃO GEOLOGICA DO TERRITORIO DO DISTRICTO FEDERAL.

Entre a época arqueana, — durante a qual surgiram ou se metamorphozaram os gnais e se produziram as rugas montanhosas propriamente ditas — e o começo da terciaria, o Districto Federal não teria passado por grandes alterações (salvo as erosivas), e teria estado sempre fóra d'agua.

Durante a época terciaria teria, porém, todo o solo do littoral meridional do Brasil (\*) soffrido grandes abalos sismicos, donde os desniveis de terreno, formando paredões abruptos, tão communs no Districto Federal, e de que são primorosos exemplos: o Corcovado, a pedreira da rua Bento Lisbôa, os Dois Irmãos na Gávea e outros muitos. Esses decliveis de terreno, dei-

(\*) Penso ter demonstrado essa asserção no meu trabalho — “A Faixa litorania do Brasil Meridional — Hoje e Hontem”.



xando um bordo muito abaixo do outro, são, como se sabe, chamados *falhas*.

Contemporaneamente, ou logo depois da formação dessas falhas, deu-se um derrame de rochas basálticas (donde também de diabases) pelas fendas deixadas.

Na parte do Districto Federal cujo levantamento geológico detalhado já foi possível fazer, verifiquei um notável parallelismo, na direção Leste — Oeste, das grandes falhas e dos grandes diques diabásicos. Além dessas falhas e desses diques que podem ser denominados de *principaes* pela sua importância, há um grande número de outras falhas e de outros menores, orientados mais ou menos em sentido perpendicular ao da primeira direção.

As falhas são em maior número e mais nitidas na vizinhança do Oceano, quer nos districtos urbanos da Gloria, Lagôa, Copacabana, onde são vistas a do Morro do Novo Mundo, a do Corcovado, a do Morro dos Cabritos, quer nos districtos suburbanos da Gavêa, Jacarépaguá e Guaratiba, onde se observa a mesma linha de falhas nos Dois Irmãos, Pena, Garganta da Tijuca. A' proporção que o território se afasta da Costa as falhas são em menor número e de menor relevo nos bordos.

Ha pontos na vizinhança do mar onde a rocha cahe a pique, deixando grandes fundos muito proximos á costa. Exemplo: Costão do Pão de Assucar e ponta do Galeão, na Ilha do Governador.

Tendo ocorrido no periodo terciario, são geologicamente muito recentes e não tiveram pois tempo para serem erodidas pela acção mecânica das aguas torrencias.

A partir do final do periodo terciario e durante todo o quaternario começa a se manifestar um importante movimento de emersão da costa, em virtude do recuo gradativo do mar (\*). Em virtude deste movimento eustático negativo do mar dá-se o apparecimento de terras sob a fórma de planícies arenosas: as ilhas passam a peninsulas e afinal a continente.

Foram surgindo também como se tivessem a sua origem na propria terra firme extensos depositos conchiliferos considerados por pessoas extranhas aos estudos geologicos como construcções indigenas (*sambaquis*) mas formados em verdade de baixo d'agua pelo accumulo de colonias de moluscos (ostras, samanguiás etc). Desses depositos ha grandes extensões em Guaratiba (\*\*), assim como menores porções em outros pontos

(\*) Ver sobre esta parte do movimento eustático negativo do mar, o meu citado trabalho sobre "A faixa litoranea do Brasil Meridional".

(\*\*) Ev. Backheuser — Sambaquis do Districto Federal.



de Jacarépaguá e Penha, conforme descoberta por mim comunicada á Sociedade Brasileira de Sciencias em sessão plena. Posteriormente a essa comunicação e ás minhas publicações anteriores sobre o assumpto, tenho achado pequenos depositos de *Venus flexuosa* em outros pontos do Districto. Espero ter maior segurança nos informes para poder fazer uma nova comunicação documentada.

Vê-se assim, resumido, que o territorio passou por um primeiro movimento convulsivo nas proximidades do tempo em que a Terra ainda estava em ignição; succedeu-se um periodo de calma durante todo o periodo primario e secundario; só tendo vindo a se dar abalos fortes, formidaveis mesmo, no terciario. A este periodo sismico segue-se o recuo do mar até a epoca presente.

O primeiro gera as rugas montanhosas. A longa época de calma interna dá lugar a fortes lavagens de agua superficial. O segundo periodo de abalos fórma as penedias abruptas. Finalmente o ultimo lapso de tempo provoca a formação das planicies, em que hoje assenta a Cidade propriamente dita e todos os suburbios e bairros baixos.

Dessa concepção historico-geologica decorre o facies geral orographico e hidrographico do Districto Federal.





## NA RECTAGUARDA DA CIVILISAÇÃO

POR

MARIO PINTO SERVA

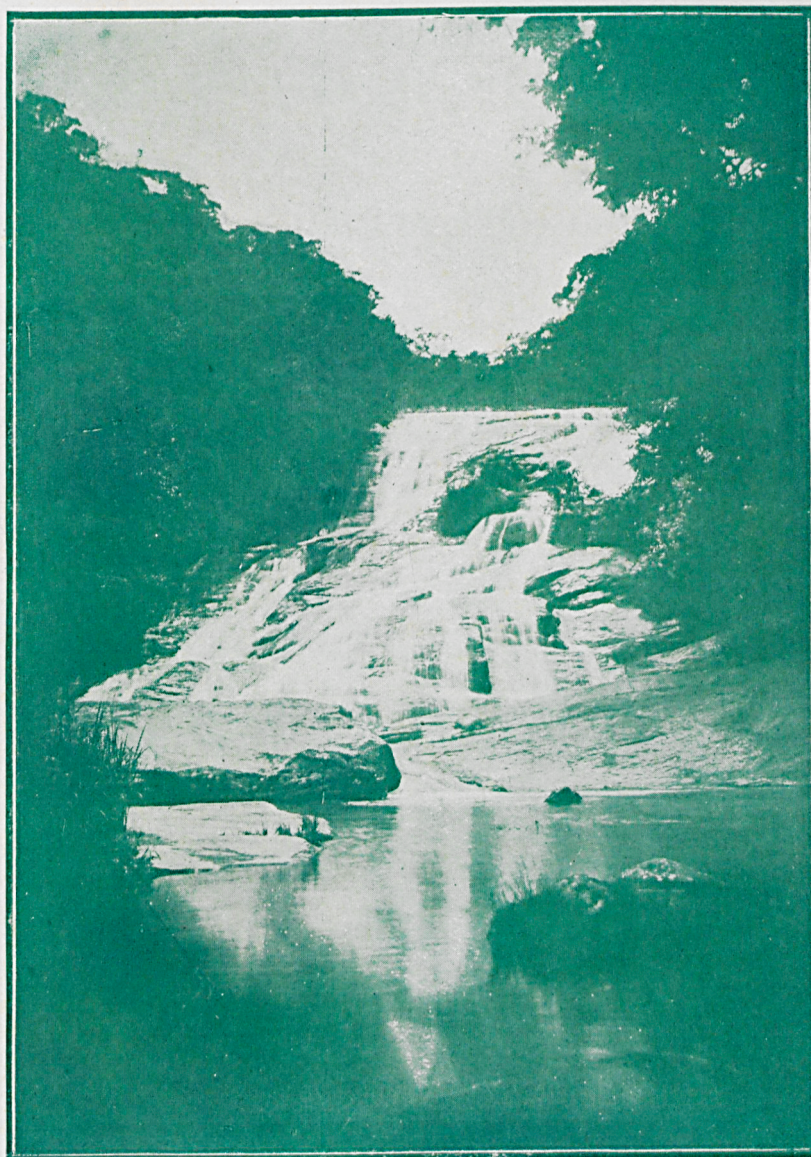
Dir-se-ia que a lei da inercia domina a collectividade brasileira. Um enorme torpor nos pesa nas palpebras, nos paralyza o cerebro, nos immobilisa os membros, nos detem todos os passos.

E por isso o Brasil está condemnado a andar na rabeira dos outros povos. Fomos o ultimo paiz occidental a abrir os portos ao commercio estrangeiro. Fomos o ultimo povo na America a declarar a sua independencia. Fomos o ultimo a abolir o trafego dos escravos, coagidos pela Inglaterra. Fomos o ultimo tambem a decretar a abolição da escravidão. Fomos o ultimo a proclamar a Republica, não o fazendo, aliás, senão no papel. Fomos o ultimo a instituir uma Caixa de Conversão. Seremos o ultimo a ter um Ministerio da Instrucção Publica. Seremos o ultimo a facultar a navegação costeira ao commercio estrangeiro. Seremos o ultimo a decretar o voto secreto e obrigatorio. Seremos o ultimo a emprehender a lucta contra o analphabetismo. Seremos o ultimo a organizar a educação nacional. Seremos o ultimo a fundar os partidos politicos nacionaes. Seremos o ultimo a possuir uma organização bancaria

A grande lei da inercia domina o organismo nacional, boçalisa a nossa mente, degrada o nosso character. Deixamos sempre para amanha a realização de todos os actos de que depende o nosso progresso ou o nosso aperfeiçoamento.

A reforma eleitoral indispensavel e inadiavel no nosso paiz não nos custa um vintem. Não se pode allegar contra ella a situação precaria do Thesouro, com que se tranca a porta para a realização de outros melhoramentos indispensaveis. Entretanto, porque se não leva a effeito a reforma eleitoral? Porque o Brasil

RIO DE JANEIRO



Cascata grande da Tijuca.

RIO DE JANEIRO



Lagoa Rodrigo de Freitas.



é uma nacionalidade cataleptica e os políticos querem continuar a explora-la, mesmo ao preço da sua degradação definitiva.

Os argentinos desde 1910 possuem a sua lei de voto secreto e obrigatorio, a cousa mais simples do mundo, que não custa um vintem para realizar, que não pesa no orçamento, representando entretanto um tonico decisivo para o revigoramento moral do paiz.

Nós fomos o ultimo povo da America a proclamar a Republica, mas tomamos o cuidado de proclamal-a só no papel.

Porque a verdade republicana reside nas eleições e as nossas eleições são mentiras cynicas e repulsivas. Sob o nome de comicios eleitoraes temos artefactos de tyrannia e corrupção, orgias de fraudes, bachanaes donde fogem os homens de bem e que os cidadãos pacificos e decentes evitam, da mesma forma que evitam as tabernas e os lupanares.

O Brasil é eleitoralmente esse grande lupanar em que se prostituem todas as consciencias, ao passo que a Argentina, depois da lei Saens Peña, presencia um vigoroso e sabio renascimento civico, cujos écos transpõem a fronteira e chegam até nós, trazendo a segurança de que as eleições nesse paiz são a eclosão real da vontade de um povo altivo e soberano, orgulhoso da verdade de suas eleições, capaz de dirigir os seus destinos, livre de caciquismo, enquanto nós brasileiros, em perfeito regimen de senzala, vamos ás eleições ratificar as determinações dos nossos patrões.

O Brasil precisa de um estadista que realize no nosso paiz o que Saens Peña realizou na Argentina.

O actual Presidente da Republica Argentina já é um candidato eleito por dous partidos de opposição combinados — o radical e o socialista.

A maior parte das provincias argentinas, com o voto secreto e obrigatorio, viram esboroarem-se os governos-eleitores, passando a presidencia a ser prehenchida por candidatos de opposição, em meio do maior enthusiasmo civico e de uma lucta renhiddissima. As eleições argentinas constituem agora um spectaculo civico irreprehensivel. Em Buenos Aires e no resto do paiz as eleições são disputadas por partidos regulares, de organização e programmas definidos, como sejam, o partido socialista, o radical, o constitucional e a União Cívica.

A sabia lei Saens Peña obrigando a cumprir-se com verdade, não já o direito de voto, mas o dever de votar, despertou a consciencia democratica, que é a tendencia natural dos paizes capazes de Civilisação.



A consciencia nacional no Brasil está adormecida: dê-mos a lei do voto secreto e obrigatorio, ella começará a despertar e em breve se levantará na plenitude de sua energia.

A nova lei eleitoral argentina a que nos referiamos trouxe ás urnas a totalidade dos cidadãos independentes a tornar um facto politico concreto o suffragio universal que até então fôra uma simples aspiração da democracia.

E assim se iniciou na Republica platina a lucta, não mais entre grupos de profissionaes da politica, submettidos á pressão directa dos dirigentes, como ainda acontece no Brasil, mas entre as grandes massas populares argentinas, movidas segundo orientações definidas e conscientes e que melhor se precisarão com o aperfeiçoamento da opinião.

A formação dos partidos na Argentina foi uma consequencia necessaria da nova lei. O povo argentino comprehendeu que, numa contenda em que se movia uma multidão de mais de centenas de mil homens, não se podia aspirar ao triumpho de pessoas, mas de collectividades.

Tornava-se necessario optar entre uma ou outra das grandes correntes de opinião publica, porquanto o voto attribuido a uma personalidade sem ligação com um grupo organizado era, na pratica, um voto perdido.

Nós brasileiros queremos pretender a hegemonia sul-americana para o nosso paiz e as nossas eleições, manifestação da soberania nacional, são exhibições de cafagestismo, e constituimos, sob o ponto de vista democratico, um lupanar, pois as urnas constituem uma grande e quasi unanime prostituição de consciencias.

Nós brasileiros somos de uma susceptibilidade patriotica morbida e exaltada, não admittimos que o estrangeiro critique cousa nenhuma, irritamo-nos quando elle nos faz qualquer observação desfavoravel e, no entanto, nada fazemos positivamente para tornar o nosso paiz uma cousa decente, sendo que o primeiro passo para isso é despertar o sentimento da responsabilidade civica de cada um de nós e assim restaurar a consciencia nacional pelo respeito ao voto, que é a expressão da soberania nacional.

O voto é para o patriotismo o que a hostia é para a religião. Assim precisamos preservar o voto num sacrario guardando-o de todas as profanações, porque elle é a exteriorisação da consciencia intima da Nação.

Nós brasileiros indignamo-nos quando na Europa se critica acerbamente certas cousas do paiz e não nos lembramos de que isto não é um paiz mas apenas uma feitoria em que as eleições são

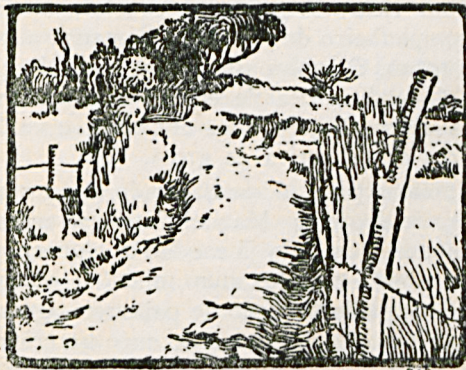


simulacros de designações impostas por vontades autocráticas, sob cujo regimen vivemos e de que, por falta de brio e dignidade, não nos sabemos libertar.

Nós brasileiros extranhamos qualquer critica que façam ao paiz e não temos, como cidadãos, nem vergonha, nem brio, nem dignidade, porque somos politicamente escravos de autocracias, ás mais das vezes cynicas e delapidadoras.

Nós brasileiros chamamos de calumnias, mentiras e falsidades tudo quanto os estrangeiros criticam em nós e, no entanto, nada fazemos por tornar o Brasil um paiz digno de respeito, pois somos a caricatura das republicas, consistindo o nosso systema de governo substancialmente num perfeito caciquismo de que as eleições são o simulacro externo, espectáculo permanente de degradação moral, de aviltamento colectivo de uma raça e de uma nacionalidade.

Si nós brasileiros não nos respeitamos, não dignificamos, não veneramos a nossa Patria, mas, ao contrario, a conspurcamos, a rebaixamos, a aviltamos, a envillecemos, a deprimimos, não ha de ser o estrangeiro que se deverá mostrar mais realista que o rei, dando-nos exemplos de amor e dedicação ao nosso paiz.





## CIPÓ BRAÚNA

POR  
SERGIO ESPINOLA

O exito da caçada fôra-me de antemão garantido.

—E' o que lhe digo, *seu* doutor... Eu nunca vi tanta paca como neste "Sertãozinho". Ainda na semana passada, mal os cachorros começaram a trabalhar, eu já tinha espichado duas bichonas, aqui mesmo neste sitio, bem juntinho daquellas brejaúbas.

Manoel Formiga dizia-me estas cousas acororado á beira do córrego, enquanto procurava na terra humida o rastejo da caça appetecida. A seu lado, ainda na trela, de olhar inquieto e orelhas engrilladas, a canzoada alvoroçava-se, anciando por mergulhar nos arrastões.

— Será melhor ficarmos por aqui, concluiu ao cabo de algum tempo o meu companheiro de jornada e famanaz atirador de algumas leguas em torno. O capim está muito repisado e as traças são muito frescas. O senhor fica de espera nesta trilha que eu vou fazer a soltada dos cachorros mais em cima, e venho depois garantir os olheiros da cabeceira da grotta.

Caçador de poucos tiros, desacostumado aos grandes contactos com a natureza, tão depressa Manoel Formiga embarafustou pelo primeiro picadão, e eu de todo já me havia esquecido das suas pacas, para ser só olhos e ouvidos, num mixto de enlevo e receio, ao alegre despertar daquelle bocado de paisagem agreste, onde o sol acabava de chegar, pondo um frizo de ouro na crista do arvoredado mais alto.

Pela escumilha da folhagem numa grenalha imponderavel e faiscante, ou então pelas frinchas da ramaria em longas tiras de luz, a claridade a pouco e pouco invadia o recesso da matta, adelgaçando-lhe os contornos e reaccendendo os verdes da vegetação, que ainda se marasmava, perdida em sombras orvalhadas e espessas.

Alertada nos seus esconderijos, a passarinhada, ensaiando o vôo, baixava ás clareiras ensoalhadas, onde travesseava sobre os esgalhos, a desfazer-se em trinós, regorgeios e pipilos. Dos tufos de verdura mais proximos, logo acudiam novas vozes, que se concertavam com as primeiras, preludiando a grande symphonia com que, a breve trecho, por todo o matagal, se haveria de festejar a volta da manhã.

Nas intercadencias da chilreada, rumorejos de agua corrente, estalidos de galhos seccos, fremitos d'azas, zumbidos de insectos e outros mil ruidos sonorizavam o ambiente, que todo se animava na pressa de retornar ás alegrias do sol.

De tocaia á ourela do riacho, entre moitas reçumbantes de lyrios do brejo, os primeiros latidos da cainçalha surpresaram-se em pleno devaneio de uma écloga vigiliana, quando a minha espingarda já se transformava numa avena pastoril e, a cada arramalhar da folhagem, eu cuidava entrever a figura caprisaltante de algum fauno ou oreada de cabelleira verde a resurtir assustadiça dentre a trama inextricavel dos troncos, cipós e sapopemas.

Instigando a tarefa dos cães, pouco depois chegava-me a voz de Manoel Formiga, que reboava pelas quabradadas, a repetir melancolicamente os seus appéllos: — Eh, onça ! Eh, Paiz ! Vamos, Motuca !

A esse gritos de commando, que orientariam a matilha na maneira de conduzir a presa até os nossos rechêgos, eu aprestei-me para os lances mais emotivos da caçada ; e, já de arma abocçada á sua direcção, voltei a vigiar diligentemente os carreiros que me tinham sido confiados.

As pacas, entretanto, não correspondiam á presteza do meu gesto. Dir-se-ia que os cachorros maticavam á beira de qualquer tóca, já que os seus alaridos continuavam muito longinquos e tinham sempre o mesmo som.

Cansado de esperar, ao cabo de alguns minutos de attenção e quietude, de novo deixei cahir a espingarda para um lado e, de cigarro ao canto da bocca, volvi aos encantamentos da paisagem que me cercava, compartilhando da exultação com que um bando de periquitos assaltara a copa de uma arvore proxima. Pouco se demorou, porém, nas minhas visinhanças e revoada irrequieta, que, de levante, se espavoriu, e rasando em vôo baixo os bastios do convalle, foi perder-se entre a vegetação da encosta fronteira.

Ahi, a triumphar-se do estendal de franças verdes, os meus olhos divisaram uma arvore de porte altanado e senhoril que, em pleno viço de sua floração, estadeava ao sol, como um immenso pallio de ouro, a fronde auricomada.



Embevecido na contemplação do soberbo vegetal, eu me perguntava qual seria o nome desse gigante da floresta, quando a matilha voltou a esganiçar-se com mais calor, anunciando talvez a iminência da corrida. E' verdade que Manoel Formiga não dava treguas á cachorrada e os seus gritos continuavam a restrugir pelos grotões: — Eh, onça! Toca, Jasmim! Vamos, Motuca!

Mas ainda dessa vez, como de outras, não foi mais feliz a minha expectativa. A's acuações, sem continuidade, intercalavam-se largos periodos de descanso, em que só se ouvia um ou outro ganido, e assim mesmo partido de pontos diversos, como a indicar que os cães ainda andavam no farejo da caça e trabalhavam sem orientação.

Aplacando a minha impaciencia, que já mettia a riso as promessas do companheiro, e lhe levava as pacas á conta dos grossos carapetõse com que todo caçador que se preza usa de lardear as suas narrativas, ao termo de umas duas bôas horas de espera, Manoel Formiga veio tirar-me daquelle isolamento, surgindo inesperadamente a uma curva da estrada que defrontava com o meu refugio. Elle caminhava a passo lento e pelos modos parecia tambem trazer algum desanimo.

Acompanhavam-n'õ tres dos seus cães, que já se diriam inteiramente alheios da tarefa que lhes fôra confiada, tal a maneira por que foliavam em conjuncto e se atropelavam em carrerias loucas, aos saltos e cabriolas, entremordendo-se, rosnando, babujando...

— Cansadinho, hein *seu* doutor? E pelo que vejo hoje não se arranja mais nada, disse Manoel Formiga a olhar desconsoladamente para os cachorros.

Só agora foi que eu vi porque é que esses diabos me estão fazendo passar vergonha e não querem trabalhar. E' que a Motuca está no vicio e elles estão só com sentido nella. Não sei como isso me passou. E' verdade que eu sahi de casa cedinho e hontem estive todo o dia na turma, sem ter olho nos cachorros.

Bem que eu tinha implicado desde o começo do trabalho com aquella cousa de só quasi que ouvir a Onça a pelejar. E' que enquanto isso os patifes andavam lá por baixo, vendo se tenteavam a cachorra.

E depois de ficar pensativo por alguns instantes:

— Mas é bem feito. O culpado sou eu mesmo. Porque é que eu não me desfiz dessa "joia" da Motuca, assim que o Medeiros foi-se embora? Eu logo vi que aquelle traste não me havia de deixar cousa que prestasse.

Trazido á baila o nome do administrador Medeiros, azou-se-me de perguntar a Manoel Formiga os motivos por que tão depressa o meu amigo fazendeiro se desfizera de um empregado que fôra



admittido sob tão bons auspícios. Eu mesmo, por interferência de terceiros, concorrera para o seu aproveitamento, baseado nas allegações que o davam como um profundo conhecedor das cousas da lavoura, além de ser um rapaz de toda a confiança e com muita disposição para o trabalho.

Manoel Formiga, numa meia-língua de colorido inimitável, trouxe-me então um rápido quadro do que havia sido a passagem do Medeiros pela fazenda.

Tudo, no começo, caminhara ás mil maravilhas e o homem parecia mesmo corresponder á fama que o precedera. Além de um trabalhador incansável, capaz de se desdobrar em multiplas actividades para attender e fiscalisar os varios serviços que lhe estavam affectos, elle não se descurava dos proventos do patrão, procurando por todos os modos augmentar-lhe as fontes de renda.

A seu conselho, fizeram-se logo immensas derrubadas e as varzeas começaram a ser preparadas para receber as novas sementes. A fazenda não podia continuar a viver exclusivamente de café e um pouco de cereaes. Urgia tentar outras culturas. O algodão e a mamona se impunham antes de mais nada.

Mas não seria com o regimem do carro de bois e o trabalho moroso da foice e da enxada sobre uma terra já esfalfada, que elle chegaria aos resultados ambicionados; e o fazendeiro, cujos conhecimentos agronomicos não corriam parêlhas com a abastança dos seus recursos financeiros, achando justas as ponderações de Medeiros, mandou sem demora buscar ao Rio um caminhão-automovel, dispendiosos e complicados machinismos para lavrar a terra e beneficiar os productos colhidos, uma infinidade de adubos chimicos, forragens seccas para o gado e sementes novas de toda sorte.

Por todos os cantos da fazenda se alastrou a febre das reformas, que foi desde o engenho de café até á mais singela moenda, não poupando o armazem em que se abastecia o pessoal, onde, da noite para o dia, a colonada cahiu em exatse, diante de um sortimento de bugangas e avellorios, como até então nunca por lá apparecera.

Além de um numero maior de aggregados, todos os empregados da fazenda tiveram os seus salarios augmentados, pois que na opinião de Medeiros era impossivel exigir bom serviço de uma pobre gente que vive miseravelmente e mal ganhava para comer.

No intuito de incentivar-os, para os colonos que mais se destacassem entre os seus pares, foram ainda estabelecidos certos premios, que eram distribuidos mensalmente, numa sessão presidida pelo



proprio fazendeiro, e a que nunca faltava um certo gráo de solemnidade.

As cousas caminhavam neste pé e o meu amigo agricultor, depois de tres mezes de convívio com o novo auxiliar, ainda não encontrara uma formula com que lhe exalçar condignamente os meritos, quando uma bella manhã, entre o pasmo de todos a nova se espalhou pela fazenda de que o Medeiros havia fugido com a mulher do João Machinista, tendo tido a cautela de empalmar previamente algumas paginas de boas notas, que aguardavam no cofre do armazem o pagamento da feria do pessoal, a ser feito naquelle mesmo dia.

Manoel Formiga estendia-se ainda sobre a figura do ex-administrador, exprobando-lhe a villania e salientando as desgraças que pesavam sobre o lar do pobre João Machinista, quando eu, na supposição de fazer justiça, adiantei que, apezar de todas as suas patifarias, não se podia deixar de reconhecer no Medeiros um individuo cheio de iniciativas e profundo conhecedor dos assumptos de lavoura.

— Qual nada! *seu* doutor. Nem isso! Tudo aquillo eram gabolices. Eu ainda estou p'ra ver um homom mais soberbo e embusteiro. O doutor talvez não acredite, se eu lhe disser que elle nem sabia como é que se plantava a mandioca.

Olhe, mal comparando, o Medeiros era como aquella arvore que alli está, a mim foi que elle nunca tapeou... E Manoel Formiga apontou-me na tombada opposta a bella arvore que pouco antes já fizera a minha admiração.

— O doutor não conhece páu, mas mesmo que conhecesse, só de olhar para aquellas flôres amarellas, havia logo de dizer que era uma braúna. Pois errava. E, errava como muito bom madeireiro já tem errado. Eu mesmo, só digo que não é braúna, porque estive lá perto e conheço todo este matto. Aquillo é páu atôa, enfeitado com cipo braúna.

O senhor nem póde imaginar as peças que esse raio de cipó já tem pregado nos lenhadores. E' que elle gosta das arvores altas e dá flôr tambem no verão, no mesmo tempo que a braúna. Quem é que só de olhar para a copa toda amarellinha, póde lá saber se as flôres são mesmo da arvore ou do cipó que está enroscado nos seus galhos?

Vai dahi e se o lenhador não fôr mesmo sabido, bota a baixo um páu qualquer, cuidando que está derrubando uma braúna. E' por isso que eu só gosto de conhecer madeira no fio do meu machado. Ao menos assim a gente nãa passa pelo vexame de já estar contando de longe com umas boas tóras de braúna e ir topar depois, mes-



mo no seu lugar, com uma caixeta, casca d'anta ou outro páu sem prestimo.

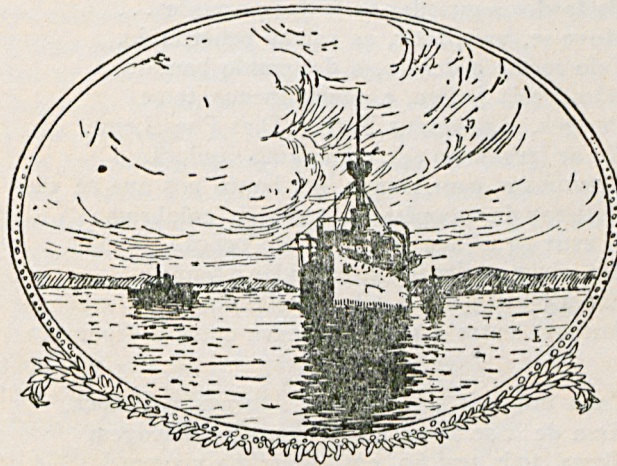
E eu ainda retinha os olhos sobre a arvore magnifica, quando Manoel Formiga rematou:

— Pois a sabença do Medeiros e toda a sua seriedade eram tambem assim: de longe muita cousa, de perto um páu atôa...

Fazia-se tarde. Se estavam perdidas as pacas, que ao menos fosse garantido o almoço. Manoel Formiga, mettendo dois dedos na bocca, deu um silvo agudo. Pouco depois a Onça, que ainda caminhava na matta, veio juntar-se ao grupo dos cães, onde Motuca continuava a ser requestada.

E já em caminho, emquanto eu acompanhava distrahidamente o vôo lento de um gavião que se calava do azul, ao arrepio do vento, sopesando-se nas azas, veio-me de novo á lembrança o symbolo admiravel com que Manoel Formiga estigmatizara os vicios do administrador.

.....  
Quantos páus atôas não formam na grande floresta humana, disfarçados em madeira de lei, graças ás flôres do cipó braúna ?





## FERNÃO DIAS

EPISÓDIO DA CONQUISTA DAS MINAS GERAES NO SECULO XVII

POR CARLINDO LELLIS

### I

Destroços do que foi, uns farrapos de gentes...

Tanto tempo passado ! Era maio. Luzentes,  
As armas sob o sol, a bagagem, os peões,  
Os fardos a guardar as fartas provisões...  
Move-se, vai partir, as selvas penetrando,  
Pelo sertão a dentro, o destemido bando:  
Não receia fadiga, e, muito menos, teme  
Perigos, si o conduz Fernão Dias Paes Leme.  
No ar lavado do sol, como uma saudação  
Retumbam, com fragor, em honra aos que se vão  
Os tiros da escopêta, os trons da colubrina.  
A cruz se alçava no ar, como benção divina,  
Em côres variegada a multidão fremia.  
Era alegria o sol, o sol daquelle dia.  
Anceava entre o pesar, anceava entre a esperança

Cada um que ia partir... Aturada provança,  
Essa de ir-se ao sertão, á remota e selvagem  
Terra, toda traição, em asperrima viagem !  
Que lhes ficava além ? A furia dos gentios,  
A febre, a sucury, as barreiras dos rios,  
O dente cannibal, a flécha ervada, o nú  
Calcaneo ao cascavel, á sanha do urutu'.



Um abraço dos seus, olhos baços de pranto,  
A angustia do soluço...

Era bem, entretanto,  
Ser forte e não tremer. E' partir! E se apresta  
Tudo na confusão, como um rumor de festa.  
Os que ficam, em vão, clamam, num alarido...  
E' partir, é partir, é partir, rumo ao desconhecido.

Dormem, longe, á distancia, em serras, os metaes:  
São montanhas de prata e blócos de cristaes  
Verdes: são de esmeralda! e valles que as areias  
Têm de ouro, e que as levou a torrente das cheias.  
Fecha a selva o thesouro: em derredor se cerra  
Por aspera cadeia e os paredões da serra.

E guarda-o, sol a sol, defende-o o carnicheiro

Selvagem cujo setta é o dardo mais certo.  
E o estranho que vingar o intricado da matta,  
Vencer fomes e a fera, e a montanha de prata  
Tiver de conquistar e as pedras de esmeralda,  
A febre o matará... E' a febre que desfralda  
O sudario da Morte, áquellas solidões,  
E extingue em estertor, em fogo, em afflições.

E' preciso porém buscar esse thesouro,  
Os cristaes de esmeralda, a grande copia de ouro,  
Talhar todo o sertão, andar de sul a norte,  
Correr todo o paiz, sulcar todos os rios,  
Galgar os chapadões, descer aos mais sombrios  
Valles e navegar no roldão das cachoeiras,  
Em balsas, em canoa, ás semanas inteiras.  
Com o selvagem lutar; em meio da saturna  
Brenha, ir buscar a féra aos recantos da furna,  
Vencel-a a bacamarte, e, mais, ir affrontar  
Nos seus valles de dôr, a Morte encastellada,  
Matando sem ser vista: a febre, a "carneirada"

Para a gloria do rei, gloria de Portugal,  
Um dia, esse thesouro ha de ser, afinal,  
Arrancado da terra e ha de ir enriquecer  
A grandeza do Reino. E não retarda em ser,  
De todo, desvendado, e as galeras ao mar,  
A's centenas hão de ir, garbosas a sulcar,  
Atochadas de prata e das barras pesadas  
De ouro, mais de esmeralda, as velas atufadas.



È partem, a buscar as terras escondidas.

Grandes, em Taubaté, ao sol, as despedidas.  
Como uma caravana, ajoujada, de gentes,  
Fremindo de valor, na mesma fé ardentes,  
Parte, como quem vai á guerra, aventureira,  
Ousada, a se internar no sertão, a "bandeira".

## II

Sete annos no sertão! Sete annos no degredo  
Sete annos no queimar, no aneio de o segredo  
As selvas arrancar! Sete annos de miragem  
De sonho a allucinar, na deserta paizagem  
O velho Fernão Paes!

Os seus já devassaram  
As selvas do sertão. Valles esquadriharam,  
Viram Vupabussú, além, o Itacambyra  
Desceram a Guaicuhy...

Mais de um selvagem vira  
As serras de esmeralda. È preciso chegar,  
Seja a que preço fôr, a seus amos levar,  
Imponente e triumphal, o fructo da conquista,  
È, como um rei, tornar...

È se lhe estende a vista,  
Longe... Entre os seus voltar, a S. Paulo, dalli,  
Partindo da caudal das aguas do Guaicuhy,  
Varar de novo a brenha, e as serras, de uma em uma  
Galgar, entre o nevoeiro e as cortinas de bruma.  
Transpôr, por outra vez, os rios transbordando,  
Ouvindo ao cangussu' o ronco formidando,  
Os dias sob a selva, a ramaria espessa  
Que véda a luz do sol, sem sem que, por ella, desça  
Mais que a penumbra gris de um cinzeo fim de dia.  
È, por final, chegar entre os seus! A alegria  
De entrar, grandioso, a villa, elle, o conquistador  
Das minas, e o saudar, nobre, o governador,  
È proclama-o heróe

O seu surrão desata:  
São seixos de esmeraldas e maticões de prata.  
Assim, pensa Fernão. Ha de voltar. È, immoto,  
Em seu sonho se quêda... È, lembrando o seu voto,  
Levar arrobas de ouro e refazer a egreja  
De taipas que deixara, e em que a Virgem alveja



A face angelical. Ha de voltar, e ouvir  
A margem do Tieté, o sino a retinir.  
Ha de ir em oração junto ás plantas divinas,  
O seu voto cumprir e dar graças de ter  
Tornado ao velho lar, vaidoso de volver,  
De feito, vencedor: Capitão-Mor das Minas.

## III

E' sombra do que foi o ousada companhia.

Ha um presago silencio. E' ao fim de um longo dia.  
Os fogos do arraial se espalham na esplanada  
Como luzes no céu em noite estrellejada.  
Para o norte, ao sertão, occulto, o Itacambyra,  
Perdido na distancia, ao sul, o Amantiquira...  
E o perlongo sem fim da estrada interrompida  
Dos rios em caudal, das serras, e a aguerrida  
Nação dos Cataguá... E o lar, a esposa os filhos  
Ficam muito mais longe. O caminho se perde  
Entre a matta a crescer, entre o diluvio verde  
Da selva a revihar, a refazer os trilhos  
Abertos na incursão, em busca do thesouro  
Das pedras de esmeralda e das pepitas de ouro.

Não é todo o arraial mais que casas ligeiras  
De troncos e sapé. E, por perto, as primeiras  
Roças. O milharal apendôa as espigas.  
E quanto lhes custou, que exhaustivas fadigas  
Fazer vingar a roça. A matta resistia  
Ao golpe do machado, atroante, que a feria.  
E, buscando, na terra, a força, exuberante,  
Mais formosa, viçava. E, no seu verde guante,  
Cingia o milharal e lhe extinguiu a vida.

O homem sentia alli, aos poucos, combalida  
A fé que o conduziu ao meio dos sertões,  
Acceso da cobiça, ás rudes incursões,  
Na luta desigual, entre elle e a Natureza,  
Era esta quem vencia; elle era, emfim, a presa  
Da força vegetal a defender a terra.  
Cresce-lhe em de redor a mattaria e o cérra  
Num circo que se faz, cada hora, mais estreito,  
Apaga-lhe o caminho, abre-lhe os braços: Leito



Em que venha atambar, em soturno abandono,  
Para dormir, em paz, e derradeiro somno.  
Mas, trêda, sobretudo, a Morte escaveirada  
Entra no acompanhamento.

E leva-a a "carneirada":

Corre, por um momento, á espinha, um calefrio;  
Uma ancia, um abandono. Emfim um arrepio.  
Depois, a pelle queima, incendêia-se, abraza,  
Sécca a bocca, de sêde, é todo o corpo em braza.  
Amortece-se a luz dos olhos, e, no leito  
Tomba como um vencido. Arqueja e, no seu peito,  
Sente que o coração, enlouquecido, bate.  
Vem o delirio após, e, ás vezes, o combate,  
Bem rapido, termina... E morre, escancarado  
O olhar, olhando o nada, aberto, apavorado!

#### IV

Quem pôde supportar o inferno do sertão?  
É' preciso voltar, e fugir do roldão  
Da morte que levou metade da "bandeira",  
Morte que espreita aos mais, terrivel e traçoeira,  
Que surge á beira da agua, e de chofre, reponta  
No meio da clareira, ou, trémula, na ponta  
Da flexa envenenada, assaltá de improviso...  
Voltar, rever o lar! Voltar faz-se preciso.

Mas o orgulho, o valor do chefe Fernão Dias  
Não permitem voltar. Que valem agonias,  
Penas e sofrimento, e mortes e tórtura,  
A vida do sertão, mais aspera, mais dura,  
Si é para dar ao rei arrobos e montões  
De prata e de esmeralda?! E não tem dos poltrões  
Elle a correr-lhe o sangue. Ha de tornar, é certo,  
Em dia que ha de vir, e que presente perto.  
Mas levará comsigo amostras da riqueza,  
Que ha de arrancar do seio á bruta Natureza:  
A prata levará e as esmeraldas finas,  
Emfim, ha de voltar Capitão-Mór das Minas.  
Ha de ficar alli a "bandeira", e, por deante,  
Ainda proseguir.

Assim tem declarado,  
Energico na voz, o chefe bandeirante,  
Erguendo, no ar, a mão, em gesto arrebatado.



## V

Ficar? Si isto é a morte, ao lento, pouco a pouco,  
Apertado na selva!... E' de obstinado e louco.  
Sete annos se extinguir!... E quantos ficarão,  
Da gente que, sem fé, ora á "bandeira" resta,  
A' sombra secular, em meio da floresta,  
Sete palmos, abaixo, excavados no chão?

Dos homens da "bandeira", um delles, José Dias,  
Bronzeado mameluco, a quem as ousadias  
Fizeram respeitado, em trévas, entre a gente  
Trama a conspiração: Um dia, de repente,  
Ao fim de uma revolta, os homens prenderão  
Os chefes: Fernão Paes, o duro capitão,  
Garcia e Barba Gato. Hão de os fazer, assim,  
Aos lares regressar, e retornar, emfim  
A's terras de S. Paulo. Hão de tornar á villa,  
Entrar Piratininga, ensombrada e tranquilla:  
Em vez de conduzir os thesouros, as gemmas,  
Ha de voltar Fernão, carregado de algemas.

Solerte, o capitão surprehende os que conspiram.  
Treme do que, na tréva, os ouvidos ouviram...  
Querem leval-o e aos seus, sob o peso dos ferros,  
De certo, em zombaria, entre selvagens berros!  
Voltar como um galé, elle, o seu chefe?!... Não!  
Velho, mas valoroso, allí, nesse sertão,  
Ninguem o ha de vencer! E nunca o seu valor  
Afronta soffrerá, seja em que parte fôr!  
Não lhe hão de deshonrar as cãs, a elle, o valente,  
O chefe que talou as terras de Goyaz,  
Que tribus extinguiu!... E a elle e á sua gente  
Pretende-se prender, e deshonral-o!...

Mas...

O chefe, o mameluco...

O seu olhar, parado,  
Fica numa visão... Tanto tempo passado!  
Uma india de Goyaz!... Que linda! Elle a levou  
Comsigo. Era formosa. A morte a arrebatou...  
Ficou-lhe esse menino... E' seu filho, é seu pae...  
Quer deshonral-o o filho, e a revolta prepara!

Mas levanta a cabeça, olha em redor, e sáe,  
E a densa escuridão, como uma sombra, vára.



## VI

Em armas, á manhã, todo o arraial fremia.  
 Mal repontara o sol, mal despontara o dia,  
 Aquelles do motim, entre algemas, surpresos,  
 A' presença do chefe eram levados, presos.  
 Qual delles o cabeça, o que urdia a traição?  
 Era elle, o mameluco...

Impassivel, Fernão,  
 Sem um tremor na voz, sem se lhe ver no rosto,  
 Siquer a contração traíçoeira de um desgosto,  
 Ordena que, sem mais do que um breve intervalo,  
 Façam, em frente aos seus, numa estaca, enforcal-o!

## VII

Em meio da esplanada, e pendente do braço  
 Da forca, no abandono, oscillando no espaço,  
 Um pendulo macabro! Os ohos escancara.  
 E, agitado do vento, o balanço não pára.  
 Sobra-lhe a lingua á bocca, aberta, em convulsão,  
 E se lhe crispa, em raiva, enfurecida, a mão.  
 Tem tumido, congesto, o rosto contorsido,  
 Como a mascara do odio. O labio é ennegrecido,  
 E fére-lhe o pesçoço a corda do baraço.  
 Ficam nessa feição revôlta, em cada traço,  
 A raiva, a maldição que, em colera, trabalham.  
 E na orbita, sangrenta, os olhos se esbogalham,  
 Fitando em desafio, ameaçando, sem voz,  
 Sósinho, em face ao céo, a impavidez do algoz!

Contempla Fernão Paes, em frente, o justicado,  
 Vê da orbita rasgada aquelle olhar parado  
 Sellado pela morte. O derradeiro brilho  
 Morreu-lhe na retina, á forca! Elle, o seu filho!  
 O pae lhe fóra o juiz, o pae, o executor!

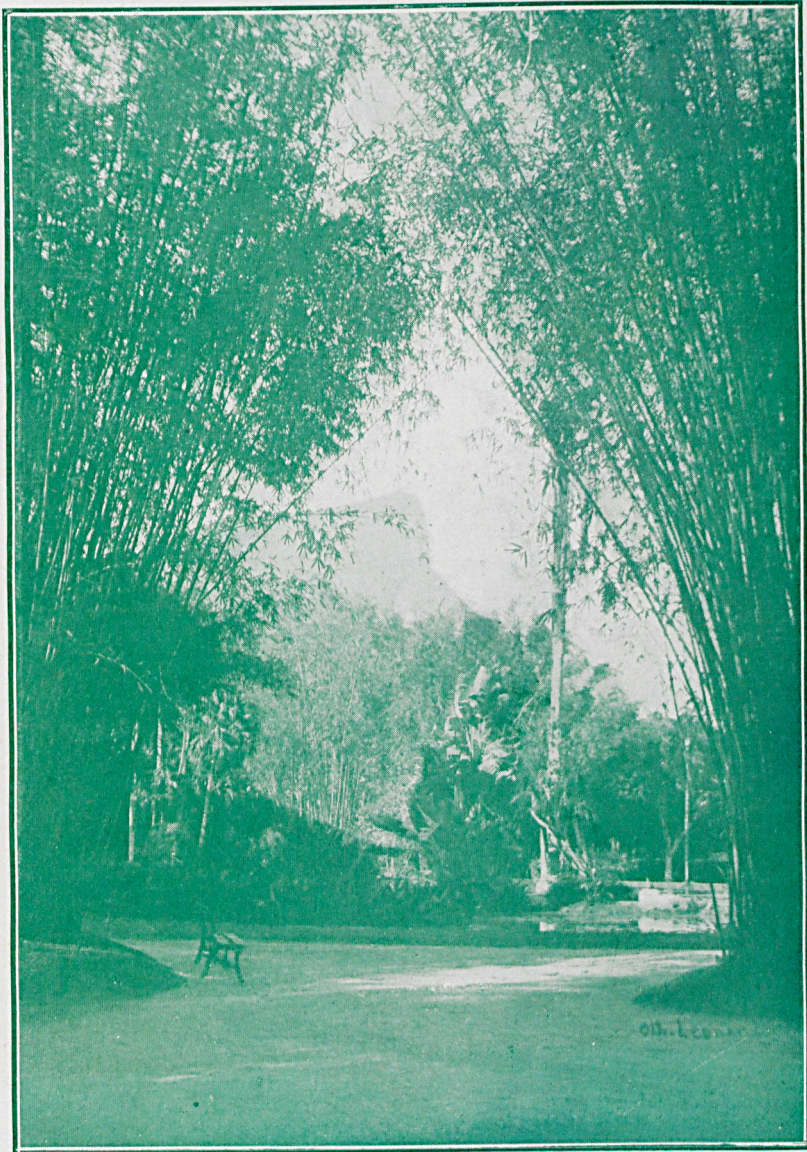
Sem sombra de pesar, sem contracção de dor,  
 Olha, em frente o enforcado, e,  
 “Do alto dessa viga  
 Seja o cadaver, diz, levado á sepultura.”

E accrescentou depois, alçando a voz segura:

“E, em busca da esmeralda, a expedição prosiga”!



RIO DE JANEIRO



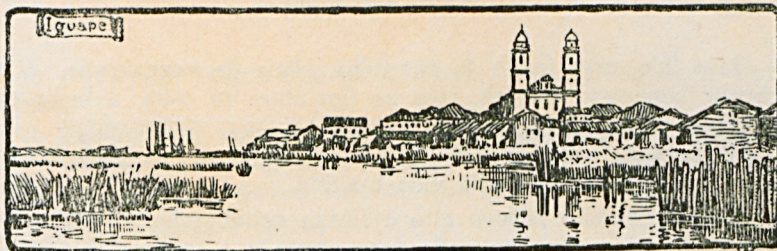
Jardim Botânico.

RIO DE JANEIRO



Lagoa Rodrigo de Freitas e Avenida Delfim Moreira.





## A PAIXÃO DO EX-BOMBEIRO

POR

ALEXANDRE MELO

Naquella fundura estreita e de má fama do becco dos Pardaes que era o alcoice da cidade, ficava o voluptuoso ninho de amôr do ex-bombeiro Barnabé. A cousa tinha dado que falar... A Bahianinha não era bem vista na redondeza, e aquelles seus olhos quentes que eram o tormento dos homens e das mulheres também, provocavam a ira e o despeito das outras, as do mesmo officio que, de tocaia á freguezia pela nesga da janella, rosnavam ao vê-la passar, toda catita nos seus roupamentos vivos, bem feita de corpo, roliça.

— Lá vae ella! Não toma geito e desavergonhada!... punham-se a fallar, num desabafo, inventando cousas, lembrando scenas e factos: — “e daquella vez que a bicha comera cadeia, pernoitando lá no sêcco, sem homem?...”

A mulata, entre os soldados gulosos e admiradores, subira pelo meio da rua, firme, desempenada, o chale vermelho trançado por baixo do sovaco sobre o seio redondo, as chinelas gritantes...

Atrás, o ex-bombeiro, carranca enfezada, o chapéu no olho, o toco ao beicho, e a mulher, a Nha Dita, aquella negrinha arrelienta e ciosa que viera brigar com a outra por causa do marido.

Fôra em pleno meio-dia.

A casa da Bahianinha estava quieta mas ouvia-se lá dentro a voz do homem, a fallar, e as risadas rasgadas da rameira.

A mulher chegou, espiou de fóra e varejou pelo corredor a dentro, reivindicadora e furibunda. Resolvera que aquella vida de inferno havia de acabar a bem ou mal.

Eram rusgas todo o dia, sopapeamentos, a criançada sem pão nem feijão, e ella feito escrava a se matar na barrela, lavando o panno alheio para o sustento daquelles descarados. Porque o homem chegava á tardinha, taciturno e ameaçador, fedendo a pinga e pedia-lhe dinheiro.

Dava-lh'o, com medo ás pancadas, cheia de experiencia, e ia chorar lagrimas sentidas, com os tiozinhos no collo, á beira do rio.

Muita vez lembrou-se de pinchar-se nagua, morrendo lá no fundo para acabar aquella vida maldita.

Mas o instincto fallava alto e ficava ruminando projectos de vingança, pensando naquella faca pontuda e enorme do "sô" Zéca do açougue. Deu-lhe a mania de ir fincar-se á porta do marchante, num prazer agudo de vê-lo empunhar o facalhão, a retalhar as carnes...

Dia a dia iam as cousas de mal a peor.

O marido, agora, não apparecia que não fosse para pedir-lhe dinheiro, para roubar-lhe dinheiro, ameaçando-a com a foíce do quintal. E o mais doido de tudo, é que o amôr de Nha Dita pelo marido rebelde não passava e vinha crescendo, crescendo como o rio no tempo da chuva.

Chorava, dependurada do pescoço d'elle, com os braços negros e lustrosos, chamando-lhe "meu fio", "meu amô"... Elle, bruto e retinto, fazia cara de enfado, o olho muito alvo, a dentilhada branquissima — Tá bão! Tá bão!... E sahia, empurrando a mulher, empurrando os pretinhos, cachimbando... Na cabeça da preta, volviam novamente os planos sinistros. Chorava, chorava, com raiva, com odio, esfregando roupa, ganhando dinheiro para elles emquanto lagrimas iam pingando e cahindo no rio. Lembrou-se da faca do açougueiro, retalhando...

Parava, os pannos molhados na mão, as pernas nuas pelo joelho, mergulhada nagua, a imaginar o prazer de esfaquear também, assim, as carnes da rival — *Precisava matá aquella peste...*

Um dia bem cêdo, de trouxa á cabeça, foi vêr o "sô" Zéca, e comprar umas carnes de patinho. Emquanto o homem, de costas, serrava um osso, sobre o cêpo, ella, olhando para os lados, roubou-lhê o facão e enfiou-o na trouxa. Estava um cão faminto uivando á porta, esmolando migalhas.

— Crédo! "sô" Zéca! Tenha dó do cão... disse. Depois pegou a carne e sahiu.

Foi nesse dia que Nha Dita resolveu levar a cabo o seu sonho de vingança.

O ex-bombeiro chegou, querendo "algum dinheiro", olhar carnicheiro, gaforinha empomadada sobrando das abas do chapéu.

Enxotou os negrinhos para o quintal, sentou, comeu um caldo de herva com farinha e resmungou, enfiando os nickeis no bolso. Accendeu o pito e sahiu. Na venda do italiano parou, falou de fóra e continuou, com um embrulho no braço.

A mulher vinha atrás, espindo de longe; estacou irresoluta, encostada á esquina: esteve scismando, depois... Chegou, es-



piou e varejou pelo corredor a dentro, reivindicadora e furi-bunda.

A Bahianinha, deitada na rêde, de coxas trançadas, fumava vagarosamente, o braço gordo e nu cahido para o chão. O ex-bombeiro, de cabeça baixa, botava umas cordas no violão.

Nha Dita galopou sobre a rival, de facalhão nas unhas, ber-rando: Tóma, peste!...

A mulata, de susto, rolou da rêde, gritando por socorro. O ho-mem, rapido, arremessou o violão á cabeça da agressora. Mu-lher e instrumento rolaram pelo chão com estrondo. Ergueu-se, estonteada, e ainda se atirou contra a outra: abraçaram-se: ro-laram por terra, com as pernas de fóra... O sujeito interveiu, tomando a defesa da amante, esbordoando a mulher, pisando-lhe o corpo... A Bahianinha gritava, Nha Dita berrava, o ex-bom-beiro regougava, espancando.

A vizinhança acudiu, curiosa e avida de escandalo, cheia de cuidados hypocritas, "reparando" na casa. Veiu a policia e le-vou-os. Os magotes das esquinas e as caras bisbilhoteiras das ja-nellas foram desaparecendo.

E a rua soceguou...

Depois disso o ex-bombeiro abandonou definitivamente a mu-lher e passou a viver maritalmente com a Bahianinha. Mesmo porque aquella pobre da Nha Dita, ninguem mais sabia della!.. Diziam que mudara, fugira para longes terras; diziam que tinha enlouquecido e lá etava no hospicio, a ter allucinações com o "desgramado" do marido: diziam que tinha morrido...

Ninguem sabia onde parava aquella pobre "negra de Deus".

O homem, pouco se lhe dava sabê-lo. Tinha pegado birra com ella. E, demais, estava positivamente dominado pelos encantos da mulata. Quedava-se risonho, a vêl-a dentro de casa, para cá e para lá, o busto bem feito, as ancas arredondadas, o pé bonito, pequeno.

Agarrava o violão, dedilhando queixumes: ella vinha e, junto delle, na rêde ou no collo da espreguiçadeira, cantava tambem, com uma voz quasi bonita.

Bebiam licores baratos, beijocavam-se, mordiam-se...

Mas, afinal, aquillo não podia continuar assim. O dinheiro que havia, pouco, foi-se na calaçaria do homem, e ninguem vive de amores, ainda que impuros.

Por ahj começaram as primeiras rugas e os germens de futu-ras discordias, porque a mulata, petulante e desbriada, erguida deante delle, fizera umas insinuações, dizendo que poderia ga-nhar quanto dinheiro quizesse...

O ex-bombeiro sahiu furioso, batendo a porta da rua. Uma



cousa qualquer, uma como apprehensão ficara dentro delle, no peito, na alma, como um punhal cravado.

Entrou no botequim do italiano e pediu um trago. Havia gente abancada em roda, bebendo e cusbindo, dando á lingua.

— O'ia só! C'aquella idade e atrás de saia!...

Pôz attenção, virando a cara enfesada para as vozes. Quem havia de sêr?!...

O velho Souza, aquelle mesmo que sahia de tocha e balandrau nas procissões, dorminhocando pelas ruas, fungando rezas!...

Dizia-se que o sujeito tinha algo de seu, umas casas, letras da Camara dando bom cobre... Mesmo algum dinheiro enterrado ao pé do muro...

O negro botou o nickel e sahiu pensativo, com uma grande raiva dansando-lhe na cabeça. Nesse dia demorou fóra, mas, ao voltar, vinha empregado, e de pacóte com gulodices para a amasia.

O violão cantou de novo, pelintramente, e a voz aguçada da mulata ergueu-se no ar, tremulante, como a chamma da véla que o vento secode.

Parecia que a tranquillidade tinha descido, uma vez ainda, para a companhia de ambos.

Na vizinhança, amiude, rebentavam charivaris barulhentos de gente bebada e ouviam-se as mulheres esbordoadas berrando por soccorro. Havia correrias no becco, falatorios, choradeiras e a policia que vinha...

Punham-se a rir, os dois, enojados daquella vida miseravel dos outros, dos seus deboches e das suas bréchas, e da cadeia que os esperava.

Nesses momentos, a creoula, sentada nos joelhos do macho, beijava-lhe a barba, o cabello, fallando da sua fidelidade. O preto abraçava-lhe a cabeça, satisfeito e amoroso, inundando-lhe o cogote e os hombros de beijadas sensuaes.

Mas, na redondeza, as linguas se agitavam...

Caras curiosas tinham visto o da "tocha" entrar em casa da Bahianinha na ausencia do seu homem. Riam della, despeitadas e ordinarias, sabendo as economias do babão, vendo nelle um bolso facil de roubar.

Houve mesmo quem lembrasse de contar ao ex-bombeiro, toda aquella sordida trahição da amasia com o velho sexagenario. Mas tinham-lhe medo á sua coléra, ao seu chapelaço derrubado no olho... Limitavam-se a murmurar distrahidamente, em ar de conversa ingenua, quando o viam passar: — Então o da "tocha"!... O que mais não se verá, santo Deus!...

Parece que o negro desconfiou de alguma cousa... Andava mais casmurro, embezerrado, olhos ameaçadores para tudo...



Um dia appareceu em casa, inesperadamente.

A mulata estava para o quintal, a colher quiabos na horta viçosa, e cantarolava, sentada de cocras.

Esteve a olha-la, da porta da cozinha, indeciso e bestão:

— O' Saninha!... Ella virou para tráz uma cara espantada.

— Xé, homem! Você em casa, estas horas!... Garrô vadia-gem outra vez?...

Elle mudou de tactica, desconfiando, cada vez mais, de que a amante o trahia com o tal da "tocha".

Ia metter-se na venda do carcamano, a beber grogues, e dalli do canto, debruçado da mesa, ficava espiando o becco vasio.

Na vespera, tinha tido uma rixa feia com a femea, por causa de uns brincos novos que descobrira num gavetão.

A Bahianinha jurava que aquillo era "cousa velha", do tempo do seu agarramento com o Xéde sacristão, que lh'os dera numa noite de amôr, a troco do seu beijo quente e doce...

Elle roncou, disse pragas, de olho vermelho, querendo já esbordoar-la. Ella insistiu affirmar, em jurar, e — que podia perguntar "p'r'elle" se quizesse, para acabar com aquella ciu-meira.

— Diabo do inferno!... Punha-se agora, de atalaia no botequim, a olhar, a espera nem elle sabia de quê.

Mas, afinal, quem porfia mata caça... Era uma segunda-feira, desenxabida e quente. O velhote dobrou a esquina e entrou no becco, carcovado e tropego, de fraque marrão e bengala. Desceu pela calçada opposta, melifluo, canalha, e parou lá abaixo, em frente á casa.

O negro foi-se levantando e chegando mais para a porta, espiando, com uma ponta de cabeça de fóra.

O sujeito atravessou a rua, direito, e entrou...

— Que velho desgramado!...

O ex-bombeiro pagou a pinga, calmo, satisfeito e sahiu asso-biando. Veio descendo. Parou e entrou pela janella, sem bulha! Estava um zum-zum na varanda e os anneis da rêde gritando nos ganchos.

O typo erguia a voz, a momentos, uma voz molhada e palerma, dizendo o seu amôr, querendo que ella abandonasse "aquelle negro sujo" para ir morar com elle, "numa casa limpa, com mó-vel na sala"...

Resistia a Bahianinha, enjoada, fingindo zanga, gabando o seu homem.

O outro beijava-lhe o braço, o hombro nu, enfiando a cara pelo decote largo.

— Homem?... Um chimpazé!...



O negro surgiu no humbral, formidavel, de tranca de ferro na mão.

A mulher saltou da rêde, com um grito agudo, desarranjada, o peito de fóra.

O velho, de joelhos, pedia misericórdia, cobarde e chorão. O ex-bombeiro ergueu o ferro no ar e desfechou uma pancada céga, arrebrandando a cabeça do homem, espirrando sangue e massa pelos cantos.

A mulata deitou a correr, apavorada, pela porta da cozinha.

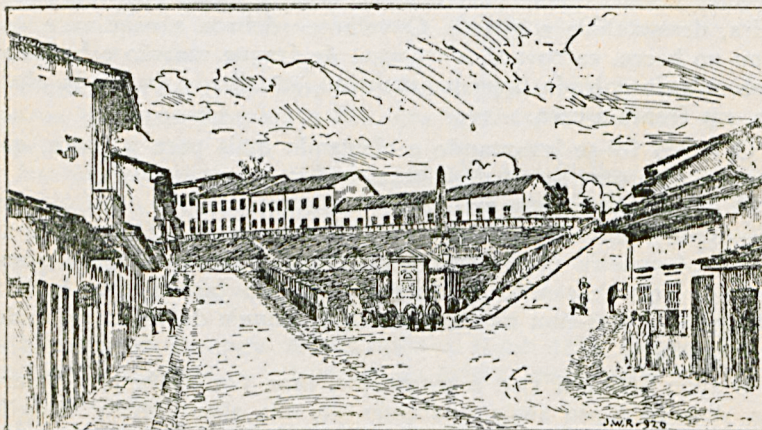
O amante, pela janella, atirou-lhe a tranca ás pernas. A mulher rolou a escada com um gemido profundo e cahiu lá em baixo, nas pedras, com as tibias quebradas.

Elle desceu, vagaroso, hirto, como um somnambulo, fóra de si, e veio ajoelhar-se aos pés da amasia.

Um fio de sangue raiava da bocca da Bahianinha para a orelha, e no canto dos olhos pairavam lagrimas.

Esteve pensando na grande dôr que ella soffrera, olhando o seu corpo martyrizado, perdido para sempre.

E cahiu num choro ruidoso, desesperado, agarrado á mulata, beijando-lhe a bocca sanguinolenta...



Largo do Piques.



## PAIZ DE OURO E ESMERALDA

POR

J. A. NOGUEIRA

Descia a noite sobre a cidade ruidosa. O céu brusco e enfumaçado lembrava um fôrro immenso de fabrica.

Leonardo, submerso em profunda meditação, caminhava um pouco ás tontas, pela avenida Rangel Pestana, rumo do chalet onde moravam, no Belemzinho.

O abalo moral que lhe causara a traição de Gina produzira-lhe doloroso sentimento de solidão, de angustia e de desamparo. Ia tão perdido em suas tristes scismas, que ao chegar junto ás porteiras da Estrada de Ferro, perto da estação do Norte, apesar da aglomeração de gente e de vehiculos, avançava abstracto, sem advertir que para passar, havia de esperar ou então dar volta pela ponte. Foi preciso que o detivesse impossibilidade material de continuar a andar. Viu-se assim acotovellado no meio da multidão que anciosa aguardava a passagem do trem. E o aspecto daquelles pobres carroceiros, carregadores e operarios, apinhados alli, e pelas proximidades determinou a direcção das suas idéas.

Ultimamente, com a decepção que tivera, cahira em grande desalento. Até o seu entusiasmo pela Reforma Social andava repassado de amargor. Recapitulara de si para consigo a evolução dos ideaes e verdades que se succedem de epoca em epoca, todos igualmente violentos e inflammados nos começos das eras novas, assim como caducos, moribundos e sem prestigio sobre os espiritos após algumas gerações. E a visão dessa repetição eterna e monotona enchia-o por vezes de cansaço e desengano, como se fôra condemnado á semelhança de um Ahasverus a as-

sistir ao desfilar dos seculos, com as suas esperanças e desillusões incessantemente renovadas.

A vista daquelles homens maltrapilhos e sujos, condemnados ao trabalho de manhã á noite, ao pé dos grandes edificios, das obras da industria, dos prodigios da civilização, fez-lhe sentir mais uma vez indefinivel tristeza. E perguntava-se, com desanimo, se valia bem a pena de lutar tanto para que individuos e povos se subvertessem todos na mesma voragem das cousas ephemeras e irremediaveis.

Nisto passou o comboio fragorosamente, imagem materialisada em ferro e fumo do genio de um seculo pesado de injutiças e oppressões disfarçadas ironicamente em luzes, direitos e progressos. Abriu-se a porteira e a multidão precipitou-se. Leonardo deixou-se ficar para traz e, seguindo vagarosamente, alcançou o passeio do lado opposto.

Sentia-se tão só e parecia-lhe tão sombrio aquelle barulhento entardecer, na cidade, que um gelido sopro de Ecclesiastes lhe passou um momento pelo generoso coração. Só uma cousa se lhe afigurava naquelle instante como certa. E' que os homens só repousariam e respirariam de maldades e explorações quando cessasse a vida... Nunca haviam de aportar a esse paraíso tão suspirado onde não houvesse mais luctas, competições, carneficinas e dores de toda a casta. Pois que significavam os ideaes de felicidade e egualdade senão o nada, o não - ser?

Mas será isso razão para abdicarmos? pensou. Será por acaso preferivel a existencia pequenina e esteril do bruto, que se contenta com os prazeres materiaes? Embora todos os esforços venham a resolver-se em poeira e disparar em desillusões, não valerá a pena de lutar por lutar, de sonhar pela alegria de sonhar, de apaixonar-se a gente pelos ideaes de seu tempo e de sua geração?

Taes interrogações deslocaram o seu ponto de vista do absoluto para o relativo. Certo cada epoca tinha o seu ideal e a sua verdade: Não havia uma verdade, mas milhares de verdades. Fosse, porém, como fosse, era preciso uma fé para se elevar a vida e tornal-a digna de ser vivida. E tudo indicava que estavamos atravessando um momento de universal expectativa angustiosa. Todos os velhos idolos tinham perdido seu ascendente no espirito dos homens. A descrença, o amollecimento das vontades, a desorientação, a ausencia de consolação e arrimo para as almas revelavam-se mais ou menos em todos os paizes. Como na decadencia do Imperio Romano, havia como que espalhada no ar uma sêde ou ancia de um ideal novo, que viesse levantar e exaltar o esforço humano. Era o mesmo afan na bus-



ca de novas regiões de esperança, na escalada de novos céos... Uns apellavam para um neo-espiritualismo, outros para as mais blasphematorias negações, todos inquietos espreitavam os espaços e sonhavam com o apparecimento de novos sóes. De nenhuma outra parte, porém, parecia poder vir a salvação com tanta força e probabilidades de victoria do que das camadas mais humildes dos desherdados e opprimidos. Pouco importava que fosse essa ou não a verdade e a justiça, porque afinal a verdade e justiça são puras creações humanas... O que importava é que consolasse e amparasse as almas, fascinasse e embriagasse a pobre humanidade, em sua eterna corrida para as metas ironicamente moveidas ou os horizontes que recuam sempre de esplendor em esplendor...

Leonardo todo entregue a essas meditações, voltava insensivelmente ao seu fervoroso optimismo, apenas obumbrado um instante pela tristeza da hora e a recordação ainda pungente da traição da moça com quem sonhára para companheira. Todos os recantos de seu ser povoavam-se mais uma vez de esperanças. Que importava o procedimento de Gina? Não fôra ella victima das desigualdades sociaes? Vendera-se como tantas milhares de filhas de proletarios se vendem diariamente. E chegava a perdoar-lhe no fundo de sua alma. Era porventura responsavel por ter que disputar sósinha — tão fragil e pequenina! — um pedaço de pão á força monstruosa e aniquilladora da hydra de cem cabeças que é o capital?... O certo é que nas mais impenetraveis escuridades de sua subconsciencia batia azas — oh! com que secreto movimento que nem a si mesmo confessaria! — a esperança tenaz de um dia redimir tambem a ella...

E os antigos sentimentos, que estiveram um instante como que sopitados em desgosto, volveram á tona com tanto maior fervor quanto agora estava mais só e mais necessitado de consôlo. Doravante, mais do que nunca, teria por irmãos aos pobres operarios. Consagraria á sua causa toda a sua vida e todos os seus haveres. E enternecia-se, re-experimentando os estados de alma provocados pelas paginas outrora lidas. Vinham-lhe á memoria em ondas de fraternidade humana "Os Maus Pastores", de Mirbeau, os angustiosos romances russos, o jornal "Les Temps Nouveaux", e "O Mundo Redimido", as obras de Reclus, Kropotkine e Malatesta, emfim toda aquella athmosphera de revolta e mysticismo de que se saturára a sua extrema sensibilidade. Revia com ternura as physionomias dos *camaradas* e tornava a sentir a mesma piedade pelas operariasinhas que, nem bem amanheceu, iam em bandos garrulos para as fabricas e arma-



zens. Dir-se-ia que o frescor rosado daquellas manhãs em que tantas vezes fôra ver passar Gina lhe inundava novamente a alma. Aqui uma pontinha de esperança indecisa lhe acenava para felicidade muito pessoal, algo de mysterioso e enigmatico, uma como saudade da Cidade Futura, onde teria querido poder ir encontrar o seu amor... Era que o seu coração dolorido presentia immenso despontar de alvorada por sobre os horizontes encantados de uma terra nova, uberrima e inesgottavel, futura patria universal, bemdito paiz todo de ouro e esmeralda...

## XXXV

Essa noite Leonardo teve um sonho á maneira de Hippolyto Dufresne.

Levantando-se pela manhã como de costume, sahiu a tomar o bonde para o centro da cidade. Mas com assombro que tocava as raias de um deslumbramento não reconheceu mais as ruas de S. Paulo. Tudo se havia transformado como por obra de alta magia. Ao envez de sordidas casas que se amontoavam e agglomeravam, empurrando-se umas ás outras pelas viellas do Belém e do Braz, eram largas avenidas ladeadas de edificações simples, hygienicas e floridas de encantados jardins de Armida. O céu claro e abençoador estava semeado de passaros mecanicos, tripulados por seres humanos que mais pareciam creaturas aladas, formosos cherubins tranquillos e fraternaes. Apenas chegou á altura onde suppunha iria tomar o seu bonde, dirigiu-se ihe, sorrindo maviosamente, uma linda figura de androgyna ou de ephebo, trajada á masculina, mas de sedosos cabellos cacheados e com uns modos de olhar reinadios, salpicados de pontos de ouro. E disse-lhe encantadoramente:

— Eu sou Ginon, camarada. Queres dar-me o prazer de vir commigo no meu aeroplano? Deixar-te-ei no logar para onde te destinares. Hoje estou de folga, de sorte que poderei levar-te a qualquer parte, ainda que seja á Guanabara ou á Cidade das Minas... Esta andorinha tem azas de vento... Como te chamas, camarada?

— Chamo-me Leonardo... Mas tu não és Gina?!

— Gina! Que idéa! Sou Ginon, camarada... Superintendo uma zona de raios no extremo sul da União Fraternal Americana. E', como vê, um officio bem leve, porque os patagões, de ha muito, perderam a velleidade de fazer incursões pelos terri-



torios que fazem parte da Harmoniosa Confederação dos Povos...

Leonardo não cahia em si do meio enlevo, meio estupor em que se achava. Aquillo tudo ultrapassava os limites de suas mais arrojadas previsões do futuro. Lembrou-se então de haver lido em um dos seus auctores estas palavras propheticas: "Até chegarmos a uma modificação total da sociedade escoar-se-á uma duração geologica. Os homens desse porvir longinquo serão taes que a um pensamento actual seria impossivel comprehendel-os. O que lhes diz respeito é um verdadeiro conto de fadas. O certo, porém, era que esse maravilhoso conto de fadas estava alli visivel e palpavel diante d'elle. Dissimulou o seu espanto e disse o mais naturalmente que poude:

— Está bem, camarada Ginon. Aceito o teu offercimento. Podes levar-me ao extremo sul da União Americana... Mas de caminho explica-me a organização social em que vives... Porque devo dizer-te, embora não possa comprehender como isto se passa, — venho do seculo XX da era christã e ignoro completamente em que epoca estou...

Aqui o ephebo mostrou-se surpreso, se bem não tanto como era de esperar.

— E' extraordinario, retrucou. Alguns dos nossos sabios pretendem ter descoberto um processo de embalsamamento em virtude do qual póde um ser humano, segundo asseguram, jazer em estado de mumia seculos ou millenios para, no momento dantemão marcado com uma precisão mathematica, tornar á vida com o mesmo vigor da idade em que se submetteu ao tratamento interruptor das funcções physiologicas... Mas o que eu ignorava é que já no seculo final da "era sombria" semelhante cousa tinha sido praticada. Dahi vejo que não têm razão os que chamam a epoca donde vindes de pre-scientifica ou de tenebrosa barbaria. Mas vamos, camarada, afim de tomarmos refeição numa das villas de ouro que separam o Paiz das Esmeraldas da Icaria Azul-prateada...

Nisto tirou de uma bolsa que trazia á cintura uma especie de cofreinho transparente e, apresentando-o a Leonardo, acrescentou com delicioso sorriso, a tempo que se lhe desenhava no mento uma encantadora covinha relembrativa da Venus de Milo:

— Respira isso, camarada. Do contrario, não supportarias a velocidade com que vamos atravessar por cima das Communas Verdes...



Elle recebeu o frasco e levando-o ao nariz, sorveu com delicia um como odor fragrantissimo e capitoso, que lhe proporcionou estranho bem-estar. Tomaram assento na machina volante e seguiu-se esfusiada de sonho. Lá embaixo a terra amiga e redimida desfilava vertiginosamente coberta toda, quasi que sem interrupção, de architecturas insonhadas, rodeadas de campos cultivados, de florestas, de jardins, de parques nunca vistos... Era um mundo novo e maravilhoso.

— Explica-me agora uma cousa, disse então Leonardo... Em que data estamos, se é que vigora a antiga chronologia?

— No anno 521 da libertação de Prometheu... respondeu tranquillamente o estranho personagem. E teve a complacencia de ajuntar uns esclarecimentos: Prometheu é um antiquissimo symbolo que se perde na mais remota noite dos tempos. Com certeza ouviste fallar nesse mytho, que é muito anterior á epoca em que nasceste...

— Perfeitamente... Era a imagem da humanidade acorrentada ao soffrimento...

— ... á miseria e á fome... O soffrimento é eterno e é um grande bem... Mas depois de uma immensa guerra que ensanguentou a terra, nos começos do seculo XX, em que foste embalsamado, — depois que uma grande nação inaugurou o regimen collectivista, dando origem ás tentativas e desanimos que envolveram os povos em mais de cem annos de desordem, levantes e revoluções, surgiram afinal os Tyrannos Bons, que impuzeram rythmo ás forças dispersas, lançando os fundamentos da Harmoniosa Confederação dos Povos... No dia em que as explorações e usurpações desapareceram da face do nosso astro, lembraram-se do velho symbolo e a nossa era ficou chamando-se “da libertação de Prometheu”... Parece mesmo que houve um propheta ou vidente europeu que annunciou esse acontecimento em plena barbaria do seculo XIX...

— Refere-se talvez ao inglez Schelley...

— Não me recordo bem... Mas logo á noite consultarei a respeito o meu aparelho de phono-paleographia... Verás, camarada Leonardo, como elle funciona com admiravel precisão... Foi uma linda aquisição que fiz... O interessante é que se adapta a um engenho photo-cinematico tão perfeitamente, que poderemos percorrer juntos todos os successos de teu seculo, como se lá estivéssemos vivendo... Depois has de dizer-mê se não é exacta a reconstituição das menores cousas...

Neste ponto Leonardo quedou triste e pensativo. Em seguida disse com amargor:



— Vejo com dolorosa surpresa que ainda existe *o meu e o teu*, que a nova ordem não aboliu a odiosa propriedade individual...

— Como não, camarada! atalhou Ginon. Cuida acaso que os polvos monstruosos da “era sombria” não desapareceram todos? Verdade é que persistem alguns abusos e males. O rythmo social não attingiu ao mais alto gráo possível de perfeição relativa e humana. Mas á terra, o ar, a luz, com os seus fructos e applicações, são patrimonio commum de todos os homens... Isso, porém, não quer dizer que a gente não possa gozar e utilizar os bens da vida... Ha ainda e ha de haver sempre ricos e pobres, porque uns são mais bem dotados que os outros... Mas quem faz a maior ou menor riqueza de cada individuo é a natureza-céga, e não o máo funcionamento ou desharmonia das forças sociaes... Todos podem fruir da existencia, na medida da sua capacidade; mas ninguem póde accumular em detrimento dos outros... A vida ainda é lucta, mas lucta *leal*, lucta das forças *reaes*, e não ficticias. Depois todo ser humano é sempre um irmão...

— E o problema dos sexos, camarada...

— A distincção dos sexos é assumpto de ordem muito intima e privada. Só os filhos interessam á União Fraternal... O resto...

Aqui Ginon baixou as palpebras, com os longos cilios a tremer.

— O resto, camarada, é a mais nobre e mais livre das outorgas. O instinto primitivo transfigurou-se em belleza e divindade...

— Até que enfim exclamou o moço — a pobre humanidade descobriu o segredo da paz e da felicidade!

— Paz e felicidade são cousas com que muito se occupam os nossos poetas, atalhou o androgyna. Por ventura o camarada foi poeta, na “era sombria” onde viveu a primeira parte da sua vida?

Leonardo olhou fito para o singular companheiro, a ver se descobria alguma expressão de ironia no seu rosto. Elle, porém, parecia tão absorvido em dirigir o vôo do aparelho, que desistiu de decifrar o enigma. Calou-se e entrou a observar com extrema curiosidade uma especie de passaro *roca* que crescia muito alto no azul.

— Que vem a ser aquillo, camarada? perguntou, apontando para a mancha escura.



— Creio ser um expresso marciano que se dirige para a Christantemía. Ah! no teu seculo, lembro-me agora, o nosso planeta ainda não tinha encetado communicações com os demais astros... Pois o camarada vae ter occasião de conhecer os habitantes de meia duzia de patrias diversas... A nossa patria é a terra... E' pequenina, camarada; mas é a nossa casa, a nossa amada casinha... Não lhes invejemos o esplendor. Porque nós temos o *sentido* da vida e conhecemos o Amor...

— Graças aos deuses bemfazejos ainda ha Amor debaixo do céu?! exclamou Leonardo deslumbrado, pois suspeitára, em vista dos modos singulares de Ginon, que o coração humano se tivesse despojado — ai! — de todos os antigos sentimentos.

— Porque dizes *ainda*, camarada, como se na "era sombria" de que procedes fosse o amor conhecido e praticado! Pois se o Amor, o Amor Universal é cousa recentissima, que se começa apenas a organizar no mundo!... E uma das maiores glorias de nossa patria — a Terra — consiste justamente em ser a annunciadora do Amor entre os demais seres do Infinito...

Aqui Leonardo despertou estremunhado e, recordando vivamente a traição que lhe ihe inflingira a chapeleirinha, sentou-se no leito com o coração atravessado de lado a lado por dilaceradores soluços de sangue, e levando as mãos aos olhos chorou como uma creança: — "Ah! Gina! Gina! Acabo de sentir o que poderias ter sido, se uma fatalidade melhor te houvera guardado para a Cidade Futura. Pobre victima da maldade dos homens! Quando ha de chegar o dia da tua redempção!"

(*Continúa*).





## A ARTE NACIONAL

POR

RAUL POLILLO

O numero dos artistas brasileiros cresce continuamente e, no entanto, a arte nacional continúa em embryão. Dentre os artistas e, principalmente dentre os escultores e pintores, depois do saudoso Almeida Junior, talvez não se encontre um que, atravez de suas obras, demonstre ser puramente nosso. Geralmente suas telas vivem de plagios moraes, evidentes. São bonitas, não bellas, mesmo considerando-as como obras de arte universal. Quando muito, agradam aos nescios ou aos leigos em arte.

Perguntae a um pensionista do Estado porque pintou uma "Madona", uma "Magdalena" ou outra obra qualquer, e elle vos responderá que assim o fez porque admirou uma tela igual de Raphael, muito considerada na Europa; porque gostou do assumpto, ou, ainda, porque Andréa del Sarto, Sebastiano del Piombo, Rubens ou Dürer attingiram a gloria tratando assumptos semelhantes.

Nunca vos dirá que pintou por sentir a necessidade imperiosa de desenvolver este ou aquelle thema. Dahi a falta do caracter nesse ramo de arte, e ainda mais de caracter brasileiro.

Para provar que a pintura pode ser nossa e moderna, sem plagiar autores ainda que famosos, é sufficiente um ligeiro exame das obras estrangeiras. Consultando-as vemos que as ha de caracteres infinitamente diversos.

Examinemos, por exemplo, as da escola veneziana, florentina, ou napolitana. Todas ellas têm o caracter local; são muito diferentes entre si, mas não desmentem a flagrante sensação de italia-nidade e são estupendas como obras de arte moderna. Marcham de par com a evolução universal e, como vestaes magnificas, con-



servam o caracter da sua nação, da sua provincia e da terra, as vezes tão limitadas em territorio quão escassas em bellezas!...

As obras francezas distinguem-se das italianas, das hollandezas e mesmo das flamengas, com as quaes, apesar de tudo, teem muita affinidade; e possuem sempre a nota accentuadamente moderna e o esvoaçar grandioso das poderosas innovações geniaes, sem desmentir, por um momento sequer, a sua nacionalidade.

Ora na variação do colorido predominante, ora nos assumptos ou themes desenvolvidos, ora na maneira de sentir a psychologia do factu ou na argumentação complementar das luzes e das posições, vivem poderosamente o caracter nacional e a individualidade do auctor.

As obras do illustre Michetti são extraordinarias; os themes poderiam muito bem ser da Allemanha, da França ou da Russia; quando os examinamos, porem, sentimos que são themes italianos ao menos pela maneira com que o artista se exprime.

As scenas predilectas do francez Enjolras podem passar-se em qualquer toucador de qualquer nação; apesar disso, vendo-as e sentindo-as, convencemo-nos de que são puramente francezas. Têm o *quid* mysterioso da nacionalidade. E quando fossem assim executadas por artistas allemães ou italianos, não poderíamos deixar de sentir terem elles agido sob a influencia do francezismo, mentindo, portanto, ao seu caracter nacional.

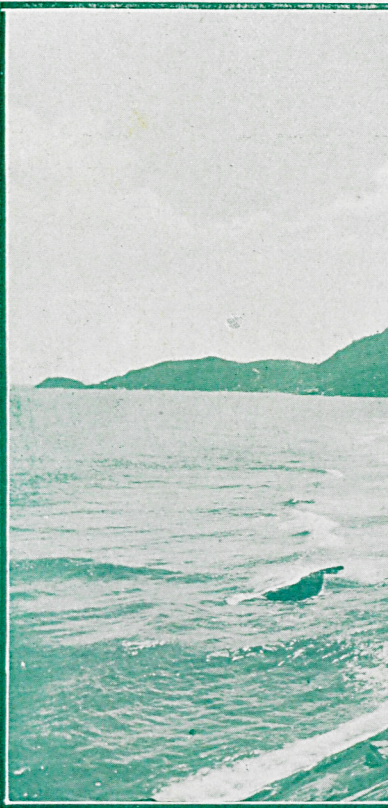
Nós, os brasileiros, não temos e, talvez, estejamos longe ainda de possuir obras de caracter nacional; a nação não gosa de independencia artistica; as obras dos nossos autores andam impregnadas de influencias extranhas ao nosso clima, aos nossos costumes e ás nossas tendencias.

Qual a causa deste mal? E' facil advinhal-a quando se toma em consideração a educação artistica dos nossos pensionistas. Vejamos: — o alumno sahe da Escola Nacional de Bellas Artes com o premio de viagem e a cabeça repleta de phantasias absurdas, insufladas pela leitura assidua de um dado autor que, mais do que um critico, é um literato apaixonado; este, ao em vez de examinar a obra como um clinico examina um cliente, faz uma descripção literaria, cheia de bellos floreados, metaphoras e outras cousas que impressionam o artista.

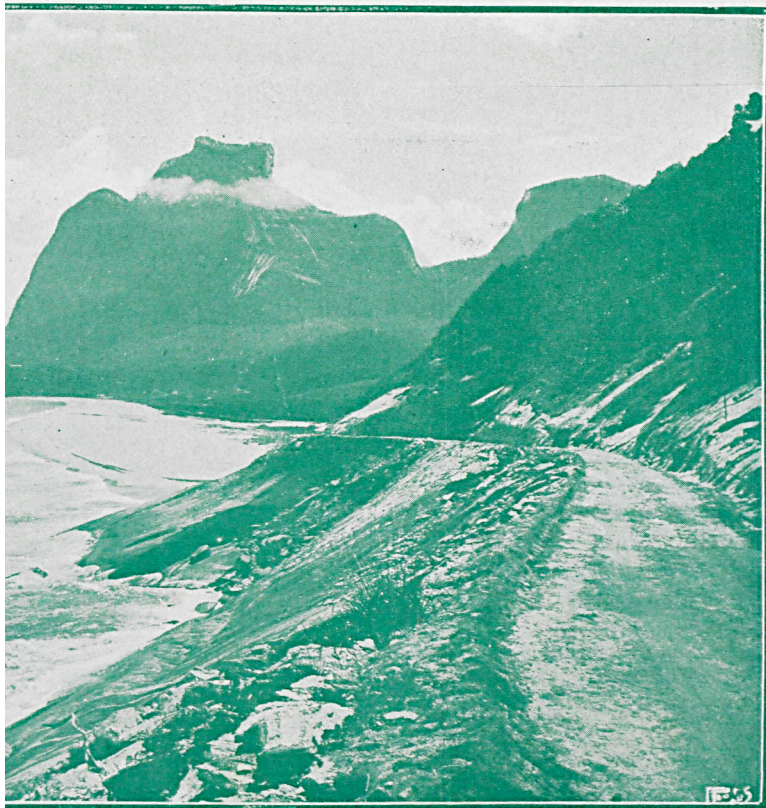
Assim, por exemplo, de um sorriso banal da "Gioconda" faz toda uma inteira psychologia completamente imaginaria, não existente. Enlevado com essa leitura, o alumno chega a Paris, vae ao *Louvre* e vê o quadro. Enorme decepção! Allí, diante da obra tão decantada, o alumno *sente* que a "Gioconda" é celebre pela sua historia e por ser de Da Vinci, mas que Da Vinci nunca attin-



cm 1 2 3 4 5 6 7 **unesp** 10 11 12 13 14 15 16



RIO DE JANEIRO



Gávea. Avenida Niemeyer.

da arte verdadeira; a copia é coisa abominavel; e quanto ás composições podemos objectar o seguinte: assim como não se chama um alumno do 2.º ou 3.º anno da Faculdade de Medicina para praticar uma operação, tambem não se deve exigir do alumno de uma academia de bellas artes uma composição; quando muito, seria razoavel um *estudo* para composição.

Além disso, é sabido que as academias não formam os bons artistas; de modo que, para bem estudar, o alumno deveria ir trabalhar de preferencia no *atelier* de um artista de reconhecido merito, e especialmente designado pelo governo, si possivel fosse. Allí, só com a frequencia, sem executar cousa alguma, simplesmente com o auxilio da observação, ganharia mais em um mez do que em dois annos de academia. Estudaria a verdade mais por intuição que por execução, e aprenderia a representar o que a alma sente, não o que suppõe sentir.

Nas academias o estudo das cores é de mesquinho desenvolvimento; o alumno apaixonava-se por côres *quentes* ou *frias* não porque as *sinta*, mas porque as vê usadas com franca acceitação. Fica depois sabendo de memoria que o céu, em dia calmo, deve ser azul claro com uma pontinha de verde; que na aurora o céu avermelha-se na linha do horizonte e tem alguns reflexos de luzes brancas denunciativas do sol; que no crepusculo esses reflexos devem ser contrastados com luzes azues ou verdes; aprende mais que a matta é escura no primeiro plano, amarellada no segundo e azulada no horizonte.

Entrementes passam-se os cinco annos de pensionato. Volta ao Brasil. A critica não faz aqui considerações sérias, ou melhor, a critica de arte, entre nós, não existe ainda. Se algum jornal fala do novo artista, usa de palavras tão lisonjeiras que quasi sempre redundam em prejuizo do lisongeado.

Convencido de que é um grande, o recém-vindo expõe trabalhos executados no velho mundo, e alguns, muito poucos, aqui. E logo á primeira vista nota-se que pintou uma paisagem brasileira com as côres predilectas de Vandyck, de Tiziano, de Paulo Veronese e assim por diante. São essas, naturalmente, côres muito bellas, mas numa paisagem nossa não correspondem á realidade. E resalta, então, a prova de que o artista não aprendeu a *sentir* as côres; decorou-as, ou melhor, usou-as com a receita na mão (como ironicamente se diz nos ateliers). Nada mais verdadeiro, pois, do contrario, pintaria paisagens brasileiras com côres brasileiras e não venezianas ou flamengas.

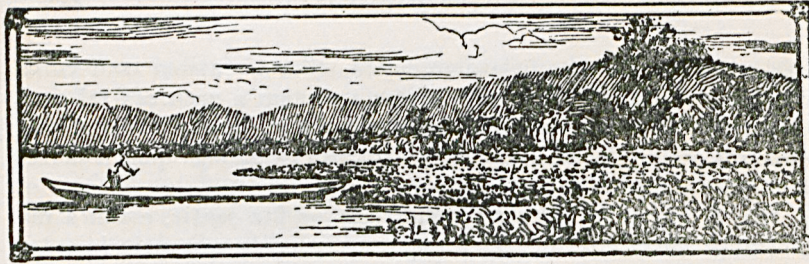
Deduz-se dahi que a causa de todos os males reside na má educação do sentimento do artista. Si chamássemos um Dall'Oca Bianca, um Mentesi, um Carrière ou um Enjolras, ou todos jun-



tos, para pintar uma paisagem nossa, elles o fariam com cores nossas. Porque ? Porque são *artistas* e sentem a natureza tal qual ella é; e diante duma floresta do Amazonas sentiriam que não estavam diante da natureza flamenga, pois é sabido qual a differença entre o colorido nosso e o europeu.

Não é, portanto, falta de talento que se faz sentir, e sim a má educação desse talento. Si fosse prodigalizada aos principiantes uma educação severa como a que costumam dar a si proprios certos artistas estrangeiros, a nacionalidade da arte no Brasil estaria já adiantada, como succede na Argentina e mesmo no Uruguay. E poderíamos, acompanhando com segurança as evoluções europeas, ter trabalhos modernissimos, mas com a indispensavel caracteristica brasileira...





## LOBO DO MAR

POR

SEVERIANO DE MIRANDA

O illustre advogado, príncipe da tribuna judiciária e da elegância dos salões, num gesto que lhe é peculiar e no qual põe toda a sua distincção de maneiras, levou o indicador á altura do labio visando afastar para a direita e para a esquerda os fios do bigode e, como os não encontrasse, pois se tinha americanizado na vespera, ageitou com mãos ambas o pince-nez disfarçando o enleio (só Mademoiselle teve hombridade para sorrir) e sentenciou:

— Convenhamos, senhores. Um homem para distinguir-se num meio estritamente profissional, fóra do julgamento em grosso do grande publico, precisa de uma bagagem de conhecimentos que os chamados *electricos* de hoje não podem possuir...

— Perdão, acudiu o sympathico jornalista, a época dos não-preparados passou e não serei eu quem vá sacudir a poeira em que jazem enterrados, victimas das proprias munições que accumulavam para atirar-nos aos olhos, mas estou convencido de que, um ou outro, por fas ou por nefas, consegue impôr-se á admiração dos seus mais eruditos collegas.

— Por exemplo..., sempre conseguiu arriscar, com intimo desaforo a viuva do general, que até então não tinha vindo á tona do assumpto, num grande enervamento por estar em cheque o seu prestigio de mulher de espirito.

— Oh! Madame. Não calunnio sem provas. Pela authenticidade do facto que vou referir empenho a palavra do meu Director.

Todos fizeram o gesto, apenas o gesto de approximar as suas cadeiras em signal de attenção expectante, mas a irmã da generala, sentada ao sofá com o jornalista, enocntrou maneira e ensejo de chegar mais as suas ao orador, como mulher de corpo... da guarda velha, digo, da velha guarda.

Este, o orador, seguindo a praxe decadente, em desuso mesmo, afinou as cordas vocaes em ré bemol, concertando a garganta, mas desconcertou em seguida porque, com o susto provocado, o pomerania de mademoiselle escapou para o jardim. Mademoiselle correu alegremente ao seu encalço e o joven tenente julgou indeclinavel o dever de auxiliá-la na captura do intelligente animal.

Decorridos alguns minutos durante os quaes os circumstantes aguardaram os recemsahidos, aproveitando-os (os minutos) para recompor o ambiente, o brilhante periodista, para não prolongar a falsa posição que é regra mathematica nesses e em casos mais, atacou o assumpto com emphase e forte colorido:

— Num meio estrictamente profissional... (Não me furto ao prazer de interromper quem está com a palavra para responder á interrogação tacita de alguns leitores curiosos, declarando que mademoiselle e o obsequioso tenente não regressaram ao salão, arido demais para elles, deixando-se ficar em delicioso *tête-à-tête* no jardim.

Quanto a Loulou direi que o epitheto de intelligente lhe cabe por direito de conquista porque a sua fuga foi premeditada com o fim de garantir um merecido habeas-corpus á sua gentil senhora, truc aliás largamente explorado por ambos e de concerto. Dirão os senhores exigentes que isso não revela argucia do animal e sim educação ou treinamento e que os papagaios tambem fazem cousas muito apreciaveis. Eu volvei em replica, explicando miudamente que a argucia se manifestou na maneira como Loulou apanhou a oportunidade por uma perna, dando ao seu susto aparente o aspecto de causa occasional da evasão.

Tenho provas outras de criação mental do animalzinho e fico á disposição dos que se interessarem pelo assumpto, mas por ora sou forçado a fechar esta parenthesis já bastante longa, sufficientemente longa para que mademoiselle leitora consigne tambem o pretexto do seu pomerania).

— Num meio estrictamente profissional, apartado do *pecus inconciente*, como diria o Dr. Afranio, e pois de accôrdo com as premissas estabelecidas, Jeroboão Villa-Nova, ignorante de todo na sua profissão, conseguiu boquiabrir, assombrar litteralmente os seus mais eminentes collegas numa questão puramente technica.

Jeroboão privava num dos Estados do norte e exercia proficientemente a pratica de banqueiro de jogos de azar. Bafejado sempre pela sorte, procurava entretanto prudentemente pôr-se em guarda contra a eventualidade de um máo jogo do azar. Receiava uma partida ao xadrez, jogo que nunca cultivára por exi-



gir dispendio de energia mental que elle preferia empregar em evital-o.

De facto a policia, representando a sociedade, adopta o máo costume — a que chamam policia de costumes — de dissecar a vida alheia, exigindo para qual uma profissão, e por isso Jeroboão andava a procura de um rotulo.

A patente de invenção da briosa, forjada para encobrir, já quasi denuncia ausencia de titulos ao portador e assim resolveu Jeroboão entitular-se, intitulado-se qualquer cousa de mais official do que guarda nacional.\* Sonhava mesmo em envolver-se, como num manto de protecção, no panno verde dos resposteiros do Estado.

Dispondo de excellentes amizades, conseguiu, num exame de occasião, arrancar um diploma de piloto de longo curso, dignidade que passou a figurar, para os seus fins, no seu cartão de visita.

E assim o batel da vida do novel piloto singrou mansamente por muito tempo até que appareceu o primeiro rochedo.

A morte subita do commandante de um navio e a falta de carta superior constituindo impedimento para que o immediato assumisse immediatamente o commando, foram bater á porta de Jeroboão, unico piloto presente na cidade, na occasião, entre os registrados na capitania.

Debalde Jeroboão allegou as excusas mais accitaveis. O capitão do porto, assediado pelos armadores, intimou-o formalmente, sob as penas da lei, a tomar a direcção do barco que devia zarpar nessa mesma noite, com rumo ao sul.

E foi assim que Jeroboão Villa-Nova, banqueiro de profissão, mas marinheiro de primeira viagem, tanto na legitima como na segunda accepção do termo, assumiu ás vinte e uma horas desse dia as suas elevadas funcções trocando as primeiras impressões com o immediato, homem nascido no mar, sessenta annos atraz.

Começou por declarar ao seu auxiliar, insinuando delicadeza de sentimentos, que, universal que era a sua reputação de profissional competente, lhe confiava a direcção do *seu* navio, direcção que só não lhe fôra adjudicada officialmente por falta de uma formalidade e mais que só o procurasse no character de commandante num caso de importancia capital.

E recolheu-se ao camarote esperando que a sorte que o não desamparava, evitasse esse caso de *importancia capital*.

---

\*O A, rendendo homenagens ao Exército e á sua 2.<sup>a</sup> Linha, cuja linha actual é de primeira, declara em tempo que as linhas acima foram escriptas antes da reforma da G. N.



A sorte não lhe falhou, como sempre. A viagem quasi era um passatempo nessas condições e, já senhor de si, pensou, durante o somno tranquillo, nas gordas propinas com que lhe acenaram os armadores perante a sua recusa.

Além disso o tempo era magnifico. No dia seguinte ao acordar, accôrdou Jeroboão mais uma vez consigo mesmo que era um predestinado da fortuna. E divertiu-se alegremente com os passageiros contando aneddotas picarescas, até ás 10 horas da noite, hora em que o navio deu entrada no porto immediato.

Na manhã seguinte Jeroboão entregaria o paquete a um outro capitão contractado telegraphicamente e regressaria á sua terra despido de responsabilidades e guarnecido de gloria. Um successo!

Antes de mandar parar as machinas, porém, o immediato, num requinte de distincção a quem tanto devia em gentileza, interrompeu a palestra do commandante pedindo que lhe indicasse com quantos ferros deveria fundear.

Chegou para Jeroboão o seu momento fatidico. Sem a minima noção dessa questão eminentemente, visceralmente technica, Jeroboão comprehendeu que uma resposta falsa seria a perda de todo o seu prestigio alli e algures, seria a derrocada e, appellando para toda a sua finura enquanto vagamente o olhar corria o horizonte á busca de uma idéa, retorquiu com firmeza, no tom de quem diz a ultima palavra: fundeie com todos!

Disse e continuou a prosa interrompida, intimamente satisfeito com a solução *vinda do céu*, a qual, não precisando numeros não trahia por isso mesmo a sua ignorancia nessa questão que Jeroboão percebia ser banal para o ultimo moço do porão.

Cumpridas as ordens não tardaram os commentarios mais pihéricos sobre o caso sem precedentes: sob um tempo segurissimo, um navio fundeado a quatro amarras!

As tripulações dos barcos ancorados no porto correram ás amuradas. Era de morrer de rir...

Como porém tudo passa, passou tambem a troça dando lugar ao somno reparador em que mergulharam aquellas almas, cansadas da faina de um dia exhaustivo.

E a noite foi povoada de sonhos roseos para todos, como acontece quando a gente adormece acalentada pelo mar, ao balouço hypnotico de bordo.

Subito, pela madrugada, com surpresa e panico geraes, um ribombo aterrador despertou o porto inteiro.

O vendaval já se havia installado sem tempo de defeza. O tufão impetuoso arrastando a superficie das aguas em turbilhões de vagas colossaes, sacudia os cavernames das frageis cas-



cas de noz que estalavam como nozes comprimidas numa alavanca de segundo genero.

O horror pairou no espirito daquella gente, affeita embora ás crises epilepticas do mar.

Todos buscavam um ponto de apoio no sólo fugidio emquanto o pensamento subia para os céos.

Mas, depois da tempestade... o dia amanheceu radioso e lindo como uma apothese!

Só então, no dominio de si mesmos, os tripulantes do "Castalia" julgaram penetrar o alcance, o descortino do seu capitão e, diminuidos pela lembrança de seus risos da vespera, tomados de um respeito quasi supersticioso, erguendo hurrahs, carregaram-n'o em charola, por todo e a todo o vapor, agradecendo com lagrimas caudalosas a vida que lhes conservára com o seu golpe providente e seguro ao fundear.

O "Castalia", só, na amplidão do porto, embora avariado, mantinha uma nobre attitude de heroe, firme na segurança ferrea das suas quatro amarras.

Os outros navios... garraram todos e fundearam para sempre.





# LINGUA VERNACULA

POR

A. CARDOSO FRANCO

I

## DOUTOR

*Doutor* era a designação que, antigamente, a Igreja dava com especialidade áquelles santos que mais escreveram, e cuja doutrina foi mais autorisada e geralmente seguida por muitos seculos. Contam-se quatro doutores da Igreja grega, e outros tantos da latina. Posteriormente ao duodecimo seculo deu-se esse nome a varios theologos escolasticos, cujos escriptores são tidos como fontes da verdadeira doutrina christan, com um epitheto especifico que denota particularmente em que consistia o seu merecimento. Taes são o de *angelico* (Santo Thomaz de Aquino); o *serafico* (São Boaventura); o *melifluo* (São Bernardo), etc.

“Santo Agostinho *doutor*,  
Jeronymo, Ambrosio e Thomaz,  
Meus pilares,  
Servi aqui por meu amor,  
E qual melhor.”

(Gil Vicente, *Auto da Alma*).

Modernamente dá-se o titulo de *doutor* áquelle que cursou e recebeu solemnemente em uma faculdade universitaria o mais elevado grau academico, pelo qual se lhe concede o direito de trazer a borla e capello, e de ensinar a exercer aquella sciencia em que foi graduado; por exemplo: *doutor* em direito, em medicina, em mathematica, em theologia, etc. *Doutor* é tambem o titulo que se costuma dar ao bacharel formado em direito, (*Ordenações Affonsinas*, Liv. V, Tit. 43), — ao bacharel em mathematica, e a todos os facultativos (embora estes sejam habilitados pelas esco'as medico-cirurgicas, as quaes não conferem graus academicos. (Aulete, *Dic. Contemporaneo*, pag. 560).

*Doutor de gabão* ou *lareiro*, nome que se dá ironicamente ao individuo de poucas ou nenhuma lettras, que presume de sabio e experto, que falla muito e em tom sentencioso, e quer dar conselhos aos outros, especialmente em questões forenses.

“Tal o *doutor* de Sancho, no banquete  
Da insula bemdita, sem piedade,  
Um depós do outro, os almejados pratos  
Ao faminto escudeiro denegava.”

(Garret, *D. Branca*, C. II, Cap. 9).

*Doutor da mula russa*, mau medico, mau advogado, homem que tem o grau scientifico, mas que pouco sabe, ou que presume de sabio sem o ser; “do que resulta que ha muitos *doutores* que não são *doutos*, e muitos *doutos* que não são *doutores* nem cuidão de sê-lo”. (Roquette e Fonseca, *Dic. dos synonymos da Lig. Portugueza*, pag. 232).

\*  
\* \*

*Bacharel* (do latim *bacco*, baga, e *laurus*, louros) litteralmente significa corôado de louros com bagas; nome que se dava outr’ôra áquelle que tendo cursado quatro annos com approvação qualquer faculdade, recebia o primeiro grau academico; titulo que se dá aos diplomados por qualquer escola superior ou gymnasio; por exemplo: *bacharel em Sciencias naturaes e pharmaceuticas; em philosophia e lettras, em sciencias e lettras*, etc.

*Bacharel in-utroque jure*, nome que se dava aos que tomavam o primeiro grau nas antigas faculdades de direito civil e canonico.

Na linguagem popular, dá-se por zombaria o nome de *bacharel* a um tagarela, a um palrador insupportavel, que allega muitas razões e nada prova.

“Como será discreto  
Amor não entendido?  
Mas amor *bacharel*  
Nunca foi amor fino.”

(Escobar, *Chrystaes d’Alma*, pag. 179).

Accusando o recebimento do jornal, que da primeira vez publicou esta chronica, disse o estudioso investigador Agenor Silveira, em carta que nos dirigiu:

“Sobre a *laurea* de *bacharel*, ha o seguinte em Camões, quando se refere o el-rey D. Diniz, o qual fundou a Universidade de Coimbra:

“Fez primeiro em Coimbra exercitar-se  
O valeroso officio de Minerva,  
E de Hellicona as Musas fez passar-se  
A pisar do Mondego a fertil herva  
Quanto pode de Athenas desejar-se,  
Tendo o soberbo Apollo aqui reserva,  
Aqui as *capellas* dá tecido de *ouro*,  
Do *baccaro* e do sempre verde *louro*.”

(LUS., c. III, est. 97).

Commentando Epiphanio Dias esta estrophe:

“*Baccaro* é aportuguezamento de *baccar* ou *bacchar* (segundo Sprengel a *Valeriana celtica* LINN.), planta a que a antiguidade attribuia virtude contra a feitiçaria:



*Pasiores, hedra crescentem ornate poetam...  
aut si ultra placitum laudarit, baccare frontem  
cingite, ne vati noceat mala lingua futuro.*

(VIRG. BUC. VII, 25-28).

F. S. (Faria e Sousa). STORCK pensa, e com razão, que em *baccaro-lauro* ha trocadilho com "*baca-laureato*," isto é "*bacharelato*". Ainda pode-se adduzir o seguinte: as *capelias* tecidos de ouro são o *capello* de *doutor*, ou o gorro que o director da Faculdade nos ajusta á cabeça, proferindo em seguida o *tibi quoque*, que tanto confundio, em 1903, um dos nossos prezados collegas de turma."

## II

### PROFESSOR-CATHEDRATICO-LENTE

"Professor" é o que ensina uma sciencia, expondo as suas doutrinas como proprias, e quasi sempre ostenta seu saber oralmente como parlamentar, orador ou tribuno.

Modelo do genero de "professor" são: Pedro Lessa, Frederico Steidel e Reynaldo Porchat nas aulas da Faculdade de Direito de São Paulo.

"Professor regio" ou "publico", diz-se especialmente do que é nomeado pelo Governo para reger uma cadeira de instrucção primaria, e como exemplo citamos "O Estudante Alsaciano" de "Coppée", traducção de Accacio Antunes que com muita expressão o descreve.

O "Professor publico" póde ser tambem de instrucção secundaria, "verbi-gratia" :

"O meu paterno avô foi "professor"  
De latim, que ensinou ou bem, ou mal;  
E o materno viveu no seu casal,  
De que ainda agora eu mesmo sou senhor".

("Abbate de Jazende, Poesias. Tom II — pag. 93").

"Cathedratico" é o professor ordinario, proprietario de uma cadeira de uma faculdade ou eschola, em que ensina a sciencia de que está encarregado. "Substituto" é o professor extraordinario que professa nas faltas ou impedimentos dos cathedraticos, fazendo jús á propriedade da cathedra quando vague, ou quando pela antiguidade lhe pertença.

O "cathedratico", si ensina á moderna, tem o titulo de "professor, doutor"; si professa á antiga dá-se-lhe o nome de "leitor" ou "lente".

"Lente" ou "leitor" litteralmente significa pessoa que lê para outro ouvir; éra aquelle que segundo o methodo escolastico, lia ou explicava as doutrinas approvadas pelas faculdades ou corporações religiosas, contidas em um compendio, do qual não se afastava. Era o "magister" das escholas antigas".

"Não vençam logo taes "lentes!"  
Se vierem, sejam mortos;  
Se não, direi que sois tortos  
E do "Correia" parentes".

("Fernão Rodrigues, Poesias e Prosas, pag. 19").

Tambem dá-se o nome de "lente" aos professores das escholas normaes ou gymnasios e aos discos de vidro que refrangem os raios luminosos, se bem que, neste caso, o vocabulo "lente" se origine do latim "lens" e naquelle de *legens*.

- 8 PROPHYLAXIA PUBLICA DA SYPHILIS E ENFERMIDADES VENEREAS — (comunicacion presentada al 2.º Congresso Medico Latino Americano) publicado em “Argentina Medica (28-4-904) 16 pgs. — 1904.
- 9 REFORMAS EFFECTUADAS NO HOSPICIO NACIONAL DE ALIENADOS DO RIO DE JANEIRO — 1905.
- 10 FOLIE MANIAQUE-DÉPRESSIVE — (extrait des Annales médico-psychologiques Mars-Avril 1905) 18 pgs. Paris, L. Maretheux — 1905.
- 11 LA PARANOIA LÉGITIME, SON ORIGINE ET NATURE — Rapport au XV Congrès international de Medicine ( em colaboração com o Prof. Juliano Moreira) Lisbonne — 1906.
- 12 CLIMA E DOENÇAS DO BRASIL — (notas escriptas para o Brazilian Year Book de 1908) — 36 pags. — Rio, Imprensa Nacional—1907.
- 13 CLIMAT ET MALADIES DU BRÉSIL (extrait des Annales d'Hygiene publique et medicine legale — Mai 1908) — 28 pags. Paris, J. B. Baillièrre et Fils — 1908.
- 14 THE CLIMATE AND DISEASE — translated from portuguese — Rio, 1908.
- 15 REGULAMENTO PARA O SERVIÇO MEDICO LEGAL DO DISTRICTO FEDERAL (decreto n. 4864 de 15-6-1903) Rio, 1903.
- 16 VIOL ET MÉDIUMNITÉ — (extrait des Annales d'Hygiène publique et médecine-légale. Août 1909) 15 pgs. Paris, J. B. Baillièrre et Fils—1909.
- 17 LE DIAGNOSTIC DE LA FOLIE MANIAQUE DÉPRESSIVE (extrait des Annales medico-psychologiques — Juillet-Août 1910) 12 pags. Paris, L. Maretheux, 1910.
- 18 MEDICINA LEGAL (Elementos de) — 1 vol. in 8.º grande — 532 pgs. Rio 1910. A 2.ª edição é de 1914 e a 3.ª é de 516 pgs. Rio, Francisco Alves & Cia. — 1918.
- 19 HYGIENE (Elementos de) 1 vol. in 8.º grande 678 pgs. Rio, 1913 — A 2.º edição é de 717 pgs. — Rio, Francisco Alves & Cia., 1918.
- 20 MESURES PRÉVENTIVES CONTRE L'INTRODUCTION DE MALADIES CONTAGIEUSES EXOTIQUES — Communication ao IVE Congrès international d'Assainissement et Salubrité de l'habitation, Anvers (em colaboração com o dr. Graça Couto) Compte-rendu, Anvers, 1914.
- 21 NOÇÕES DE HYGIENE PARA USO DAS ESCOLAS (collaboração do Dr. Graça Couto) 660 pgs. — Rio, Francisco Alves & Cia. — 1914.
- 22 PSYCHO-PATHOLOGIA FORENSE — 379 pgs. — Rio, Francisco Alves & Cia. — 1914.
- 23 DISCURSO INAUGURAL DE POSSE NA CADEIRA DE HYGIENE DA FACULDADE DE MEDICINA DO RIO DE JANEIRO (1916) — no “Livro jubilar do Prof. Rocha Faria” — Rio, 1917.



- 24 A ESFINGE, romance — Rio, Liv. Francisco Alves, 1.<sup>a</sup> edição 1911 (482 pgs.), 2.<sup>a</sup> ed. 1911 (479 pgs.), 3.<sup>a</sup> edição 1913 (479 pgs.), 4.<sup>a</sup> ed. (7.<sup>o</sup> milheiro) 1919 (411 pgs.).
- 25 LA ESFINGE, traducção hespanhola de Mario (Julio Piquet) — publicada em “La Nacion” de Buenos Ayres, em volume (n. 520) da “Bibliotheca de La Nacion”, in 18. — 332 pgs. Buenos Ayres, 1912.
- 26 MARIA BONITA, romance sertanejo — Rio, Francisco Alves & Cia. 1.<sup>a</sup> ed. 1914 (323 pgs.), 2.<sup>a</sup> ed. 1917 (327 pgs.), 3.<sup>a</sup> ed. (5.<sup>o</sup>, 6.<sup>o</sup> e 7.<sup>o</sup> milheiros) de 1919.
- 27 MINHA TERRA E MINHA GENTE — educação civica — 230 pgs. — Rio, Livr. Francisco Alves, 1916 (2.<sup>a</sup> ed., 10.<sup>o</sup> milheiro de 1916 — 246 pgs.).
- 28 POEIRA DA ESTRADA — 380 pgs. — Rio, Liv. Francisco Alves — 1918.
- 29 TROVAS BRASILEIRAS — (quadras populares collecionadas e pre-faciadas por A. P.), 316 pgs. — Rio, Liv. Francisco Alves — 1919.
- 30 DISCURSO DE RECEPÇÃO do Sr. Afranio Peixoto, pelo sr. Ramiz Galvão, orador perpetuo, na sessão de 26-7-1919 do Instituto Historico e Geographico Brasileiro — 29 pgs. — Rio, Imprensa Nacional — 1919.
- 31 A TUBERCULOSE DOS HOSPITAES DO RIO DE JANEIRO (numero especial dos “Archivos Brasileiros de Medicina”)—Fev. 1913.
- 32 FRUTA DO MATO — romance — 393 pgs. — Rio, Liv. Francisco Alves — 1920, (appareceu em Dezembro de 1919).
- 33 SERVIÇOS MEDICO-LEGAES (Boletim Policial) — Rio, 1907.

Escreveu o prefacio do romance “Miss Kate” de Araripe Junior.

Tem collaborado nos “Archivos de Jurisprudencia medica e Anthropologia” do Rio: *A herança do adulterio* (contribuição para o estudo de uma questão psycho-sociologica) 1898; no “Brasil Medico” do Rio: — *Coexistencia episodica dos delirios persecutorio e mystico na melancolia*, 1899, *Grandes syndromas mentaes: agitação, depressão e confusão* (Formulario pratico do B. M.) 1904; *Febre typhoide* (Formulario pratico, idem) 1906; *Discurso*, proferido na sessão magna da Academia Nacional de Medicina, 1907; *A Paranoia e os syndromas paranoides*, 1904; *Epilepsia* (Formulario pratico, idem) 1904; *Constipação habitual* (Formulario pratico, idem) 1908; *Nina Rodrigues*, ensaio biographico e critico (Formulario pratico, idem) 1915; na “Gazeta Medica da Bahia”: *Inspecção do nasopharynge por um novo processo de autopsia*, 1901; na “Revista da Bahia”: *Os casamentos pathologicos* (lição do curso de medicina publica na Faculdade de Direito da Bahia) 1902; “Annales medico-psychologiques” de Paris: obras citadas na bibliographia; “Annales d’hygiène et de médecine légale de Paris: obras citadas na bibliographia; “Archivos de Criminologia, Medicina Legal y Psychiatria”: trabalho citado; “Revista da Faculdade de Recife”: *O projecto do Codigo Civil Brasileiro e Medicina legal* (notas sobre os arts. 257 e 259) 1904, incluído nas publicações da Comissão Parlamentar do Codigo Civil; “Jornal do Commercio”: *De-*



*feza social contra a tuberculose* (relatório ao 2.º Congresso Medico Latino Americano de Buenos Ayres) 28-4-1904; "Argentina Medica": trabalho citado; "Revista da Academia Brasileira de Letras": *Vocabulário medico popular do Brasil*, vol. 8.º pag. 327 (1912), *Superstições populares relativas à saúde, doença e morte*, vol. 10.º pag. 231 (1912), *Discurso de elogio de Euclydes da Cunha*, vol. 7.º pag. 165; *Discurso de recepção de Oswaldo Cruz*, vol. 11.º, pag. 127; *Fruta do Mato*, conto vol. 4.º, pag. 313 (terá o título de "Fruta brava", para não confundir com o romance de igual título), *Elogio de Xantipa* vol. 11.º pag. 1, *Lembrança de Aluizio Azevedo*, vol. 12.º, pg. 311; "Archivos Brasileiros de Medicina": trabalho citado; "Annaes da Faculdade de Medicina do Rio": *O problema sanitario da Amazonia* 1917, 1.º vol. pag. 64; *Curso de medicina publica*, pag. 477; "Revista do Brasil", (S. Paulo); *Paixão e gloria de Castro Alves*, n. 23, *Parabolas*, n. 25, *A educação e a defesa nacional*, n. 27, *O problema sanitario da Amazonia*, n. 28, *O saneamento do Brasil* (discurso), n. 29, *A antiga e a nova medicina: a hygiene*, n. 32, *O ensino da linguagem*, n. 32, *Educação e saneamento*, n. 33, *Outros males*, n. 35; "A Bahia": *A um morto* (depois de ouvir insultos á memoria de Moreira Cesar) é a estreia em 1897, *Os novos em litteratura* 1897 (pseudonymo Jap); "Diario da Bahia": *Morte*, conto philosophico, 1897; "A Atlantida", Lisbôa: *Judith ou a gratidão do povo*, conto, 1915, "Revista de Sciencias, Letras e Artes de Campinas": *Guerra aos homens* (sainete em 1 acto, representado no Theatro Municipal do Rio, em S. Paulo e varias cidades), n. 42, 1916; "Revista Americana": *Aspectos do humour na litteratura nacional*, Novembro, 1916, pag. 30, *Comparações*, Abril 1917, pag. 18, *Recepção de Oswaldo Cruz* (discurso) Julho-Agosto 1913 pg. 20; "A Escola Primaria": *A Educação Nacional* (conferencia na Liga de Defesa Nacional), Rio 1917-1918, pag. 58; *O ensino da linguagem* (conferencia pedagogica na Bibliotheca Nacional), Rio 1917-1918 e muitos artigos nessa revista, em 1917, 1918 e 1919; "Almanack Garnier": *Academia de Medicina* (1909), *Doença ou molestia?* (1914).

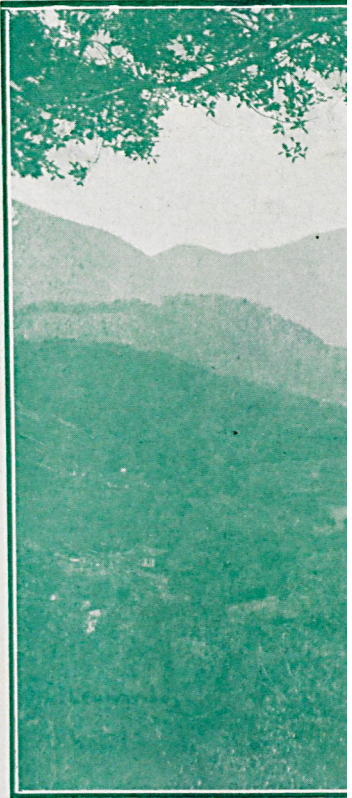
O seu retrato tem sido reproduzido em varias revistas illustradas, em cartão postal e no livro "Le Brésil Contemporain", 3 ème tome.

#### FONTES PARA O ESTUDO CRITICO

- 1 Araripe Junior — Revista da Academia Brasileira de Letras n. 7 (discurso).
- 2 José Verissimo — Estudos de litteratura brasileira, vol. IV pag. 265; Revista Americana, anno 3.º, ns. 5-6 (pag. 499); La Revista de America, Paris, Junho 1912.
- 3 João do Rio — Momento litterarjo, pag. 299.
- 4 Souza Bandeira—Paginas litterarias, pag. 61; Almanack Garnier (1914) pag. 242.
- 5 João Ribeiro — Revista do Brasil, vol. III n. 9, pag. 51.
- 6 João Köpke — Revista do Brasil ns. 6 e 7.



cm 1 2 3 4 5 6 7 **unesp** 10 11 12 13 14 15 16

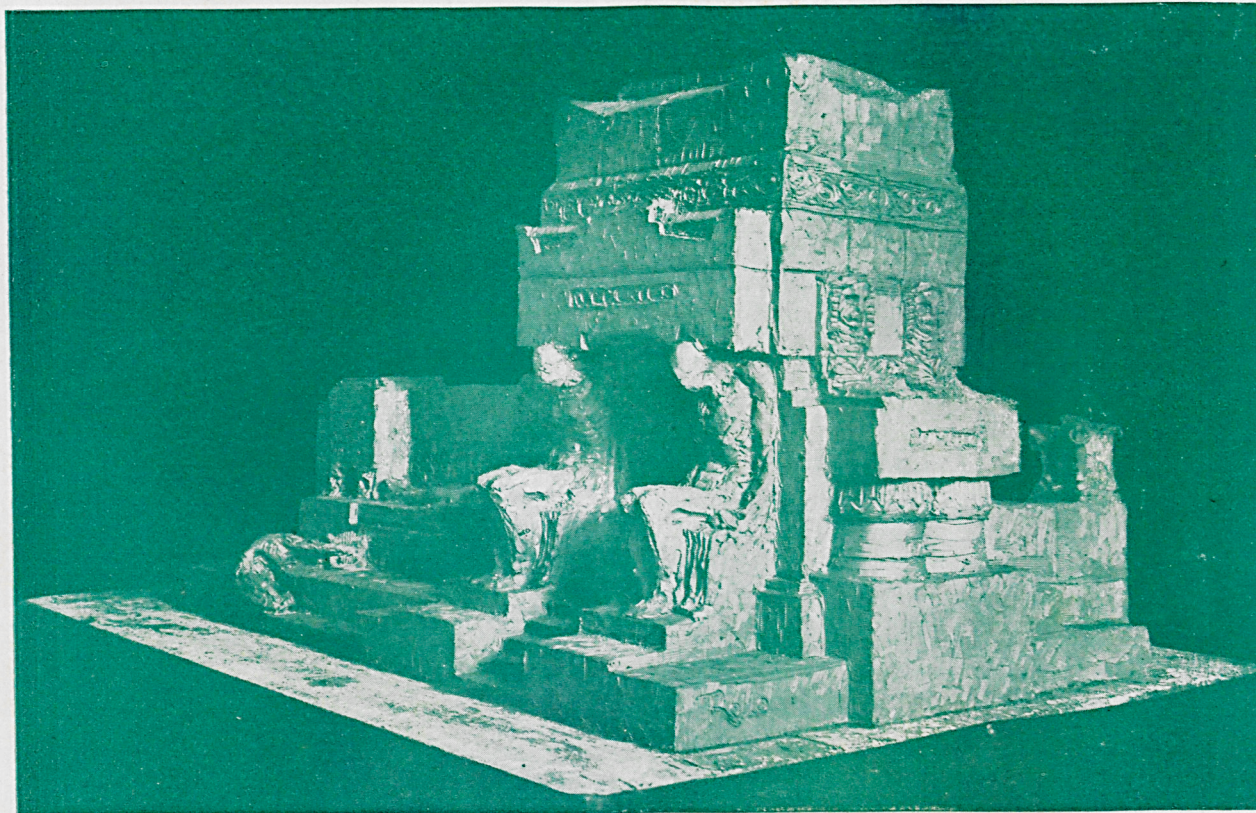


RIO DE JANEIRO



Corcovado e Lagoa Rodrigo de Freitas.

ESCULTURA



Nicola Rollo — Projecto de monumento funerario.



- 7 José Maria Bello — Estudos criticos, pag. 33.
- 8 Pereira de Carvalho — Os membros da Academia Brasileira em 1915.
- 9 Revista do Brasil n. 38 — Bibliographia.
- 10 Ramiz Galvão — Discurso de recepção no Instituto Historico e Geographico Brasileiro — 1919.
- 11 Dr. P. Rovelly — Le Brésil Contemporain, 3.º vol.
- 12 Fernandes Costa — Afranio Peixoto e a sua obra.
- 13 Jackson de Figueiredo — Revista do Brasil ns. 51, 52 e 53.
- 14 Medeiros e Albuquerque — “A Noticia” de 24-9-911.
- 15 Constancio Alves — “Jornal do Commercio” de 17-8-911.

Pronunciaram-se tambem sobre o valor da obra litteraria de Afranio Peixoto: Mario de Alencar, Agenor de Roure, Paulo Barreto, Osorio Duque Estrada, D. Julia Lopes de Almeida, Teotonio Freire, Joaquim Eulalio. Almor Prata, João Luso, Gilberto Amado, Fran Paxeco, Rodrigues de Carvalho, Tristão da Cunha e D. Maria Amalia Vaz de Carvalho.

#### NOTICIA BIOGRAPHICA E SUBSIDIOS PARA UM ESTUDO CRITICO

Apezar do artificio de que revestiu a sua obra de estreia, no aspecto externo da edição, á guisa de missal, assimilando estylo liturgico, de impressão polychromica; máo grado a tendência manifesta para seguir a feição symbolista de Rimbaud, Mallarmé, René Ghil, e o culto de adoração tributado, na dedicatória, a D'Annunzio, Maeterlinck e Eugenio de Castro; despertou a atenção da critica o symbolo tragico de Julio Afranio—“Rosa mystica” — primeira parte de um hymnario. Araripe Junior e José Verissimo descortinaram o valor do estreiante, atravez de tantos disfarces, e vaticinaram o successo que se verificou.

O autor abandonou o genero litterario durante um decennio, lapso de tempo que medeia entre a publicação de “Rosa mystica” (1900) e o anno em que escreveu o romance “A esfinge” (editado em 1911).

Antes de apparecer o symbolo tragico, escreveu em “A Bahia” (*A um morto*, a proposito de Moreira Cesar, trucidado em Canudos) e no “Diario da Bahia” (*Os novos em litteratura*, artigos e *Morte*, conto philosophico).

A partir de 1900 mudou de rumo e dedicou-se exclusivamente á sciencia, emprehendendo estudos de psychiatria e medicina legal e escrevendo artigos, monographias e obras varias.

Nasceu Julio Afranio Peixoto em Lenções, chapada diamantina, no sertão da Bahia, de que conservou as reminiscencias no romance “A esfinge”, principalmente na evocação do Barro Branco, sitio proximo da cidade de Lenções.

Criou-se no rio Pardo, municipio de Cannaveiras, littoral do sul da Bahia, na fazenda da Bôa Vista (Jacarandá), tambem por elle descripta em “Maria Bonita”.



De Cannavieiras se occupa o romancista em "Fruta do Mato".

Transferiu-se para a capital do Estado, afim de completar os estudos preparatorios no collegio Florencio, onde os concluiu em dous annos, obtendo notas plenas e distinctas e as honras de alumno laureado.

Em 1892, com 16 annos de idade, matriculou-se na Faculdade de Medicina da Bahia e terminou o curso em 1897, sempre approvedo com as mesmas notas.

A sua these inaugural de que não logrei um exemplar, versou sobre "Epilepsia e crime". Deve ser um trabalho de valor, porque mereceu as honras de reedição onze annos depois, com um prefacio dos Profs. Njna Rodrigues e Juliano Moreira.

Para o provimento no posto de socio effectivo da Sociedade de Medicina e Cirurgia da Bahia, escreveu em 1897 uma memoria, ainda inedita, sobre a epigrapha "Epilepsia e consciencia".

Obteve, por concurso, a nomeação de preparador da cadeira de medicina legal, no seu Estado, sendo no anno seguinte (1901) distinguido com a designação para reger a cadeira de medicina publica na Faculdade Livre de Direito de S. Salvador.

Ao chegar ao Rio de Janeiro, em 1903, foi nomeado inspector sanitario, admittido como membro da Academia Nacional de Medicina e logo após director do Hospicio Nacional de Alienados, cargo por elle desempenhado até 1905, quando emprehendeu a primeira viagem á Europa.

Ao regressar, um anno depois, ao Brasil, inscreveu-se em um concurso na Faculdade de Medicina do Rio e obteve o logar de professor substituto das cadeiras de hygiene e medicina legal.

De 1907 a 1911 exerceu o cargo de director do serviço medico legal da policia, com interrupção dos annos de 1909 e 1910, quando se ausentou novamente do paiz, viajando pela Grecia, Egypto, Palestina, Balkans e Asia Menor.

Eleito na vaga de Euclides da Cunha, em 1910, para a Academia Brasileira de Letras, tomou posse a 15 de Agosto do anno seguinte, pronunciando um magnifico discurso de elogio ao seu antecessor.

Nessa occasião Araripe Junior estabeleceu o confronto entre a alma de barbaro, constituição dionysiacca do autor de "Os sertões" e o espirito super-civilisado, de feição apollinea do elegante e apurado romancista da "Fruta do mato".

Visitou pela terceira vez a Europa de 1912 a 1913 e exerceu o cargo de director da Escola Normal do Rio, de 1915 a 1916.

Actualmente é professor da Faculdade de Sciencias Juridicas e Sociaes do Rio, desde 1915, lente cathedratico de hygiene, por accesso, da Faculdade de Medicina, desde 1916 e occupou o logar de director geral da Instrucção Publica do Districto Federal, em 1917.

A sua obra litteraria, alem do mencionado livro de estreia, compõe-se de tres romances: "A Esfinge" (1911), "Maria Bonita" (1914) e "Fruta do mato" (1920); "Minha terra e minha gente" (1916) livro de educação



cívica, "Poeria da estrada" (1918) ensaios criticos e de historia e "Trovas populares brasileiras" (1919).

Como romancista excelle o seu valor, reunindo um conjuncto de qualidades preciosas que o caracterizam como um dos melhores escriptores no genero, entre os que tem possuido o Brasil. A sua capacidade de observação é perfeita, o estudo da psychologia dos personagens manifesta o exacto conhecimento da alma humana, adquirido pelo autor no estudo das funcções cerebraes e dos desequilibrios do systema nervoso, sem exhibir erudição, pois o romancista é sobrio e discreto, incapaz de descambar para a exposição de casos clinicos ou de analysar phenomenos teratologicos, consentaneos com as monographias scientificas.

Elle expõe os personagens dos seus romances com extrema naturalidade, sem diagnosticos moraes, deixando ao leitor o trabalho de definir e classificar os typos. Não intervem outrosim na acção dos comparsas e protagonistas; deixa-os sob a influencia do livre arbitrio, assumindo a attitude de narrar episodios e expôr incidentes, sem lhes emprestar um determinjismo psychico adrede concebido nem intervir com methodos de demonstração, como procederia um professor em um curso de psychologia. Não se destaca o preparo scientifico do autor, nem se adivinha o intuito de defender theses esboçadas; tem-se a impressão da realidade e não se descobrem artificios.

A Lucia de "A Esfinge", a Maria, como a Joanninha da "Fruta do Mato" se encontram por esse mundo alem; não são creaturas inventadas para elemento de prova de concepções theoreticas.

Os principaes typos femininos dos romances de Afranio Peixoto, excepto Luizinha e outros em plano secundario, são diabolicos, apresentam o atavismo condensado da seducção de Eva no Eden, exercem sobre os homens que os cortejam, uma poderosa acção hypnotica de dominio. O homem é sempre fraco e se deixa vencer e subjugar, como aliás se verifica, em notavel maioria, no mundo real.

Mas, para o romancista brasileiro a mulher conserva sempre um residuo de fel, de substancia toxica, sob a apparencia enganadora de um ente fraco e bello, a despertar sympathia e conquistar admiração.

Apresentarei melhor o typo feminino de Afranio Peixoto em um estudo sobre a evolução do romance no Brasil, e, então, examinarei em detalhe o valor inestimavel de suas produções novellisticas.

Sinto verdadeira attracção para emprehender a apreciação critica da obra desse distincto e vibrante escriptor.

Por agora, ao lado dos predicados que salientei, devo mencionar a precisão do seu estylo, a sobriedade das narrativas e descrições e a justa harmonia que predomina em suas composições, abrangendo todas as modalidades, quer na parte estatistica, quer no aspecto dynamico da obra.

Foi providencial a mudança de orientação no escriptor que não nos proporcionaria nunca os tres livros citados, si persistisse em completar a tetralogia do hymnario que comprehenderia ainda o "Myrto Enamorado", "Liz



Impolluto” e “Loiro frutescente”. O Julio Afranio desviou-se a tempo da vereda do symbolismo e parece até, embora sem razão, haver renegado a producção da primeira phase, porquanto não publicou os volumes promettidos das parabolos mysticas “Caminho da morte”, outro symbolo tragico “Os guias”, e adoptou nome litterario diverso: — Afranio Peixoto.

“Minha terra e minha gente” é um livro sincero em que o autor, sem intuitos demolidores ou manifestações pessimistas, aponta aos adolescentes as nossas imperfeições, combate os nossos erros e destróe os preconceitos dos que entoam hymnos e tecem lóas a tudo o que concerne ao Brasil, inculcando nos leitores noção da verdade e invocando a instrucção e o civismo bem comprehendidos como meios seguros para regenerar o paiz. Prende os sentimentos nacionalistas á tradição, base indispensavel para estabelecer o character de um povo, e firma, na parte doutrinaria do livro, os principios que nos devem guiar para alcançarmos o futuro digno da patria brasileira.

Essa tentativa honesta despertou celeuma entre os professores que louvavam, com exaggerado optimismo, as grandezas do presente e a fatalidade do destino glorioso. João Köpke, o velho educador, poz-se na vanguarda e profligou a tentativa do autor, redigindo artigos de critica severa publicados na “Revista do Brasil”. João Ribeiro, outro pedagogista de reconhecido valor, defendeu o livro e os intuitos do autor.

Em “Poeira da estrada” reuniu Afranio Peixoto os discursos pronunciados na Academia Brasileira de Letras, de elogio a Euclides da Cunha e de recepção de Oswaldo Cruz, e alguns ensaios recolhidos de collaboração em revistas litterarias.

O autor possúe a faculdade da comprehensão exacta e precisa dos temas que aborda em seus estudos; revela, alem disso, notavel capacidade critica, de synthese e analyse, e sabe exprimir, com justos conceitos e termos adequados, o que pensa. São os predicados indispensaveis a esse genero de trabalho.

Seja no triptico do “Elogio de Xantipa”, ou nos “Aspectos do *humour*” na Litteratura Nacional; seja na “Educação nacional” ou na “Paixão e gloria de Castro Alves” e ainda nos doze capitulos restantes do volume; encontra-se muito cabedal instructivo, grande messe de ideias proveitosas e de provas de erudição.

“Trovas brasileiras” representam uma contribuição para o estudo do nosso *folk-lore*, o qual ainda conta escasso numero de cultores.

A exemplo do que fizeram Agostinho de Campos e Alberto d’Oliveira em Portugal, Afranio Peixoto procedeu á pesquisa peciente das quadras populares brasileiras e as enfeixou em volume, devidamente classificadas e precedidas de um prefacio explicativo da importancia do assumpto e da difficuldade em colligir o material esparso, seleccionando com criterio o conteúdo do livro.

Na parte scientifica, pondo de parte os artigos, extractos de revistas e folhetos mencionados na bibliographia, deve-se destacar: “Epilepsia e



crime”, “Manual de thanatoscopia judiciaria”, “Clima e doenças do Brasil”, “Medicina legal”, “Hygiene”, “Noções de hygiene para uso das escolas” e “Psycho-pathologia forense”.

Classificam-se os seus trabalhos, como se deprehe de dos titulos, em estudos de medicina legal e de hygiene.

Sem me referir á these inaugural, pois não a conheço, devo primeiro citar o manual destinado ao estudo da morte, segundo as exigencias do nosso codigo, destinado ao uso de magistrados, peritos e medicos.

O autor apresenta os caracteres distinctos entre a morte real e apparente, firmando os signaes e phenomenos para o reconhecimento dos cadaveres; estuda a thanatognose, classifica os generos de morte e ensina a se proceder ao corpo de delicto em todos os casos apreciados.

“Medicina legal” é um livro didactico, destinado aos alumnos das escolas de medicina e direito.

Encontra-se mais generalidade de assumpto em “Psycho-pathologia forense” onde o autor faz o estudo da responsabilidade criminal, de semiologia mental e de psychiatria, caracterisando todos os casos de desordens nas funções cerebraes e classificando as molestias mentaes.

O trabalho sobre hygiene, ao alcance da minha comprehensão e correspondendo á minha predilecção de estudos, representa um poderoso esforço de synthese em que o autor aborda com discernimento e proficiencia todos os ramos da vasta e complexa sciencia applicada que abrange um conjunto numeroso de conhecimentos da physica terrestre em todas as subdivisões.

O professor emerito, tão justamente applaudido no mundo scintifico como no litterario, tirou o maximo proveito do programma traçado e cumpriu galhardamente a tarefa. O livro é bem escripto, revela erudição natural, é subordinado a um methodo impeccavel e preenche de modo cabal o fim a que se destina.

Como esse, todos os estudos de Afranio são interessantes e proveitosos.

O dr. Afranio Peixoto, como medico e professor, tem prestado relevantes serviços ao paiz, contribuindo para nos elevar no conceito alheio, haja vista o pronunciamento sincero de Fernandes Costa perante a “Academia das Sciencias de Lisbôa”; e principalmente para educar a mocidade e colaborar nos magnos problemas nacionaes de instrucção e hygiene.

O sympathico e talentoso escriptor é um nacionalista, na verdadeira accepção do vocabulo. Como romancista, empresta a sua faculdade de psychologo arguto, o seu espirito de observador justo e escrupuloso e o brilhante estylo descriptivo que lhe é peculiar, na composição de romances de vida regional e de um naturalismo sobrio e sadio, de bom gosto. O caracter regionalista dos seus romances avigora o cunho de nacionalismo da litteratura contemporanea.

Assim tambem se define a acção do homem na vida publica, na qualidade de pedagogista, critico, hygienista e publicista.



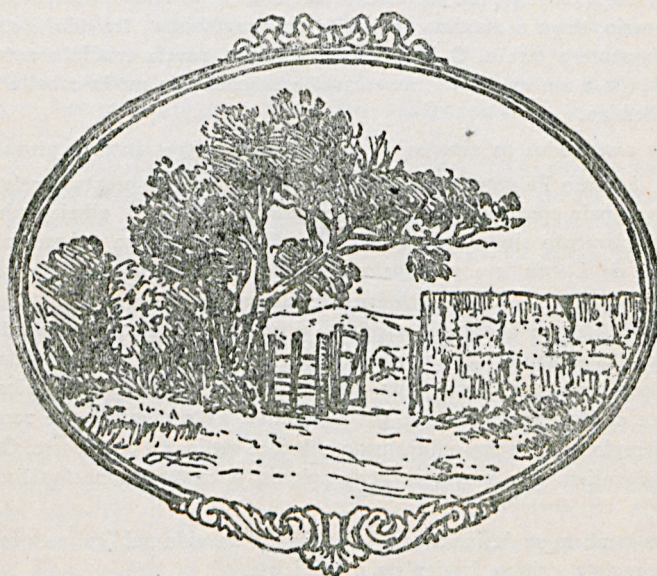
O folheto de Fernandes Costa nos transmite a noticia, que eu já havia lido algures, de que o prestimoso intellectual tem em preparo, "para breve publicação, uma vasta Anthologia Brasileira, em numerosos volumes, dos quaes já tem prompto o primeiro, relativo aos dous Bonifacios, e em via de execução muitos outros."

De algumas centenas, ou milhares de homens de valor como Julio Afranio Peixoto, carece o nosso paiz, para accelerar a marcha do seu progresso.

#### SUMMARIO PARA UM ESTUDO COMPLETO

Em contacto com o sertão— Do infante ao adolescente— A sua brilhante figura nos estudos — Iniciação litteraria — Influencia dos symbolistas e das novidades — O psychiatra e o medico legista — Carreira rapida e fulgurante — O hygienista — Como educador — A feição e o valor dos romances de Afranio Peixoto na litteratura brasileira — Os ensaios e estudos de um erudito e talentoso escriptor — Nacionalismo e regionalismo. — A anthologia brasileira.

ARTHUR MOTTA





**AMORES DE GENTE NOVA** —  
*Raul de Azevedo* — Typ. “*A Editora, Ltda.*” — Lisboa, 1916.

Um romance com tres casamentos e um obito, convenhamos que não é bem um romance, senão tres, a menos que seja uma chronica mundana ou boletim demographico. Entretanto, “Amores de gente nova” é a historia assim romanceada, a que não ficava mal o velho titulo: — “Tres casamentos felizes”.

Bello livro. Bello no aspecto, na confecção typographica e no venturoso desenrolar dos episodios, acolchetados por notas muito typicas, muito caracteristicas da acção e do meio. Passa-se no Rio e estende-se até a Europa. Disso não ha que duvidar.

Lá está a paginas tantas aquella documentação indiscutivel:

“Os garotos apregoavam “Correio da Manhã”, “Paiz”, “Gazeta”, “Jornal do Brasil”, “Jornal do Commercio...”

Referencias tambem a Alberto de Oliveira, Bilac, Afranio, Coelho Neto não deixam duvidas. Estamos no Rio, assim como depois, aos nomes de Paris, Berlim, Karlsbad, como, Nice, Interlaken nos certificamos de que viajamos

a Europa, viagem de nupcias, apressada portanto, para que de tudo restem os nomes apenas e nomes sacramentalmente os mesmos de todas as viagens á Europa.

Se a um romance bastasse correcção de linguagem, seria talvez este um bom romance. Com toda a emphase, assim começa, em phrase a que se não pôde negar grammatica:

“Morena e alta, d’uma elegancia espontanea e requintada, fina e esguia, com uns géstos morosos de fidalga estirpe, Lina Rosa possuía a linha suprema da distincção rara”. Se tem grammatica, não faltará quem affirme que “tem estylo”...

“Amores da gente nova” tem, entretanto, coisa mais interessante: duas conferencias no salão do “Jornal do Commercio” e um soneto de Bilac. E’, decerto, para a nota local, com muito engenho, sem duvida.

De resto, a arte do sr. Raul de Azevedo apresenta aspectos dignos de nota. As suas imagens, vivas e novas, se medem por esta que é um padrão: — “Na vida tudo é fita...” A’s vezes, para illustrar uma scena, lembra um porme-



nor pertinente, que fica em suspenso a meio da narrativa: — “A chuva tamborilava lá fóra...”

Não esqueçamos que o livro, depois dos tres casamentos, termina com um obito. Lina Rosa, que se casára com Paulo Gustavo, assim como Sinhásinha com o dr. Godinho e Olga com o Silvestre, succumbe a um edema de Bacedon... Porque? Segredos da natura, ainda não penetrados pela sciencia.

**TERRA CATHARINENSE**—*Christim Mira — Liv. Moderna — Florianopolis.*

Interessantissimo estudo sobre o Estado de Santa Catharina, abrangendo não só a feição politica dessa circumscripção como a physica, a historica e a social. C. M. revela-se um escriptor superiormente dotado de qualidades raras, embora sem requintes de lingua.

Seu estylo é expontaneo, desataviado, mas vivo e correntio como a agua dos corregos que saem das mattas. Noutro numero da Revista transcreveremos um capitulo do seu livro sobre o folk-lore, deveras interessante, qualidade, aliás de que elle impregna toda a obra. A proposito da fundação da antiga Desterro conta o A. a tragedia horrivel que poz fim á vida do seu povoador, Dias Velho, um paulista de Santos. Velho fóra para lá com a familia, mulher e quatro filhos, mais um companheiro branco, José Tinoco, 500 indios mansos e dois jesuitas. E teve occasião, certa vez, de re-

pellir a tripulação dum corsario hollandez, commandado por Roberto Lewis, e fundeado, por motivo de tempestade, em Canasvieiras, apoderando-se do carregamento de prata que elle trazia. Veiu dahi sua desgraça. Lewis, sequioso de vingança, voltou em 1867 e atacou o reducto, sendo repellido. Noite alta, porém, renovou o ataque e conseguiu, de surpresa, aprisionar o colonista.

“O que então se passou é de pungente recordação. Tres filhas de Dias Velho são trazidas, de rasto, á capella por elle construida no lugar onde é hoje a cathedral de Florianopolis” e alli entregues á ferocidade dos marinheiros. Dias Velho, amarrado num poste, assiste á scena horrorosa das filhas violadas pela maruja vinolenta... Depois, cae sob os golpes dos bandidos.”

**ROGERIO** — *Orris Soares — Drama em 3 actos — Imprensa Official — Parahyba, 1920.*

O sr. Orris Soares nos envia da Parahyba, onde o fez imprimir na typographia official, um drama russo, em tres actos. Depois da guerra e da revolução de Lenine, appareceu na literatura esse novo genero, quasi sem escola — o drama russo... O sr. Orris, joven de talento, é de sua epoca e dahi o sacrificar impiedosamente todos os Romanoff, todos os burgueses e patrões, muito embora na Parahyba não seja isso das empresas mais faceis.

E' lamentavel que o faça tão gratuitamente, quando não fal-



tariam motivos toleraveis para manifestação de suas boas qualidades artisticas, que as tem em escala aproveitavel. Não deixa de ser ridiculo que num pequeno e modesto Estado do Brasil, de todo afastado das agitações sociaes destes dias, irrompam os romanticos srs. Rogerio, Manfredo, Emilio e Tanio o invectivar a guarda imperial, o burguez carnicheiro da esquina e outras phantasmagorias absolutamente infundadas além Capiberibe, bem como Deboras e Malvinas, tirantes á andaluza, a conspirar pelos opprimidos, ao rebentar de paixões sanguinolentas e vaporosos amores mais ou menos mal correspondidos. Tudo com muita pança extripada, muito vinho impossivel a menos que seja o de cajú, espiões, trahidores, e caterva... Lamentavel.

De par com seus defeitos de linguagem e da technica, seus inconsiderados arrojios, o auctor nos dará ainda obra menos inconsistente e artificial, com raizes na observação propria e no meio, em que tantos e tantos themas dramaticos deva encontrar. Lembre-se elle do nosso grande Martins Pena, de memoria tão cara aos nossos patricios do Norte e, de futuro, deixe em paz os cosacos e a revolução universal.

**DA EDUCAÇÃO PHYSICA—ANTINÜOS** — *Fernando de Azevedo* — *Weizflog Irmãos* — S. Paulo, 1920.

A idéa da nossa reabilitação engenica dá um largo passo com a publicação destes dois excellen-

tes livros. Nelles se desenvolve a idéa mais sensata que existe a respeito da cultura physica: o corpo humano é o melhor dos aparelhos de gymnastica. Está na comprehensão deste luminoso principio o segredo da Grecia e, esporadicamente, hoje, o segredo dos metodos harmonicos que fazem não athletas, essas grosseiras hypertrophias musculares, mas homens ao molde grego. Lá, a cultura do corpo ia de par com a do espirito. Euripedes levantava corôas nos Jogos Olympicos e ao mesmo tempo compunha a "Ephigenia". Platão, antes de banquetejar a humanidade com suas idéas filosoficas, ganhava pareos no estadio. O celebre Milon de Crotona erguia um boi na unha mas não faltava a uma lição de Pythagoras. E' a restauração disso que visa o A. Não quer nem cabeças monstruosas, desservidas de musculos, nem musculos empelotados com microcephalia por cima. E lança á publicidade a primeira obra séria, bem escripta, ponderada, intelligente que no Brasil jamais se escreveu sobre o assumpto. Não cabe nesta noticia uma apreciação extensa dos dois excellentes livros, mas cabem palmas e bravos á magnifica realisação de Fernando de Azevedo. Elle dá ao publico, sem nenhum favor, o melhor livro da epoca, o livro mais precioso e mais capaz de excellentes fructos. Não ha quem, lendo-o, não sáia fanatizado pelo grande ideal da belleza, da força e da saude. A edição é primorosa — a mais bem feita de quantas hão apparecido últi-



mamente. Ilustrou-a Rasmussen, um artista completo, cuja presença entre nós nos enche de orgulho.

Si tivéssemos cada anno um livro assim, um só que fosse! . . .

**QUANDO O BRASIL AMANHECIA** — *Alberto Rangel* — *A. M. Teixeira* — Lisboa, 1919.

Abre o livro um prefacio onde o A. defende a sua maneira de estylisar a lingua, replicando assim ás restricções que lhe tem feito a critica. Tem razão o A. como tem razão a critica. "Est modus in rebus". O seu processo é valioso, é bello, até o ponto em que, não caindo em excesso, não perturba a facil transmissão do pensamento; desse ponto em diante, si sacrifica a clareza, o processo torna-se máo, e feio. A linguagem escripta é um meio de transmittir ao leitor as sensações do autor; e tanto mais perfeita se faz esta transmissão, tanto mais perfeito o estylo. Porque o estylo é um meio e não um fim. O fim é transmittir idéas. Quem diz: o homem é mortal, usa d'um melhor estylo do que quem diz: o bipede implume contingencia-se numa thano-fatalidade. Mas o caso de A. Rangel não é este esquentá-cabeça de máo gosto. Senhor dum opulento vocabulario, e dum espirito onde a cultura das artes e das sciencias desabrocharam todas as flores, elle tira patido de um e de outra, conjungando-os, fundindo-os num luminoso jacto de impressionismo scientifico e literario a um tempo. A sua cultura mathematica, por

exemplo, revê em innumeradas phrases. Ora, essa forma de impressionismo é um processo como outro qualquer; e bom, e excellente, si o autor o usa no gráo de equilibrio e medida que é o segredo de tudo. Essa medida possui-a A. Rangel. Demonstra-o sobejamente este novo livro, onde se estudam, menos sob a forma estricta de contos que sob a de "manchas" ou "pochades" impressionistas, aspectos, homens e coisas do Brasil colonial. Desde o primeiro monjolo até o sino de Iguatemy, do vôo de Gusmão até o tombo de Pedro I, não ha aspecto pittoresco da madrugada brasileira que não reviva nesse livro, sempre integrado no ambiente geral.

Opera assim como o mais precioso dos guias. Conduz-nos atravez do passado, evoca-lhe os lances mais curiosos, apresenta-nos aos homens, explica-os, commenta-os, desenreda os factos a principio incompreensíveis, mostra-lhes a logica, illumina-os. Quem conhece o Brasil atravez de compendios de historia, insulsos e ineptos, na maioria, fica maravilhado quando um autor destes o insinua e o mostra como realmente foi. O Brasil é uma paisagem sobre a qual ha relatorios. Com A. Rangel surgem os primeiros quadros, vivos, vigorosos, onde, em vez de relatada, a paisagem é pintada.

Consegue, assim, o seu livro ser uma rica, uma esplendida exposição de pintura impressionista retrospectiva.





#### A SCIENCIA ALLEMAN

A Allemanha é no mundo o paiz em que a cultura scientifica está mais difundida e desenvolvida. O povo allemão tem preparo scientifico superior a qualquer outro do mundo. A sciencia não tem nacionalidade, é commum a todos os povos, mas está muito mais espalhada na Allemanha que em qualquer outro povo. A Allemanha, graças ao seu preparo scientifico, venceu todos os povos na luta economica e não venceu na guerra européa, porque contra ella se colligaram todas as grandes potencias do mundo.

O povo allemão tem muitas vezes mais preparo scientifico que os povos mais adiantados do mundo. Caracterisa-o tambem um espirito rigoroso de disciplina, de ordem, de methodo, de cooperação harmonica, de subordinação individual aos fins racionais, e, por isso, na luta economica a sua victoria era, como foi, inevitavel, emquanto os outros povos não se apoderavam de iguaes methodos. A guerra por um momento quebrou e desnorteou toda essa organização.

O espirito scientifico caracteriza essencialmente o povo allemão. O allemão colloca-se ante qualquer problema social, economico e financeiro como ante uma equação a ser resolvida scientificamente.

Domina-o um espirito de positividade, de apprehensão rigorosa de todos os factores, quaesquer que sejam, determinantes de um determinado phenomeno. Emquanto outros povos declamam ou constroem hypotheses, o allemão é um espirito absolutamente scientifico que nunca pro-

cura sophismar a realidade ou encara-la com uma pilheria ou uma ironia.

Porque isto? Pela mais positiva das razões.

Porque durante um seculo inteiro um systema completo, integral e perfeito de educação, o mais admiravel do mundo, superior ao de qualquer outro paiz, applicado á massa toda da população allemã, plasmou a intelligencia desse povo ineguavelmente, tornando-a o mais perfeito instrumento scientifico.

Em consequencia disso o trabalho e a producção intellectual allemães são muito mais intensos que em qualquer outro paiz. Em 1913, por exemplo, o ultimo antes da guerra, publicaram-se nos Estados Unidos 12.230 livros, na Inglaterra 12.379, e a França 10.758 e na Allemanha 35.078 !

Quer dizer que a Allemanha intellectualmente produz tanto como os tres mais adiantados paizes do mundo sommadós, isto é, os Estados Unidos, a Inglaterra e a França.

Emquanto outros povos hesitam, duvidam, vacillam, o allemão observa, raciocina, medita, estuda e age com methodo, calma, ordem e segurança.

Ha 70 annos atrás, o mais patriota dos francezes, Jean Maçé, possuido do sentimento da grandeza intellectual da Allemanha, dizia em 1862: "Na arte na sciencia, na historia, na philosophia, os allemães esmiuçaram todas as questões. Ha trinta annos, pelo menos, elles nos ganharam a dianteira, sem que nós tenhamos bem consciencia disso. Elles espalharam sobre as camadas inferiores do povo allemão ondas de conhecimentos, que



fariam corar a frente de um francez que quizesse estabelecer a comparação".

Esse contraste formidável, que se accentuou depois de constatado por Macé, outro francez da actualidade, Victor Cambon, vem constatando contemporaneamente sem que a sua advertencia seja ouvida ou os seus conselhos sejam praticados. Antes chamam-no de derrotista, como aqui no Brasil a quem se sente na obrigação de dizer a verdade embora desagradável.

Os francezes, como nós brasileiros, ainda estão no tempo em que se pensava que nem todas as verdades se dizem. Um anno antes da guerra, Victor Cambon levava aos mais importantes jornaes de Pariz o aviso documentado do proxima aggressão alleman, inevitavel, e recebeu nesses jornaes, como acolhimento, o pedido de doze francos por linha para a inserção do artigo, porquanto, informaram-lhe, "esse assumpto não interessa o publico".

E porque os francezes pensam que nem todas as verdades se dizem, vão assim prolongando e aggravando um contraste que economicamente já lhes foi fatal, pois na ordem das potencias mundiaes hoje lhes cabe apenas o quarto ou quinto logar, que amanhã será o sexto ou setimo, ao passo que já foi o segundo ha muito tempo.

Não ha sciencia franceza, nem ingleza, nem alleman, nem americana. A sciencia é uma só, é universal. Nenhum povo tem o monopolio scientifico nem póde ter mais aptidão scientifica que outro. Póde ter mais estudo e applicação. A sciencia é um patrimonio commum a todos os povos. Na Allemanha a sciencia está mais adeantada porque o systema de educação e o conjuncto de instituições scientificas são incomparavelmente superiores ao de qualquer outro paiz, porque a instrucção publica, sob todos os pontos de vista, está mais desenvolvida na Allemanha que em qualquer outro paiz.

A sciencia alleman não póde ser inferior á de qualquer outro povo pela simples razão de que o cerebro allemão, estudado psychica e physiologicamente, tem a mesma capacidade funcional do cerebro francez ou de qualquer outro. Por isso é absurdo affirmar a inferioridade da sciencia alleman, mesmo porque não existe sciencia

alleman nem franceza, mas apenas uma unica sciencia que é a universal.

E' querer tapar o sol com uma peneira o pretender desconhecer o adeantamento scientifico da Allemanha. O melhor é ver claro e aproveitar a lição. Os povos irreligentes não procuram illudir-se nem occultar-se coisa nenhuma, mas, ao contrario, abrem o mais possivel os olhos, prestam a mais penetrante attenção, applicam a mais profunda observação aos seus rivaes, afim de imitar-lhes o que têm de bom, para superal-os no progresso. Conhecer o segredo da força dos adversarios, é dominal-os.

E' esmagadora a superioridade dos allemães na producção scientificamente organisada. Assim, por exemplo, com relação á agricultura, na cultura da beterraba de assucar, a producção em quintaes por hectare era a seguinte em diferentes paizes: Allemanha 317,9; Hollanda 307,3; Italia 340,7; Suecia 298,4; e França 243,7.

Na cultura da batata a producção em quintaes por hectare era a seguinte em diferentes paizes: Allemanha 158,6; Noruega 107,4; Inglaterra 154,8; Dinamarca 146,6; Irlanda 137,0; e França 35,8.

Na cultura da aveia a producção em quintaes por hectare em diferentes paizes era a seguinte: Allemanha 21,9; Hollanda 20,1; Inglaterra 17,4; Canada 17,4; Japão 15,6; Suissa 21,8; Dinamarca 18,3; Escocia 17,4; Noruega 16; e França 10,6.

Na cultura da cevada a producção em quintaes por hectare em diferentes paizes era a seguinte: Hollanda 27,5; Dinamarca 23,7; Irlanda 22,4; Allemanha 22,2; Suissa 19,7; Canada 19,0; Escocia 18,5; Noruega 17,0; Inglaterra 16,5; e França 10,9.

Na cultura do centeio a producção em quintaes por hectare em diferentes paizes era a seguinte: Allemanha 19,1; Irlanda 18,9; Suissa 18,6; Hollanda 18,2; Dinamarca 17,1; Noruega 16,4; e França 10,4.

Em todo o terreno da producção do commercio, da navegação, da organização bancaria, do credito, da finança, é sempre completa e absoluta a superioridade da Allemanha, graças ao incomparavel preparo scientifico da sua população.

Os allemães falharam na colonização, mas em compensação possuem a mais perfeita sciencia de organização economica, e é preciso estudal-os minuciosamente, desmontar-lhes todo o aparelhamento,



peça por peça, para poder compreender como foi elle construido e imitar-lhes o exemplo.

A personalidade falha de Guilherme II arrastou a Allemanha a commetter em 1914 o assalto criminoso contra a França e a Belgica. Esse crime não tem nenhuma attenuante. Mas na propria Allemanha é preciso distinguir as classes que desencana dearam a guerra das que apenas a acompanharam.

Finda a guerra, para que a Allemanha não occasione nova catastrophe, é preciso que os outros povos se apropriem dos seus processos integralmente, penetrem e desvendem completamente o segredo da sua efficiencia, que não é senão o prodigioso desenvolvimento da sua educação scientifica.

Ignorar a Allemanha é tornal-a perigosa, é fazela novamente ameaçadora, é ser vencido por ella. O que aos outros povos cumpre fazer é estudar e imitar os seus processos economicos e o seu methodo paciente e rigoroso de determinismo scientifico, e, sobretudo, a sua integral, perfeita, completa e formidavel organização pedagogica, essencia unica da robustez alleman, arcabouço indestructivel de sua formidavel energia.

A Allemanha só poderá ser vencida economicamente pelos seus proprios methodos, quando os seus concorrentes delles se apoderarem e os empregarem contra a organização teutonica, provisoriamente abatida pela colligação de todas as grandes potencias do mundo.

MARIO PINTO SERVA.

(*"Estado de S. Paulo"*)

#### A RETIRADA DA LUGUNA

(O cholérico abandonado sobrevivente)

Os que leram "A retirada da Laguna", de Taunay, não olvidarão facilmente o episodio do abandono dos cholericos. Acossados pela cavallaria inimiga, perseguidos por toda a sorte de calamidades, viram-se os brasileiros na contingencia de abandonar os contagiados da terrivel epidemia á merce dos paraguayos.

Numa clareira aberta á noite em um capão de matto, ficaram "mais de 130 cholericos sob a protecção de um méro appello á sua generosidade, nestas palavras traçadas em grandes letras sobre

um cartaz prégado a um tronco: — compaixão para os cholericos!"

"Pouco depois de partirmos, prosegue Taunay, e já fóra do alcance da vista, o estrepito de uma nutrida descarga de fuzilaria veiu ferir-nos os corações; e que clamores indiziveis não ouvimos! Nem ousavamos olhar uns para os outros".

"Segundo o que mais tarde nos contou um dos pobres abandonados, salvo por milagre, muitos doentes (elle não sabia bem se houvera, ou não, geral morticinio) levantaram-se convulsivamente e, reunindo todas as suas forças, deitaram a correr no nosso encalço: nenhum pudera alcançar-nos, ou fosse por fraqueza, ou pela crueldade do inimigo".

A este sobrevivente, do qual nem se menciona o nome, faz ainda o historiador nova menção no final do capitulo XVIII:

"Ainda nesse dia (29 de Maio) vimos chegar ao acampamento, seminú e semelhante a um cadaver, um dos miseros abandonados no dia 26, que, encontrando no proprio excesso do terror um resto de força vital que o salvou, viera á noite, arrastando-se, em nosso encalço, attravés dos cerrados mais espessos. Nem sempre conseguira, entretanto, evitar os paraguayos; mas estes' ao vel-o no estado a que a molestia o reduzira, contentaram-se por divertimento com espancal-o; e quando elle lhes pedia que não o matassem, respondiam:

"Nós não matamos cadaveres; queremos é o teu commandante". E atiravam o misero ao chão com o conto das lanças. Desta sorte foi restituído á nossa expedição, depois de soffrimentos a que poucos organismos poderiam resistir."

O que poucas pessoas saberão é que esse cholérico, escapo miraculosamente, ainda vive na cidade de Estrella do Sul, antiga Bagagem (Triangulo Mineiro), sendo chefe de numerosa familia.

Chama-se Calixto Medeiros de Andrade.

Com menos de 20 annos de idade, alistou-se no 17.º batalhão de voluntarios na epoca a que nos referimos tinha as divisas de cabo.

Se ainda vive, deve-o a uma série de acasos favoraveis.

São interessantes as peripecias de sua fuga, que poderiam constituir o enredo de um romance de aventuras.

Sua narrativa em mais de um ponto diverge da referencia de Taunay.

Por exemplo, Calixto nega que os inimigos o tivessem apanhado. Como eu lhe lesse o que a seu respeito disse o historiador no ultimo trecho citado, declarou que isso, além de inexacto era inverosimil, pois a lança inexoravel dos paraguayos nem aos mortos poupava, mutilando-os barbaramente.

O accento de veracidade com que Calixto narra suas aventuras, o conceito em que é tido de homem digno de credito, trazem a convicção de que suas palavras exprimem a verdade.

Qualquer duvida sobre sua indetida-  
de tambem deverá ser afastada, E' elle,  
propriamente, a pessoa a quem se referiu  
Taunay. Veja-se, para prova, a polyan-  
théa "A retirada da Laguna" publicada  
11 de Maio do corrente anno, sob a di-  
recção do distincto jornalista sr. Urbano  
Rebello, em Pirassununga.

Consta da mesma uma palestra havida  
entre o professor Cesar Martinez e o ven-  
terano Joaquim da Silva Rebello, da-  
quella localidade, na qual este declara  
que "o cholérico fugido da matta e que  
conseguiu alcançar a columna era natu-  
ral da Bagagem e chamava-se Calixto".  
a sua odysséa:

Demos agora a palavra ao mesmo Ca-  
listo, que no dia 24 do corrente mez, a  
nosso pedido, mais uma vez nos relatou  
sua odysséa:

"Eu e os demais doentes fomos leva-  
dos para a matta depois de já haver fi-  
cado noite. Era um capão redondo, cujo  
centro fóra roçado.

A's perguntas que faziamos sobre o  
motivo de nos deixarem alli, diziam que  
iam fazer uma emboscada aos paragua-  
yos e que depois viriam buscar-nos.

Ao alvorecer do dia immediato esta-  
vamos sós. Só se ouvia de todos os  
lados: Ai! ai! agua! agua!"

Mas não havia ninguem que dêsse  
agua aos doentes.

Ainda ao lusco fusco dessa manhan  
appareceu um esquadrão de cavallaria  
paraguaya.

Ao chegar, a cavallaria deu uma des-  
carga contra nós; vendo, porém, que  
eramos doentes, os soldados apearam-  
se, e, formando fileira, foram lanceando  
a cito, sem poupar nenhum, aos que se  
achavam ao alcance de seus braços.

A chegada dos paraguayos foi alli "co-  
mo creolina em bicheira"; todos, deses-  
peradamente, procuravam levantar-se e  
fugir.

Eu estava bem no meio dos doentes;  
como não tinha forças para ficar de pé,  
fui de gatinha pulando por cima dos  
outros, e cahindo, até que sahi do ro-  
çado e entrei no matto, do lado de baixo  
do terreno, que era em declive. Continuei  
a engatinhar pelo matto abaixo, até um  
corregozinho de pouca agua, ouvindo  
sem cessar um horriavel côro de ais.

Deitei-me de bruços e bebi dois ou tres  
goles de agua. Incontinenti senti uma  
especie de surdez e a vista escura e  
num estado de ligeiro desmaio fiquei al-  
guns minutos.

Recobrando os sentidos continuei a cam-  
inhar matto a dentro, até sahir no  
campo. Então vi que o capão estava  
todo cercado de soldados. Vendo que al-  
guns choléricos que conseguiam chegar  
até o campo eram ahi lanceados, fiquei  
na beirada do matto. Mais ou menos a  
uns cem metros de mim achavam-se  
alguns cavalleiros paraguayos. Escon-  
di-me debaixo de um pé de cipó prata.

Esse pé de cipó tinha um tronco gros-  
so e dos lados as "galhas" chegavam

ao chão. Tem aquelle nome porque sua  
folha é verde por cima e branca por  
baixo.

O dia estava acabando de clarear. Dei-  
tei-me de bruços e, com as mãos, ia cau-  
telosamente puxando folhas seccas do  
chão e me "rebuçando" com ellas. Co-  
bri primeiro os pés e depois o resto do  
corpo, até a cabeça, mas de modo que  
continuasse a poder observar o que que  
se passava perto.

Pelas oito horas da manhan os para-  
guayos desarream os animaes e proxi-  
mo dalli acamparam, ficando quietos o  
resto do dia.

Dalli iam buscar agua naquelle cor-  
rego, passando perto do pé de cipó, em  
cujos ramos pisavam. O que eu mais  
receava era que seus cachorrões me  
descobrissem. Achava impossivel que  
estes não dessem pela minha presença,  
adextrados como eram.

O dia inteiro houve aquelle transito  
alli, para ir buscar agua.

A, tarde chegou uma boiada paragua-  
ya. Pegaram quatro rezes e carnearam-  
nas, tirando-lhes o couro,

Ao anoitecer puzeram fogo em varios  
montes de lenha espalhados pelo cam-  
po. Eram numerosas as fogueiras e dis-  
tavam umas das outras poucas braças.

Tomando grandes postas de carne, pun-  
ham-nas nuns espetos longos, ficando  
estes no chão, perto do fogo.

Quando a carne assava de um lado,  
elles, segurando o cabo do espeto, o  
faziam girar meia volta, sem o arran-  
car, para assal-a do outro lado.

Depois de escurecer mostrava-se o  
acampamento muito claro, mas havia  
entre fogueira e fogueira umas pequenas  
faixas de sombra.

Eu enxergava nitidamente todas as  
pessoas e os cães, mas raciocinei com-  
migo que, quem se acha perto da cla-  
ridade, não enxerga no escuro. Então  
sahi de meu esconderijo e engatinhei  
por uma daquellas zonas de sombra,  
sempre temendo mais dos cães do que  
dos homens.

Consegui passar despercebido e con-  
tinuei a arrastar-me pelo campo, mas  
dahi a umas cem braças parei exaustos  
e ahi dormi.

Ao clarear o dia, experimentei tres  
vezes levantar-me, mas não o consegui.  
Fui então engatinhando á toa pelo cam-  
po. Felizmente o terreno era accidenta-  
do de "morrôtes" que me furtavam á  
vista dos paraguayos.

Caminhando assim ao accaso, fui dar  
na batida que havia deixado a passa-  
gem das tropas brasileiras.

Era um sulco largo, através do ca-  
pinzal, e assemelha-se a uma estrada,  
tão apizoado ficara o terreno.

A certa distancia avistei os para-  
guayos, que estavam recolhendo os ani-  
maes. Observei que estes não dormiam  
soltos e sim amarrados na extremidade  
de um grande laço, preso na outra pon-  
ta a uma estaca.

Nesse momento vi perto de mim, num "cocuruto" do terreno um cavallo paraguayo, muito magro, pastando.

Talvez se escapara á noite do laço e pudera assim afastar-se dos demais. Cheguei-me a elle, sem que se espantasse, e segurei-lhe a crina. Abracei-me em seguida a seu pescoço. Então pensei commigo: "Como hei de guiar este cavallo?"

Nessa irresolução minha attenção prendeu-se a um manajo que incommodava o braço, quando eu engatinhava. Era uma tira de pano, de quasi dois metros do comprido, que estava enrolada no logar em que o medico me sangrara. Na inconsciencia da molestia eu nem sabia que havia soffrido uma sangria.

Amarrei a tira na bocca do cavallo, e subindo num cupim, montei-o. Fui tocando pela batida deixada pelos brasileiros. Passei um espraído onde a agua deu nas costellas do cavallo e subi serra. De certo ponto desta avistei ao longe o esquadrão paraguayo avermelhando o campo (as fardas paraguayas eram vermelhas, ao passo que as nossas eram azues).

Açoitei com uma vara meu cavallo. Embora de uma magreza extrema, elle galopou commigo até pelas duas horas da tarde. O terreno me favorecia, porque eu agora atravessava trechos de matto e de cerrados.

Subito, adeante de mim rinchou um cavallo. Estaquei e com cuidado observei o que era. Vi á minha frente, num vargedo, outro esquadrão paraguayo. Dei uma volta para contornar o logar em que elle estava e apanhei a batida outra vez.

Depois que o sol entrou, vi, num espigão que me ficava fronteiro, quatro esquadrões paraguayos, acampados. Depois eu soube que dalli elles enxergavam as nossas forças, que se achavam á beira do rio Miranda, impossibilitadas de passar-lhe a corrente impetuosa.

Desta vez eu fui tambem avistado. Vieram muitos cavalleiros, a toda a brida, para capturar-me. Apanhei um matto que havia perto. Ahi o terreno era pantanoso. O meu cavallo atolava-se, mal podendo avançar. Em certo logar elle afundou as duas mãos e não poudesahir. Abandonei-o, e, atolando meus braços e minhas pernas, fui engatinhando pelo brejal.

Por essa occasião escureceu de todo, e, onde eu me achava, a escuridão ainda era mais profunda, por causa das arvores. Não sei que rumo levaram nesse momento os paraguayos que me perseguiam. Sentindo-me esgotado de forças, deitei-me na lama, pondo a cabeça em cima de uma raiz ou tronco que estava atravessado á minha frente, e que eu apenas pelo tacto sentia, por que, como disse, a escuridão era absoluta. Nessa posição passei por uma mo-

dorra. Acordei sacudido por um accesso de tosse incommodo. Quando fiquei quieto, cuvi perfeitamente rumor de passos humanos que se avizinhavam de mim, guiados pela minha tosse. Felizmente esta cessou.

Os passos, chapinhando na lama, continuavam a aproximar-se. Retive o follego o mais que pude. Senti queessa pessoa parou rente commigo. Se ddesse um passo mais, esbarrava em mim. Pensei que eu tivesse sido visto, e, encolhendo o corpo, esperei a lançada. O paraguayo parou ahi uns cinco minutos, escutando; depois deu um profundo suspiro e voltou por onde veio.

De madrugada tive uma agradável surpresa: ouvi os sons das cornetas e da banda de musica da brigada brasileira, o que me deu a conhecer que ella não estava acampada muito longe. Presentei muito sentido á direcção de onde vinham os sons. Logo que clareou sufficientemente para que eu pudesse seguir, comeci a caminhar em linha recta na referida direcção. Ainda no interior da matta encontrei um ribeirão que tive de passar com agua pelo peito. Tive primeiro o cuidado de despir-me e atirar a roupa para o outro lado, onde novamente me vesti. Pouco além entrei numa macéga de capim flexa. E' um capim tão alto que encobre um cavallo. Subi um morro coberto pelo referido capim.

Ao chegar ao alto do mesmo, novo perigo me esperava: vi dois cavalleiros paraguayos de sentinella, á minha direita e outros dois á esquerda. Eu caminhava cautelosamente para que não me vissem, mas mesmo assim receava que osmovimentos dos pendões do capim denunciasssem minha presença. Passei entre elles despercebido e transpuz o espigão. Vi então, o exercito brasileiro acampado á beira do rio Miranda, a menos de um kilomerto do logar em que me achava.

Ainda um ultimo perigo me restava para passar. O capinzal alto findava a pouca distancia de mim, sendo substituido por um vargado de capim mimoso, onde infallivelmente os paraguayos me avistariam. Cheguei a essa zona perigosa; mas como era na descida do morro, os inimigos não me poderiam ver logo, porque o boleado do terreno me escobria á sua vista.

Ora, exactamente quando eu engatinhava na descida desse morro, os brasileiros de longe me avistaram, reconhecendo, pela minha farda azul, que eu era um dos seus. Compreenderam o perigo que eu corria e por isso mandaram um batalhão ao meu encontro. Então rejubilei. Estava salvo!

De facto, o batalhão chegou sem embaraços até onde eu estava; ahi dois soldados ajudaram-me a aprumar-me, um amparando-me de um lado e outro do outro lado e assim caminhei até o nosso acampamento.

A' chegada fizeram-me um presente que recebi com grande prazer — deram-me duas laranjas”.

Para terminar acrescentarei mais umas breves notas sobre Calixto:

Ao receber a sua baixa tinha o posto de segundo sargento. E' natural, não da Bagagem, mas de Santo Antonio do Boqueirão, municipio de Paracatu' e reside em Estrella do Sul. Tem actualmente cerca de 72 annos de idade. Casou em 1877 com d. Lucinda de Jesus, sendo pae de dezoito filhos.

Estrella do Sul, Agosto de 1919.

GODOFREDO RANGEL

#### MAETERLINCK EM NOVA YORK

As conferencias de Mauricio Maeterlinck motivaram, na America do Norte, cousas bem curiosas. O festejado escriptor belga chegou a New York num momento propicio, e tudo lhe augurava o mais completo triumpho na viagem que então realizava.

Popular na Europa inteira, principalmente entre as mulheres, que têm quanto Mauricio Maeterlinck publica, elle tem desbancado facilmente todos os seus confrades contemporaneos. Precedido, pois, da muita fama de que goza, realizou a sua primeira conferencia na vasta sala do “Carnegie Hall”, repleta do mais escolhido auditorio, e... registrou-se, então, o mais retumbante escandalo literario-social destes ultimos tempos. Poucos actores pôdem lamentar-se de terem recebido pateada semelhante, tão furiosa e ensurdecadora foi a que se viu no salão do “Carnegie”.

E, todavia, a causa de tão inesperado insuccesso não podia ser mais simples.

E' que não houve quem o entendesse. Falava numa extranha linguagem que não era nem a franceza, nem a ingleza, nem idioma conhecido de ninguem. Parecia o chinês, o vasco ou outra qualquer destas linguas arrevesadas. Parte do publico começou a gritar: fale em inglez! Outra parte pedia: fale em francez! Mas qual! O autor do “Passaro Azul”, tendo perdido de todo a calma, parecia até haver esquecido o seu proprio nome!

Como a conferencia estivesse escripta, pelo menos Maeterlinck levava um maço de papéis nas mãos, o seu representante e interprete, temeroso de que aquillo ti-

vesse peiores consequencias, tratou de apaziguar o publico, propondo-se a ler a famosa peça literaria.

Com isto restabeleceu-se mais ou menos a calma, se bem que alguns protestos ainda se fizessem ouvir. Sentou-se, então, Maeterlinck e... Agora era o interprete que estava atrapalhado. Por mais que olhasse para o papel, por mais que se esforçasse, acabou declarando-se vencido: não percebia patavina!

E não ha como relatar o fim desta festa extraordinaria.

Segundo affirmaram pessoas interessadas no caso, Maeterlinck, ao assentar as bases da sua excursão, com uma empresa “yankee”, comprometteu-se a fazer as suas conferencias em inglez apesar de não conhecer uma palavra deste idioma.

Num destes repentes que só occorrem aos genios ou aos cretinos, o grande pensador belga tomou como professor, immediatamente após a assignatura do contrato, um criança de 16 annos, que lhe leccionou durante um ou dois mezes e, com esta bagagem shakesperiana, fez-se de velas para os Estados Unidos.

Levou a conferencia escripta em francez e obteve uma boa traducção della para o inglez, mas esta traducção — que era a que elle leu e o interprete não pôde comprehender — ao em vez de estar escripta em orthographia correctamente ingleza, o estava em uma especie de equivalente phonetica, estylo “Methodo Ollendorff”, para que um francez pudesse pronunciar as palavras.

E eis ahí como um poeta, um philosofo, de vida tranquilla e socegada, como Maeterlinck, que foi a New York em busca de gloria e pecunia, encontra-se agora seriamente envolvido em complicados pleitos ante os tribunaes norte-americanos, em virtude de não cumprimento de contratos assignados na fórma da lei... — (“A Rua”, Rio).

#### UMA DO EMILIO

O pranteado Emilio de Menezes, como todos sabem, possuia o mais irrequieto bom humor a par de uma intelligencia privilegiada. Em qualquer agrupamento onde Emilio estivesse, não tardava muito



que, um dito mordaz ou um trocadilho a proposito, se lhe escapasse como um relampago de riso, dentre as espessas bre-nhas dos seus vastos bigodes. E a gargalhada, então, espoucava da garganta de cada circunstante, enquanto o sublime autor das "Ultimas Rimas", circumspecto e grave, com os olhos no infinito, saboreava, silenciosamente, o effeito causado pela sua "tirada" espirituosa.

Entretanto, em certa época, foi tal a fama anedoctica de Emilio, que, ainda mesmo em sua vida, qualquer calembourg simplesmente cretino ou qualquer trocadilho infamemente idiota, embora não pudesse vir da cabeça de Emilio, tinha que levar como "hors d'oeuvre" a pergunta estellionataria:— Sabes a ultima do Emilio?...

E, após o seu passamento, Emilio, naturalmente muito a contra gosto, tem dado a paternidade posthuma a quanto mostrengo anedoctico por ahi existe, filho de paes incognitos e degenerados.

Por essas e outras, sempre que me é perguntado se conheço "uma" do Emilio, vou, mentalmente, redimindo a memoria do poeta com o sacrificio da minha incredulidade.

Hontem, porém, o Domingos Saboia — pessoa incapaz de pregar duas mentiras ao mesmo tempo — contou-me um caso passado entre elle e o Emilio, e que, eu pela terminação intempestiva, propria do humorismo emiliano, não tive duvidas em aceitar-o como sendo do "redemptor" do "Corvo" de Edgard Põe.

O caso foi que, certa manhã, entrando o Saboia na "Paschoal", encontrou-se com o Emilio que o convidou, prazerosamente, a tomar um "kerozene" (old ton gin" e syphão). Após muita reluctancia da parte do estomago do Saboia que, talvez, achasse pouco um só "kerozene", o caixeiro da confeitaria deitou, num calice minusculo, uma dóse homœopathica de "veneno", levando ainda a garrafa da "preciosidade" para cima do balcão.

Emilio, que tudo observára, revoltou-se com o facto e, chamando o "garçon", disse-lhe, em tom aspero: — Seja menos grosseiro... Deixe a garrafa aqui na mesa... Por causa destas picuinhas é que eu gosto da "Colombo"... Lá o dono

da casa tem toda a confiança na honestidade dos freguezes...

O "garçon", depois de desmanchar-se em desculpas, deixára a garrafa sobre a mesa e já ia longe com as orelhas rubras pela reprimenda, quando o Emilio, mais calmo, tornou ao Saboia:

— A "Colombo" é hoje um dos unicos logares onde se póde beber... E eu gosto muito do Lebrão... E' um bom coração; amigo do seu amigo; espirito cheio de iniciativa e, além do mais, um grande architecto...

— Architecto? — fez o Saboia, arregalando os olhos com o descabido da asserção.

— Sim, sustentou solemne o Emilio: um grande architecto... Talvez o maior do Universo. depois do Padre Eterno...

— ? ! !

— Pois tu não viste as grandes remodelações que elle está fazendo na sua casa de commercio? Não viste a collocação dos enormes espelhos? E os custosos ladrilhos? E por cima disso tudo, lá no tecto, bem no alto, aquellas collossaes vigas de ferro?

— Vi...

— Pois, filho, qual seria outro architecto, que não elle, capaz de conseguir collocar vigas de ferro em cima de "pãos... d'agua"?

E o Saboia, com os olhos razos de agua, a rir, a rir, pagou a despesa... —

JOÃO SEM TELHA.

("O Jornal" — Rio).

#### O "TIRO" NO BICHEIRO

O seguinte caso é authentico e foi-nos narrado por pessoa recém-chegada de Co-rumbá.

Existe nesta cidade um unico banqueiro de bicho, o Oliveira, cidadão portuguez, minhoto, e apatacado.

Como não tenha confiança no bicho do Rio, elle instituiu um systema local que não é, em ultima analyse, sinão o systema primitivo do Barão de Drumond.

Apenas, em vez da figura do bicho, elle põe numa caixa, pela manhã, escripto num cartão, o nome do animal.

A caixa é suspensa ao tecto e ahi fica, á vista dos jogadores.



À tarde, aquelle que maior jogo fez, desce a caixa, abre-a e proclama o bicho vencedor.

Ora, uma certa vez, um pequeno atilado conseguiu descobrir, á hora de preparar a caixa, que o nome do bicho, escripto no cartão, começava por B.

Correu ao Philippino, o maior jogador da cidade, e contou-lhe o que vira.

— Mas você viu mesmo, menino ?

— Vi, sim senhor; o nome não pude ler, mas vi bem que a primeira letra é um B.

O Philippino foi aos amigos intimos e narrou-lhes o facto; ficou resolvido dar um formidavel tiro.

— Mas como ?

— Carregando em todos os bichos da letra B.

— São apenas dois: *Borboleta e Burro*.

— Mas o Oliveira, bom minhoto, pronuncia *Bacca e Beado*...

— E' verdade: nesse caso carregaremos o jogo nos quatro.

A coisa ficou resolvida na roda dos amigos e, nesse dia, o Oliveira não teve mãos a medir em vender os quatro bichos.

À tarde, o Philippino, que jogara 200\$, foi chamado a descer a caixa.

A casa do Oliveira regorgitava: a anciedade era enorme. O Oliveira coçava a cabeça...

Houve um momento de silencio: os coações quasi deixaram de bater.

Corumbá em pezo tinha os olhos fitos na caixa mysteriosa.

Um palpitava: — é burro; e outro: — qual nada, é *bacca!* — e um terceiro é *beado*... — é borboleta, murmurara um quarto.

Mas Philippino já descera a caixa: abriu o cadeado, retirou o cartão e empallideceu.

— Que é ? que é ? perguntaram todos a uma voz.

E Philippino sibilou, deixando cair os braços: **BESTRUZ!**

(Do "*Jornal de Minas*" — *Bello Horizonte*).

#### ARTE NOVA

Duas forças antagonicas mantêm o equilibrio social e regulam a marcha evolutiva do progresso: o misonismo e

o philoneismo. Uma conserva, outra renova; uma é estatica, outra dinamica.

Todas as actividades sociaes estão sujeitas a essa lei da harmonia collectiva; da correspondencia exacta dos seus valores depende a ordem. No mundo economico e industrial, no mundo moral e artistico, por tudo ella se revela imperativa e eterna.

O movimento universal, a dinamica dos mundos, das idéas e das cousas talvez seja a unica verdade scientifica contrastavel. A idéa da inercia absoluta é um absurdo que a razão repelle. Nossa inquietude fatal destróe lenta e seguramente as nossas proprias creações na ancia perpetua do novo. Nossas idéas, como supposições giram como os astros. Tudo se resolve no creado, no admiravel rythmo da vida universal.

Só estaciona o que morre. A vida é movimento. Os museus são tumulos. A historia é um epitaphio.

Desse protheico e monstruoso variar de aspectos é que nasce a originalidade. Na arte, a procura do inedito quebra as formulas de hontem; cada affirmacão de personalidade é a fixação de um aspecto novo de idéas e de imagens. E' o delirio do "ultimo". E' a conquista do "não visto".

Por uma ironia das leis invariaveis que regem o mundo das idéas e das fórmas, os apparentes ineditismos não são mais que combinações e arranjos de concepções pre-existentes e seculares. Somos como as crianças que brincam com certas caixas de madeira, fazendo castellos, cruces, figuras, monumentos, sempre com as mesmas peças.

O philosopho triste do Ecclesiastes já disséra, ha mil annos, essa verdade. Creamos apenas o ephemero. Só Deus engendra o immutavel e eterno. Adão repete-se através das épocas; a differenciação da sua personalidade é uma questão de indumentaria; a mutação dos seus pensamentos, uma questão de inversão de idéas.

Eva ainda devora a maçã biblica e escuta a serpente. Caim mata Abel com um revólver, em vez de lhe achatar o craneo com uma lasca de silex. Em logar da torre de Babel elevam-se os "arranhaçóes".



Mas a nossa sede de novo muda a collocação das pedras; pensamos possuir o não imaginado, invertendo apenas os elementos de que dispomos. A lenda do Judeu Errante foi mal compreendida: a humanidade é que é Isaac Laquedem em perpetuo movimento. E quem parte de um ponto do meridiano voltará outra vez a esse ponto do meridiano...

Assim em tudo. Assim na arte.

O nosso tantalismo de belleza é iconoclasta; nada estaciona; o discipulo re-forma as concepções do mestre; o que não avança retrotraí; o que não descobre uma combinação nova modifica o antigo, moderniza-o. Assim fez D. G. Rossetti; assim fizeram os esculptores que procuraram estylizar o grego, o egypcio, o médio, o assyrio.

Nessa galharda e audaciosa vesania do inedito, alguns cahiram no morbido, no bizarro, no hermetico; os mediocres, delirando, engendraram gongorismos idiotas; os genios, creando, penetraram os humbraes dos nebulosos, que os fanaticos aceitaram, fingindo comprehender o absurdo. Dahi apparecer na arte uma criação doentia, que se chamou cubismo, uma escola enigmatica e doida, que se chamou futurismo.

Nada, porém, é perdido. Esse actuar de forças philoneistas, que alcançam os extremos, provocou a reação dos elementos conservadores, agitando a estratificação das idéas aceitas, que envolvem, alcançando um estagio superior de criação, modificando os excessos e restabelecendo o equilibrio. Esse meio termo, que justifica o axioma da virtude estar no meio, é que fórma a arte sadia e representativa de um determinado tempo da cultura humana.

O que é uma verdade é que a arte não estaciona. Estacionam as obras que representam um maximo de belleza numa determinada época. Esses são os marcos do genio creador do homem e devem ser julgados e apreciados com um espirito de relatividade.

Todos param, assombrados, deante das estatuas gregas. Nenhum artista, porém, as reproduz. Fazel-o seria copiar servilmente um anachronismo. Assim, as telas de Fra Angelico, de Raphael, as estatuas de Phidias, de Canova, de Mi-

guel Angelo são realizações geniaes que, pintadas ou esculpidas hoje, representariam apenas estudos curiosos e não obras de arte, si não tivessem como os quadros dos pre-raphaelitas, um espirito moderno.

O proprio Rodin será em breve obsoleto. Dazzi e Zanelli, Mastrovic e Metzei amanhã não passarão de soberbos artistas creadores de uma arte velha.

O que é, porém, irreverente e sacrilego é não prestar um culto a esses genios. E' não olhar com os olhos do passado o esforço e a gloria desses titães que legaram á humanidade tanta belleza.

A nossa falta de senso critico ergue o impiedoso camartello do desprezo para mutilar todo esse patrimonio de gloria. Por um decadentismo que se accentua ignominiosamente após a guerra, na loucura crescente de se reformar a face do mundo, os artistas hodiernos escarnecem desse passado e, por uma ironia irritante, engendram uma arte pueril, absurda e ephemera, que divinizam sob a egide do primitivismo e da ingenuidade. Artistas admiraveis, contagiados por essa corrente cultuam essa arte doentia, que amanhã pela reação sensata dos artistas menos radicaes, apenas será uma ridicula memoria na historia da arte.

Gongora fez isso na literatura; teve sequazes. Hoje não passam, elle e seus proselytos, de uma lamentavel documentação do que podem o mau gosto e o artificio...

Felizmente, por nossa propria inquietude, pelo eterno retorno ás fontes antigas de que fala o genio de Nitzche, tudo isso passará; essa syncope mental, resultante do esforço exhaustivo da grande guerra, será apenas um estado morbido e passageiro da nossa esthesia amollentada.

Os gigantes do pensamento reagirão por esse espirito de conservação que vela perpetuamente no seio da humanidade. E o bom senso esthetico será restaurado, agonizando, inane, o monstro apocalypticico do super-modernismo que nos avassalla.

Menotti Del PICCHIA.

("Correio Paulistano").



## ARTE E CINEMA

Paris festejou com um grande banquete a eleição de Louis Lumière, inventor do cinematographo, para a Academia de Sciencias. E' grato aos francezes, e aos corações amigos da França, o registro de que duas das maiores invenções industriaes e a maior descoberta scientifica dos ultimos tempos são francezas — o cinematographo, o automovel e o radium — sem desmerecer na descoberta e na invenção maravilhosa e surpreendente do aeroplano, que é legitimamente brasileira, mas mesmo assim o nosso glorioso Santos Dumont quiz que a França compartilhasse della e foi em Paris que a executou triumphal.

Em que pese a seus inimigos declarados ou occultos, a França nada perdeu, nos modernos tempos, do seu poderoso espirito inventivo de sempre. Em 1895 havia no mundo inteiro um unico cinema e era o do Grand Café, no boulevard des Capucines; ha-os hoje mais de cincoenta mil, numero verificado pelo sr. Louis Brezillon, presidente do syndicato dos directores.

O invento de Lumière — nome de predestinação — gerou farta fonte de vida para todo um formigueiro de trabalhadores, ou ainda mais, como ao finalizar o banquete disse em discurso o sr. Romain Coolus, presidente da Sociedade dos Autores Dramaticos, esse invento trouxe para os humildes uma alegria inedita, e quasi transforma os adultos e os anciãos em crianças, resuscitando para elles as deliciosas voluptuosidades da lanterna magica que lhes foi o encanto da meninice... E' o cinematographo uma distração inestimavel mesmo para aquelles que as distrações já não mais seduzem, e ainda mesmo aquelles que a essa preferem outras outras não recusam a Luiz Lumière o titulo de um dos bemfeitores da humanidade.

Romain Coolus foi ainda mais longe. Reconhecendo embora que os espectaculos cinematographicos são muitas vezes mediocres, julga elle que a culpa não cabe ao cinema, porém, aos que o utilizam mal; e o cinema deve ser considerado como uma verdadeira arte e um modo novo de expressão. Os escriptores,

disse elle, até então não possuíam para traduzir suas concepções e transmittir ao publico suas emoções imaginativas senão a materia sonora, ou se preferem as palavras, que são tardas e muitas vezes insufficientes embaixadores do pensamento". A invenção de Louis Lumière "abriu-lhes o mundo infinito das imagens que se podem succeder quasi com a rapidez do proprio pensamento" e esse inventor lhes poz á disposição, se assim se póde dizer, a "materia visual".

O entusiasmo do orador o empolga e arrasta demasiadamente longe. Diga o que disser o sr. Romain Coolus, em sua engenhosa theoria, as palavras não são apenas simples "materia sonora". Ellas são antes de tudo signaes, e nisso exactamente consiste a superioridade da poesia e da alta literatura até mesmo sobre as outras artes de valor incontestavel.

As palavras tambem são innegavelmente "sons", possuem uma musica que lhes é propria; têm até mesmo colorido. Podem evocar todas as impressões musicaes, pittorescas e plasticas. O mundo visivel e o invisivel, o sensivel e o abstracto, nada escapa ao dominio universal do verbo, que é uma maravilha de tal ordem que alguns, até Bonald, não a puderam considerar como invenção dos homens, e attribuiram-lhe uma origem divina. O incomparavel valor literario do verbo resulta de que se não dirige elle precisamente nem aos olhos nem aos ouvidos, dirige-se á propria intelligencia; e daquillo de que directamente não póde reproduzir nem o objecto nem a emoção, suggere-os e os evoca pela idéa.

Um grande escriptor — por exemplo Stendhal — usa estylo perfeitamente simples, abstracto e nu', mas no emtanto capaz de evocações e resonancias infinitas.

A um instrumento assim tão poderoso, tão sabio e tão vario, não se póde assemelhar nenhuma materia visual, nem principalmente a de que dispõe o cinema. As artes plasticas são certamente mais limitadas que a arte literaria, mas até certo ponto possuem a mesma força e a mesma liberdade. O pintor e o escultor escolhem e compõem; vão assim até ao raciocinio e ao entendi-



mento, não se limitam a copiar, antes interpretam a natureza.

O cinema não é mais que uma photographia aperfeiçoada e em movimento, mas como a photographia apenas um apparatus registrador. Depende do modelo, e nada elle accrescenta. Por certo, poder-se-á facilitar-lhe coisa melhor do que os quadros e attitudes que até hoje se lhe têm amprestado. Mas, afinal de contas, não se percebe como poderia elle passar além do nivel da pantomima, que tambem já foi uma arte delectosa, apreciada pelos Gauthiér e pelo Bonville, mas, indubitavelmente, muito restricta.

Isso tudo, quanto ao lado theatral e literario. Resta ainda, porém, o lado por assim dizer "documentario" — no qual realmente o cinema é por certo preciosissimo.

Em resumo: o cinema é, de certa maneira, uma coisa analoga ás imagens dos livros ou dos jornaes illustrados, um excellent apparatus para divertimento, para informação e vulgarização.

Uma arte maior e uma nova linguagem... isso não!

#### CLUB DOS SOLTEIRÕES

Os inglezes, quando emigram, levam para os paizes que vão beneficiar com os seus gutturaes "all right" e clangorosos "very well" todas as excentricidades que beberam no berço materno.

E' muito commum nas cidades inglezas a permanente organização de clubs de solteirões, onde são recebidos todos aquelles que, ao passar além da casa dos trinta e cinco, não se deram ao trabalho, por demais fastidioso, de escolher uma costella que os aqueça.

Não pensem que essas associações tenham um fim immoral qualquer; tudo lá se pauta pela mais restricta honestidade. O solteirão albionico, ao contrario do que se dá com os seus collegas latinos, despreza a mulher "in totum", não só como esposa, mas tambem como amante. Foge de qualquer rabo de saia com mais presteza que um gamo. Assim, nos seus clubs, o elemento feminino não tem entrada.

Os associados reúnem-se todas as noites sómente para jogar, beber, comer e

falar mal da outra metade do genero humano.

Comer, beber e jogar, não só para os subditos do rei Jorge, como para muita gente boa, é o ideal da vida; parece-nos que aquelles que assim pensam não deixam de ter carradas de razão, desde que não tenham outra coisa que lhes subordine as horas do dia. Uma centena de solteirões reunidos para tão grande emprehendimento, eis o club por excellencia.

Ha uma cidade no Mexico arrevezadamente denominada Chiu-Hua; nella existe uma grande colonia ingleza. Trataram logo os membros da colonia de fundar uma associação daquellas que vicejam na mãe patria. Eram tambem admitidos como socios os nacionaes.

A cerimonia principal dos estatutos era o "enterro" do socio que se casasse. Pois a cidade de Chiu-Hua acaba de assistir, pela primeira vez, á espantosa cerimonia.

De la Pétaradde, subdito britannico de origem franceza, era o rei dos solteirões, sob o nome de Buttock I; apaixonou-se aos quarenta e cinco por uma hespanhola de vinte e seis, e tão louco de amor ficou, que resolveu abandonar os seus consocios, mandando-os pentear macacos.

A indignação foi geral, tendo sido De la Pétaradde intimado para deixar-se "enterrar".

A's dez horas de uma noite de esplendido luar realizou-se a solennidade. O noivo foi conduzido numa magnifica carruagem negra, enfeitada de azul e branco; puxavam-na tres parelhas de cavallos tordilhos.

O acompanhamento formava-se de 30 socios, vestidos com tunicas roxas e levando cirios nas mãos.

Dez criados encasacados conduziam cestos enormes, prenes de gin, whisky, old-tom e rhum.

Num riquissimo catafalco, em pleno bosque, foi collocado o "cadaver". De la Pétarade teve que ouvir todos os canticos de corpo presente, e, para maior castigo, ainda foi martyrizado com uma compridissima arenga do advogado Muñoz Salas, orador do club.

Terminada a cerimonia, pegou elle, pela ultima vez, uma respeitavel mona,



em companhia dos seus amigos, ao dobre de um sino que tristemente badalava.

Em seguida foi aclamado rei dos solteirões o mexicano Juan de las Gambias, sob o nome lididamente castelhano de Matamoros I.

GUY D'ALVIM.

#### VIDA FORENSE.

O sr. René Benjamin, um dos novos escriptores francezes que têm a rara qualidade de escrever para dizer alguma coisa e de dizer alguma coisa quando escrevem, publicou recentemente um livro interessante sobre a justiça em Paris. Não é uma dissertação, não é um catalogo, não é uma estatística, não é uma conferencia, não é, em summa, qualquer das manifestações escriptas do talento de adormecer tão contradicho hoje entre os denominados homens de letras. Não é tampouco um romance: é uma série de quadros, um punhado de episodios apanhados da realidade e não inventados pela imaginação, distribuidos e narrados de tal maneira que delles resalta com nitidez cheia de vida a imagem perfeita do que é a justiça em Paris.

Quereis saber o que ella é? Oh, meus senhores, é uma coisa dolorosa. E' isto: um officio massador que os juizes procuram desempenhar com o minimo do attenção e o maximo de somno, uma especie de machina clasificadora de litigios, um typo novo de moinhos de oração de uso em algumas regiões da Asia Central. O presidente das Camaras dá uma volta á manivella julgadora e o aparelho entra a funcionar com a monotonia de um velho realejo do mesmo passo que os juizes, accomodados nas poltronas amplas, mergulham nas delicias de uma somneca reparadora, ao somcenciado das declamações dos advogados e dos "considerandos" do presidente.

Ao somno da magistratura corresponde, não raro, nas salas de algumas Camaras, o somno da assistencia de modo que o Palacio da Justiça toma em certos dias, quando funcionam todas as Camaras, o attrahente aspecto de um vasto e solemne dormitorio.

Esse torpor só é sacudido quando no

litigio figura como parte ou como advogado qualquer politico influente ou quando a causa é extremamente picante...

Descontado o que ha de exaggero nessa pintura ou, melhor, nessa caricatura da justiça pariziense, o que fica ainda é bastante para nos consolar dos vicios e defeitos da nossa. Com o systema de estudo adoptado pelos juizes do Tribunal, os quaes examinam os autos em casa vagarosamente antes de ir para as sessões e lançam por escripto em cadernos particulares a opinião que formaram, não correm as parte, em hypothese alguma, o perigo de ver os seus direitos sacrificados pelo somno dos julgadores. Nenhum risco padecem ellas tambem por terem os adversarios entregue a defesa de seus direitos a figurões da politica ou da advocacia. Ainda não vimos uma só causa no Tribunal de Justiça de São Paulo ser decidida de um determinado modo só porque as partes ou os seus advogados pertencem ao estado maior da politica, da finança ou da sociedade. Politicos em pleno fastigio do poder temos visto perderem causas como qualquer cidadão anonymo e advogados do mais alto renome nada conseguem frequentemente, na defesa do incerto direito dos esus clientes finorios. Salvo uma ou outra excepção, necessaria aliás para que o tribunal não perdesse o caracter humano e tomasse os ares de um gremio sobrenatural, os juizes da instancia superior não ligam a menor importancia aos grãos-senhores da politica ou da advocacia ou, por outra, não lhes reservam tratamento diverso do que dispensam a todos os homens dignos, poderosos ou não, illustres ou obscuros, que militam na politica ou na advocacia ou em ambas conjunctamente.

Um julgamento da Camara Civil, por exemplo, que é a mais importante pelo numero de juizes e pela natureza das causas de que conhece, poderá, ás vezes, não ser justo; nunca, porém, será o fruto de influencias estranhas, de pedidos, de suggestões. Será sempre a somma do estudo, calmo e consciencioso, de cada um dos juizes. Não entra na cabeça de quem quer que de perto lhe acompanhe os trabalhos que no voto deste ou daquelle ministro se haja in-

sinuado, de um geito ou de outro, consciente ou inconscientemente, o desejo de ser agradável a uma das partes ou a um dos advogados.

Se em nada levam vantagem aos nossos os juizes parizienses, o mesmo acontece em relação aos advogados. Embora não disponhamos de uma organização como a da Ordem dos Advogados de Pariz, pareceu-nos, pelo que deduzimos do livro do sr. René Benjamin, que os profissionais de cá nada têm que invejar aos de lá. Os vícios e as virtudes repartem-se, lá e cá, com a mesma regularidade e, cá e lá, os talentos e as illustrações apontam com a mesma parcimonia. A advocacia em ariz é, em proporções muito grandes, a mesma coisa que é em S. Paulo. Não lhe faltam nem os grossos tubarões do fóro nem os parvos vitalícios do jury. Enxameiam lá como aqui os "cabotinos" da profissão. altos e baixos, graudos e meudos, e, aqui como lá, raro, a tollice empavonada cede a palavra e o logar ao bom senso e ao bom gosto...

Sirva-nos isto de lição patriótica. Já é tempo de nos convenceremos de que a superioridade do estrangeiro só existe... em nossa imaginação e em nosso pendor para desprezar o que temos. Somos todos da mesma massa e todos estamos sujeitos á acção do erro e ás sollicitações da fraqueza.

Nacional ou estrangeiro, o homem é sempre a mesma criatura van, pretenciosa e egoista, capaz de tudo, inclusivé de virtude, que é a mais bella das suas pretensões vaidosas. Estrangeiro ou nacional, elle é sempre o mesmo gorilla lubrico ora com mais ora com menos enfeites.

Admirar o estrangeiro só porque é estrangeiro é indicio de debilidade mental — é cuidar que elle é, ou pôde ser differente de nós... Ou desprezemos-o como nos desprezamos, ou nos estimemos como nos estimamos. Temos o direito de ser modestos, mas não temos o de ser idiotas, ou, por outra, temos tambem o de ser idiotas mas não devemos exercel-o sosinho, para o proveito e goso do resto da humanidade...

Poupemol-o.

("O Estado de S. Paulo")

#### A PROVA DE REPORTER.

O expresso que nos levava para a fronteira da Hespanha, havia sahido tres quartos de hora antes, e corria entre o silencio de uma clara noite de Agosto. Eramos apenas dois passageiros, no vagão de primeira classe, e quando para elle entrei fil-o com o intuito de installar-me o mais commodamente possivel para passar a noite. De repente, o meu companheiro de viagem volta-se para mim mostrando-me um jornal de ultima hora, que acabára de ler.

— Conhece, senhor, os novos detalhes sobre a aggressão perpetrada, ha tres dias, no rapido da Belgica ?

— Nada li — respondi, sem poder deixar de sorrir. — Mas acredito pouco nessas historias de aggressões em estrada de ferro.

— Pois faz mal— replicou o meu companheiro—por minha parte, nunca viajo sem o meu fiel Browing, préviamente carregado.

— Pois eu, confesso-lhe que nunca tomei semelhante precaução.

O meu companheiro fez um pequeno movimento de hombros, sem replicar, e estendeu-se no banco. Eu fiz o mesmo, envolvendo as pernas na minha manta, depois de haver diminuido a luz.

Fechei os olhos, mas o somno fez-se esperar. Lembrei-me de que cinco dias antes eu havia entrado nas officinas do importante jornal "A Nova Idéa", muito emocionado, levando uma carta de recommendação para o director. Este mostrou-se muito amavel e affectuoso, perguntando-me:

— Então, o senhor bastante joven, deseja ser jornalista ? E vem recommendado pelo meu bom amigo Dormond. Muito bem. Mas eu neste momento, não tenho logar algum disponivel. Quer voltar a procurar-me daqui a um mez ? E' provavel que então se faça alguma coisa. De qualquer modo, aqui tem o senhor um passe que lhe permittirá passar alguns dias, ou algumas semanas, á sua escolha, nos Pyrinéos. E se de lá me quiser enviar algumas chronicas...

E é por isso que nessa noite me encontrava em um compartimento de primeira classe do rapido de Hespanha.



As minhas idéas tornaram-se confusas. Entrevia não sei que futuros exitos jornalísticos...

Uma sensação estranha fez-me despertar sobresaltado. Entreabri os olhos e vi o meu companheiro de viagem na minha frente, apontando-me um revólver á cara e observando-me, com ares de ferocidade:

— Nem um grito !... senão !...

E depois, em tom baixo e imperiosamente:

— Dê-me a sua carteira... já...

Cheio de terror obedeci.

— E agora — disse o ladrão — muito cuidado em não ir contar essa aventura a pessoa alguma. Sei quem o senhor é. Chama-se Guy d'Affonse, acaba de terminar os seus estudos e vive na rua Rennes 317. Se o senhor falasse, teria noticias minhas.

Eu estava tão aturdido, que não vi desaparecer o ladrão e passei todo o resto da noite com o coração angustiado, sem animo para mover-me. O trem corria, corria sempre...

Logo que amanheceu pude reflectir um pouco. Calculei que era melhor guardar silencio, já que a minha segurança estava ameaçada. E' verdade que perdia 450 francos que tinha na carteira, e uma estadia de verão nos Pirinéos; mas, que remedio ?...

Quatro dias depois, estava de volta a Paris, onde durante algumas semanas continuei fazendo a minha vida de costume.

Approxima-se o mez de Setembro e disponho-me a visitar de novo a redacção d' "A Nova Idéa", quando uma manhã recebi a seguinte carta, acompanhada de um embrulho de fórma achatada:

"Illmo. Sr. — Ha dias, o senhor solicitou o logar de reporter d' "A Nova Idéa". A profissão de jornalista exige sérias qualidades moraes, sem as quaes toda a cultura literaria é absolutamente inutil. Infelizmente, estamos certos de que o senhor não possui as qualidades requeridas. No trem rapido que a 9 de Agosto ultimo o conduzia aos Pirinéos, o senhor deu, antes de mais nada, provas de uma imprevisão singular, declarando a um passageiro que não levava arma consigo, e, além disso demonstrou uma pusilanimidade deploravel re-

nunciando a dar queixa contra o seu aggressor, e, coisa mais grave, uma falta absoluta de tino jornalístico, deixando passar a occasião para seu lindo artigo de reportagem vivida. Nestas condições, temos o desprazer de lhe declarar que não podemos acceitar os seus serviços.—Pela directoria, DULERA'S."

"P. S. — Devolvemos-lhe a carteira que teve a bondade de confiar ao nosso collaborador, na noite de 9 de Agosto ultimo".

O embrulho de fórma achatada, continha, realmente, a minha carteira e dentro della todos os papeis e a somma que eu havia guardado.

Fiquei espantado e não mais tornei a pensar em ser reporter.

GUY D'AFFONSE.

(D' "O Jornal", Rio.)

#### AS PLANTAS E O SEU AUTOGRAPHO.

As experiencias recentes do sr. J. Bose, do Instituto Bose de Calcutta, despertaram grande curiosidade ao mundo scientifico.

Partindo do principio que os mais complexos problemas da vida animal devem encontrar solução no estudo dos typos de vida mais simples, procurando-se a relação entre a nossa vida e a da planta, emprehendeu o sr. Bose uma série de pesquisas com um engenhoso aparelho de sua invenção e que denominou "Crescographo Magnetico" ou Registrador resonante, cujos resultados formam o objecto de sua memoria intitulada "A unidade da vida", apresentada áquelle Instituto.

As experiencias consistiram em registrar as modificações que os agentes physicos e chimicos produzem sobre a sensibilidade e o crescimento dos vegetaes, semelhantemente ao methodo graphico empregado pelos medicos para registrar o pulso arterial dos seus doentes.

A parte principal do Crescographo Magnetico consta de uma comprida alavanca magnetica, cujo braço mais curto é ligado á planta por um fio; a outra



extremidade da alavanca move-se em frente a uma pequena agulha movel, ligada a um pequeno espelho.

Os movimentos da extremidade livre da alavanca fazem mover a agulha e o espelho a que está presa. Projectando-se um feixe de luz sobre um quadro apropriado a mancha luminosa reflectida delle, é possível não só acompanhar, como fazer a propria planta registrar o seu crescimento, descrevendo no quadro registrador, um traço ou linha sinuosa. cuja amplitude varia conforme a vida do vegetal se intensifica ou decresce. Assim, enquanto a planta cresce, a mancha luminosa move-se numa direcção, se porém se contrae sob a influencia de um choque, então o movimento da mancha se faz em direcção inversa. Applicando-se á planta uma substancia toxica, nota-se o decrescimento da vida, podendo terminar pela morte, se um antidoto não fór empregado.

E' obvio que os resultados que destas experiencias poderá tirar a agricultura, serão importantes. Assim, conclue o professor Bose que o emprego de estimulantes chimicos, ou physicos, produzirá effeitos diversos conforme a dóse.

Aos visitantes do Instituto Bose, é dado observar o traçado graphico formado de duas curvas parallélas: uma indicando as modificações da atmosphera, a outra a resposta correspondente de uma arvore frondosa as condições varias de cada minuto nas vinte e quatro horas.

A simples passagem de uma nuvem mais ou menos carregada é registrada pelo delicado aparelho.

("A Imprensa", Manãos.)

#### O NACIONALISMO NA ARTE.

A arte não tem patria, costumam dizer os que não são artistas, principalmente aquelles que ligam tanto interesse ao que é noso como á primeira camisa que vestiram...

Certas phrases parecem, não ha duvida, muito bonitas, têm effeito, sonoridade, embora no fundo sejam profundamente acacianas.

A arte não tem patria... não tem patria aqui, no Brasil, onde o artista nacional é a eterna victima indefesa dos

rivaes estrangeiros, muitas vezes gananciosos e sem probidade artistica.

O exemplo disso, em muitos dos nossos Estados, e até na propria Capital da Republica, está nas "celebres" galerias de retratos das repartições publicas, onde, quasi sempre, os retratos de autoridades são assignados e "assassinados" por estrangeiros, protegidos e ousados...

Em geral se faz uma critica injusta ao artista nacional. Que pôde elle fazer si, systematicamente, lhe arrancam das mãos as melhores oportunidades?

Nós, entretanto, o vemos trabalhar com uma rara heroicidade pela arte no paiz e, quando surge a rara possibilidade de ver coroado o seu esforço, lá vem, na sombra, esgueirando-se, humilde, sorrateiro, um "Jean qualquer cousa", um "Bartholini" ou "Bestacroff", que sei eu! que açambarca tudo e sorri, ao fim da empresa, da nossa estulta ingenuidade de hospitaleiros bôbos.

A arte não tem patria... Vá alguém dizer isso na França, na Italia ou em outro paiz mais civilizado que o nosso! Não tem patria no Brasil, repetimos, onde não ha o patriotismo que valoriza nos outros paizes a obra de arte e o merito do artista! Até bem pouco parecia victoriosa a campanha racional do nacionalismo. Em nosso paiz as boas idéas são como as modas: passam depressa...

O nacionalismo na arte deve começar pela defesa do trabalho do artista; garantindo este, o reso virá com facilidade. Não ha nisto jacobinismo e nem despeito; ha apenas o direito de defesa, direito que ao artista é negado na sua propria patria, porque os homens que nos dirigem são, neste particular, os primeiros a darem as mãos aos usurpadores...

FLY.

("Diario de Minas").

#### OS CAVALLOS DO DIABO

O sertanejo cearense acredita no diabo, piamente, tão piamente, quanto os camponeses das mais cultas nações europeas. O seu demonio é como os demonios e os deuses de todos os povos, creado á sua imagem e similhaça. Si de ou-



tra fôrma acontecesse, estariam revogadas as leis sociologicas que regem a materia e que a experiencia e a observação têm ensinado a quanto philosopho ou sociologo andam por ahi escrevendo e publicando livros maçudos.

Os cossacos e ukranianos acreditam num diabo chamado Lijeschi, o qual é o vento que sibila, uiva, gane, resôa nas steppas, pela noite além. O demonio sertanejo anda vestido de couro como qualquer vaqueiro e só se distingue do commum dos mortaes, quando descalço, porque tem pés de pato, ou no escuro, porque seus olhos afuzilam como os dos gatos em certas occasiões solemnes... "Figa, pé de pato!" diz o matuto e faz o signal da cruz.

Esse diabo tem os mesmos habitos dos seus creadores: gosta de cachaça, saboreia carne de bode picada, cosida com pirão e gerimum, corre atrás do gado na catinga e no carrascal, anda a cavallo e é especialista em assumptos de alquilador mais do que qualquer cigano dos "passados na casca do alho"...

O diabo sertanejo tem, no seu inferno, que parece com o sertão em tempo de secca, sendo "mais mió" um bocadinho, affirmam os vaqueiros, uma grande estrebaria, tão bella e tão rica como aquella subterranea em que o rei Herodes guardava as suas eguas de estimação, cavallos de todas as côres, qualidades, raças e feitios, nas quaes viaja quando precisa ou campeia as almas quando necessario.

A familia do demonio é — coom as familias do sertão — immensa. Nunca mais se acaba! dizem os matutos. Tem mulher, que elles ignoram seja a Lilith da lenda e chamam singellamente a "muié do Cão", porque o marido é chamado, não sei porque — o Capeta e o Cão. Tem um rôl de filhos e uma filha só — que é uma belleza de estontear.

Contam lendas sertanejas que um rapaz formoso, valente e forte, viu, numa noite de lua, a filha do Cão passeando numa varzea. Ficou loucamente apaixonado, num estado de excitação igual ao de certos individuos dos suburbios do Rio de Janeiro que, trabalhados por leituras romanticas de infima classe, matam as namoradas ou amantes e suicidam-se em seguida.

O seu anjo da guarda procurou dissuadil-o daquelle amor; mas nada conseguiu: o "beguin" era terrivel. E o interessante é que a diabinha tambem se enamorou do nosso amigo vaqueiro. Mandaram-se recados e ella chegou a falar ao pae que desejava vir morar em cima da terra, na fazenda do seu noivo. O Cão, conservador tradicional, e, no fundo, eminentemente burguez, sonhara outro matrimonio para a filha. Ficou decepcionado e furioso.

Negou consentimento. Bateu com o pé de pato no chão. Deu gritos e estouros. E acabou trancafiando-a num dos calabouços do Averno.

Uma feiticeira communicou tudo ao rapaz, que, desesperado, resolveu arrancar a pobrezinha ás garras desse pae cruel de dramalhão barato. A humanidade em todas as suas ficções reduz sempre o diabo aos mais réles papeis. Como essa campanha é de descredito dura ha seculos, o pobre senhor do fogo subterraneo está inteiramente desmoralizado.

O valente vaqueiro montou no seu cavallo castanho-escuro-fechado, sem signal de especie alguma, nem descoberto nem encoberto, animal de fama na ribeira, e partiu para o inferno.

Não reza a lenda a maneira em como conseguiu chegar ás profundas. Mas o certo é que esse Orpheu matuto atrás da sua Euridyce, esse Dante do sertão em busca da sua Beatriz, lá chegou, rompeu os ferros da masmorra, poz a "melindrosa" infernal á garupa do castanho e fugiu.

Chega ahi o momento em que a lenda é profundamente sertaneja, encerra a alma da gente rustica do paiz das secas, que aproveita para enumerar as quantidades e defeitos dos cavallos, de accôrdo com a côr do cabelo e com os variadissimos signaes externos ou semi-internos, desafiando o velho aphorismo dos **maquignons** francezes: "à tout poil bonne bête".

O diabo acorda, sabe da fuga da filha, enche-se de colera, manda sellar um dos seus cavallos e lança-se em sua perseguição. Dos dois fugitivos logo ella o avista, porque está na garupa, meio voltada para trás. O moço, prevenido

por ella, esporeia o castanho e pergunta:

— Em que cavallo vem teu pae?

— No gazeo.

— Cavallo gazeo “sará” (albino) nunca prestou nem prestará.

As respostas rimam como meio muenico. O demonio, sentindo escapar-se-lhe a preza, muda de animal. Do novo elle pergunta:

— Em que cavallo vem teu pae?

— No alazão.

— Trazes o freio na mão, onde deixaste o teu alazão?

Nova mudança; outra pergunta:

— Em que cavallo vem teu pae?

— No bebe em branco.

— Quem monta em bebe em branco, monta em cavallo manco.

Mas o “Maioral” do inferno verifica pela propria experiencia que não alcançará os dois em esses cavallos e monta em outros de pigmento melhor. E as perguntas afóra:

— Em que cavallo vem teu pae?

— No cardão-rodado (tordilho).

— Cavallo cardão-rodado nunca póde estar parado.

— Em que cavallo vem teu pae?

— No cardão-pedrez (chuviscado ou pintadinho).

— Cavallo cardão-pedrez para carga Deus o fez.

— Em que cavallo vem teu pae?

No melado-caxito (baio de crinas pretas).

— Cavallo melado-caxito tanto é bom como é bonito.

Mas já a excellencia do animal nada adiantava. Os dois amantes penetravam no mundo, onde se casaram e foram muito felizes. O “Maioral” é que voltou para o inferno furioso e fatigado. Ao entrar em casa, a mulher indagou:

— Alcançou-os?

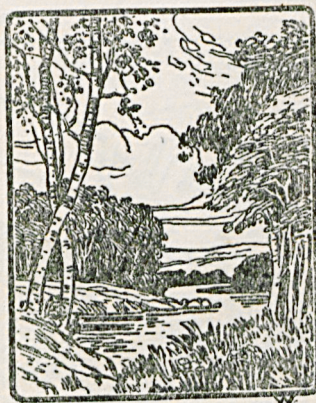
— Não. Não pude. Montavam um cavallo castanho-escuro.

— E?...

— E cavallo castanho-escuro pisa no molle e no duro!

João do NORTE.

(“Correio Paulistano”).



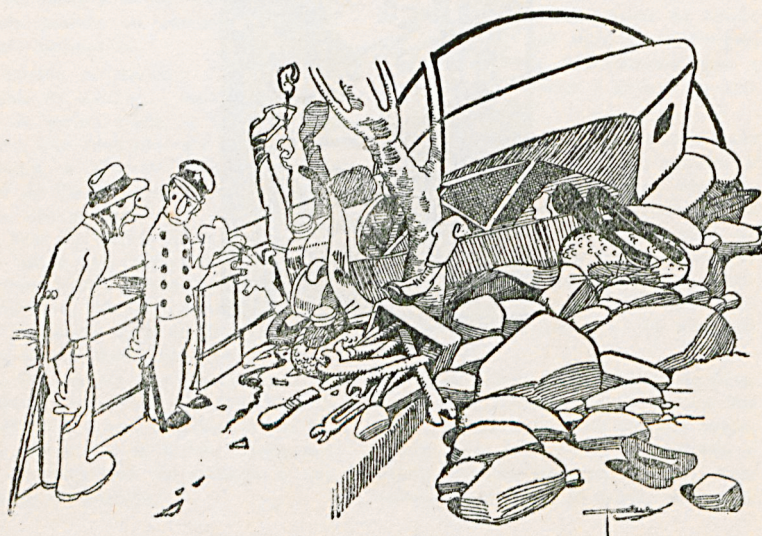
REVISTA DO BRASIL  
**CARICATURAS DO MEZ**  
 TORCEDORA



— Rapariga, p'ra onde vae com essa roupa molhada?  
 — Vou trocê no futebolô.

Perdigão (D. Quixote, Rio)

AUTO-PUNIÇÃO



— Prenderam o chauffeur?  
 — Sim, está preso. E' esse que ahi está entalado.

J. Carlos (D. Quixote, Rio)

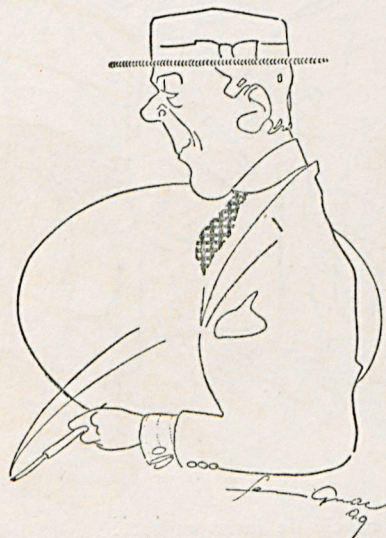
UM NINHO



O proprietario — O lugar é muito saudavel. A casa tem luz, da lua; agua no rio a dois kilometros e telephone... na pharmacia, junto á estação.

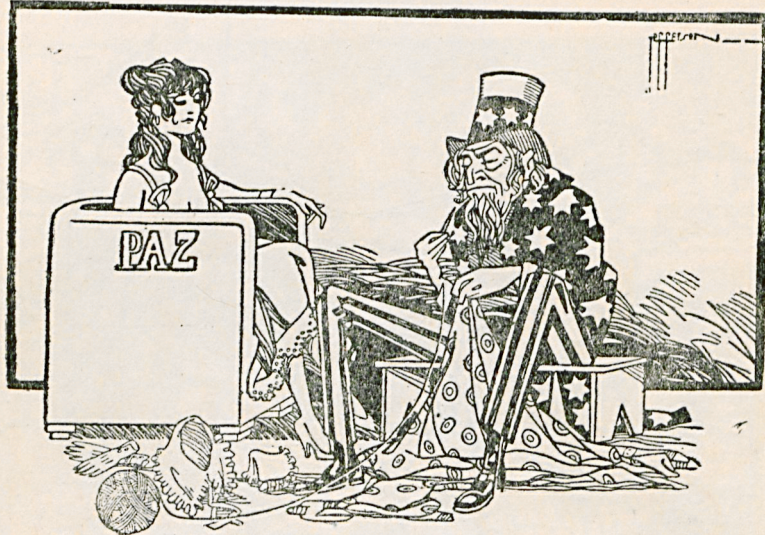
(D. Quixote, Rio)

OS NOSSOS ARBITROS



Auto caricatura de Ferrignac.

## A TOILETTE DA PAZ



- Que é isso, Tio Sam? E a clamide da Victoria.  
 — Não; é a tunica de Nessus.

Jefferson (D. Quixote, Rio)

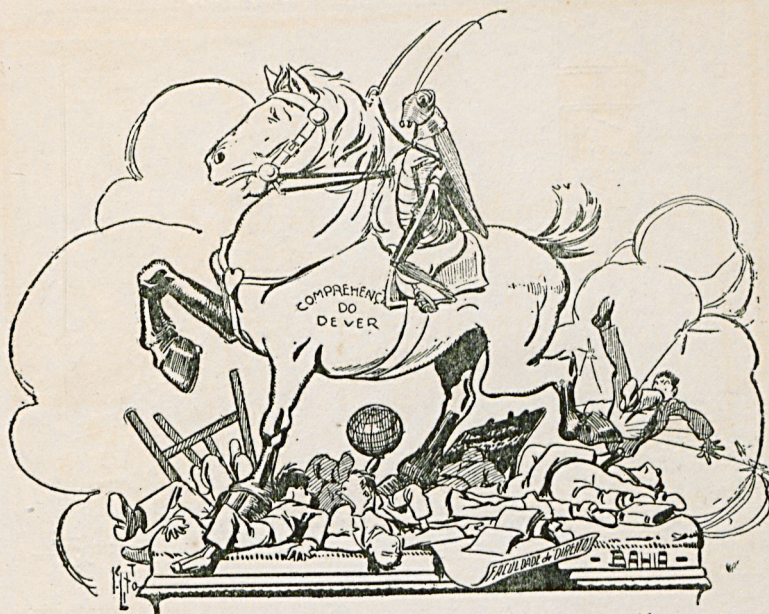
## O FUTURO DA MUSICA



- Você fazia negocio de ferro velho...  
 — Sim, mas agora sou professor de orchestra.

Raul (O Malho, Rio)

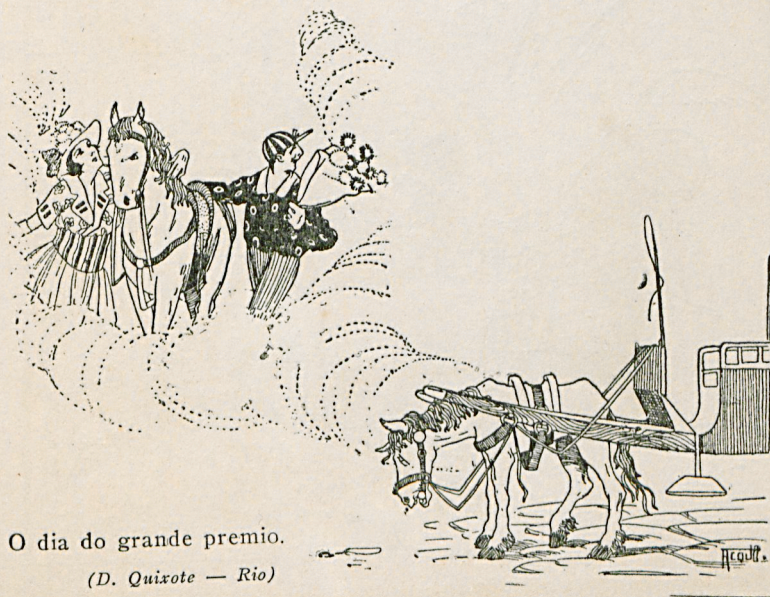
LA FORCE "OPPRIME" LE DROIT



E fizemos a guerra contra a Allemanha! Entretanto, lá, nunca se applicou ás Escolas a maxima bismarkeana.

Kalixto (D. Quixote — Rio)

SIC TRANSIT...



O dia do grande premio.

(D. Quixote — Rio)



— Que fizeste do terreno que tiramos no concurso?  
 — Ora, vendi-o para pagar aquellas peras que me encommendaste.

Perdigão (D. Quixote — Rio)

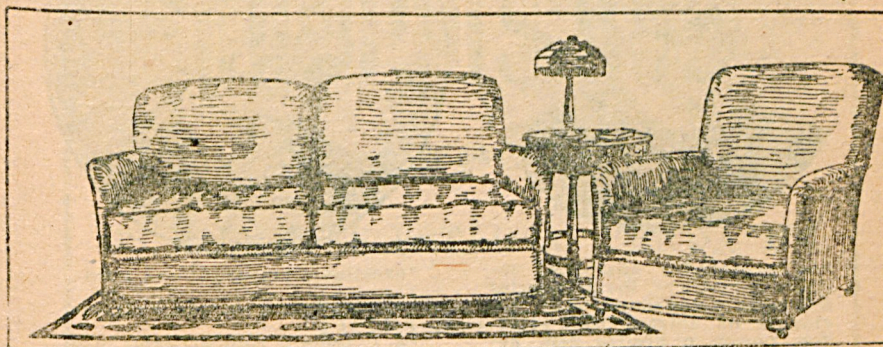


Recepção da nova cosinheira.

Jantok (D. Quixote — Rio)

MAPPIN STORES  
SOCIEDADE ANONIMA INGLEZA

## MOVEIS DE COURO



Fabricamos estes moveis pelo mesmo systema usado para os sofás e poltronas dos "Clubs" Londrinos. — São empregados couros dos melhores cortumes inglezes e todos os outros materiaes, de primeira qualidade.

Exposições na Secção de Moveis

MAPPIN STORES

R. S. BENTO, esq. R. DIREITA — S. PAULO



## O Vinho Reconstituinte

Recommendo e preferido por eminentes clinicos brasileiros. **Silva Araujo**



"de preparados analogos, nenhum a meu ver, lhe é superior e poucos o igualam, sejam nacionaes ou estrangeiros; a todos, porém o prefiro sem hesitação, pela efficacia e pelo meticuloso cuidado de seu preparo ao par do sabor agradavel ao paladar de todos os doentes convalescentes".

Prof. ROCHA FARIA.



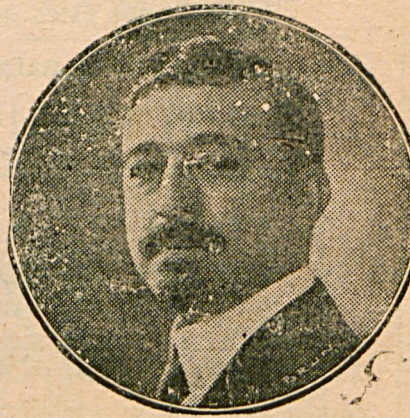
"excellent preparado que é empregado com a maxima confiança e sempre com efficacia nos casos adequados".

Prof MIGUEL COUTO.



"é um preparado que merece a minha inteira confiança".

Prof. MIGUEL PEREIRA.



"excellent tonico nervino e hematogéinico applicavel a todos os casos de debilidade geral e de qualquer molestia infectuosa.

Prof. A. AUSTREGESILO.

TUBERCULOSE

ANEMIA

RACHITISMO

INAPPETENCIA

ESCROPHULOSE.

# LOTERIA DE S. PAULO

Em 16 de Julho

## 60:000\$000

Por 7\$000

OS BILHETES ESTÃO A' VENDA EM  
TODA A PARTE

ACIDO URICO - URICEMIA  
CYSTITES - BEXIGA-RINS  
RHEUMATISMO - CALCULOS  
AREIAS - PYELITIS - UREMIA

ARTHRITISMO

# BI-UROL

SILVA-ARAÚJO

GRANULADO EFFERVESCENTE Á BASE DE  
FOLHAS DE ABACATEIRO. 00



FERRAGENS, LOUÇAS, PHANTASIAS E MIUDESAS  
**OFFICINA DE ENCANAMENTOS E FUNILARIA**  
 Rua Marechal Deodoro Nº 26  
 TELEPHONE CENTR. 1421



Ferragens, louças,  
 phantasias e gran-  
 de sortimento de  
 artigos domes-  
 ticos.

Officina de enca-  
 namentos e funi-  
 laria.


Concertos de aque-  
 cedores e fogões  
 a gaz.

**RUA MARECHAL  
 DEODORO, 26**

LARGO DA SE'

Teleph. Central:  
 1421.

FIGURINOS NOVOS



AGENCIA LILA EDITORA  
 INTERNACIONAL  
 R. DR. BASTARD - 101-1011 S. PAULO

OS MELHORES FIGURINOS DO MUNDO

Pedidos pelo telephone  
 — 3130 Central —

Edições da  
**Revista do Brasil**

Acaba de aparecer  
 a segunda edição do

**Prof. Jeremias**  
 de Leo Vaz, a 4\$000

**e Alma Cabocla**  
 de Paulo Setubal, a 3\$000

Pedidos para a Caixa 2 - B  
 S. PAULO

## INDICADOR

### ADVOGADOS:

Drs. SPENCER VAMPRE, SOARES DE ARAUJO, JAYME, NILO e CEZAR DE VASCONCELLOS — Rua Direita, 35, São Paulo — Rua do Rosario, 85, Rio de Janeiro.

Drs. ROBERTO MOREIRA, J. ALBERTO SALLES FILHO e JULIO MESQUITA FILHO — Escritorio: Rua Boa Vista, 52 (Sala, 3).

Dr. SYNESIO RANGEL PESTANA — Medico do Asylo de Expostos e do Seminario da Gloria. Clinica medica, especialmente das creanças. Res.: Rua Bella Cintra, 139. Cons.: Rua José Bonifacio, 8-A, das 15 ás 16 horas.

Dr. SALVADOR PEPE — Especialista em molestias das vias urinarias, com pratica em Paris. — Consultas das 9 ás 11 e das 14 ás 16 horas. Rua Barão de Itapetininga, 9, Telephone, 2296.

### TABELLIAES:

O SEGUNDO TABELLIAO DE PROTESTOS DE LETRAS E TITULOS DE DIVIDA, NESTOR,

RANGEL PESTANA, tem o seu cartorio á rua Boa Vista, 58.

### CORRETORES:

GABRIEL MALHANO — Corrector official, cambio e titulos — Escritorio: Travessa do Commercio, 7 — Telephone, 393.

Dr. ELOY CERQUEIRA FILHO — Corretor official — Escritorio: Travessa do Commercio, 5 — Tel. 323 — Res.: Rua Albuquerque Lins, 58. Tel. 633.

SOCIEDADE ANONYMA COMMERCIAL E BANCARIA LEONIDAS MOREIRA — Caixa Postal, 174. End. Telg. "Leonidas", São Paulo. Telephone, 626 Central. — Rua Alvares Penteado — São Paulo.

### ALFAIATES:

ALFAIATARIA ROCCO. — EMILIO ROCCO — Novidades em casemira ingleza — Importação directa. Rua Amaral Gurgel, 20, esquina da rua Santa Izabel. Tel. 3333 Cidade — S. Paulo.

**Livraria Drummond** Livros Escolares, de Direito, Medicina, Engenharia, Litteratura-Revistas-Mappas-Material Escolar.

**ED. DRUMMOND & CIA.**

RUA DO OUVIDOR, 76 — TELEPHONE, NORTE 5667 — Endereço Telegr.: "LIVROMOND". — CAIXA POSTAL, 785. RIO DE JANEIRO.

Joaillerie -- Horlogerie -- Bijouterie  
MAISON D'IMPORTATION

**BENTO LOEB**

RUA 15 DE NOVEMBRO, 57 - (en face de la Galerie)

Pierres Précieuses - Brillants - Perles - Orfèvreries - Argent -  
Bronzes et Marbres d'Art - Services en  
Métal blanc inalterable.

MAISON A' PARIS

30 — RUE DROUT — 30

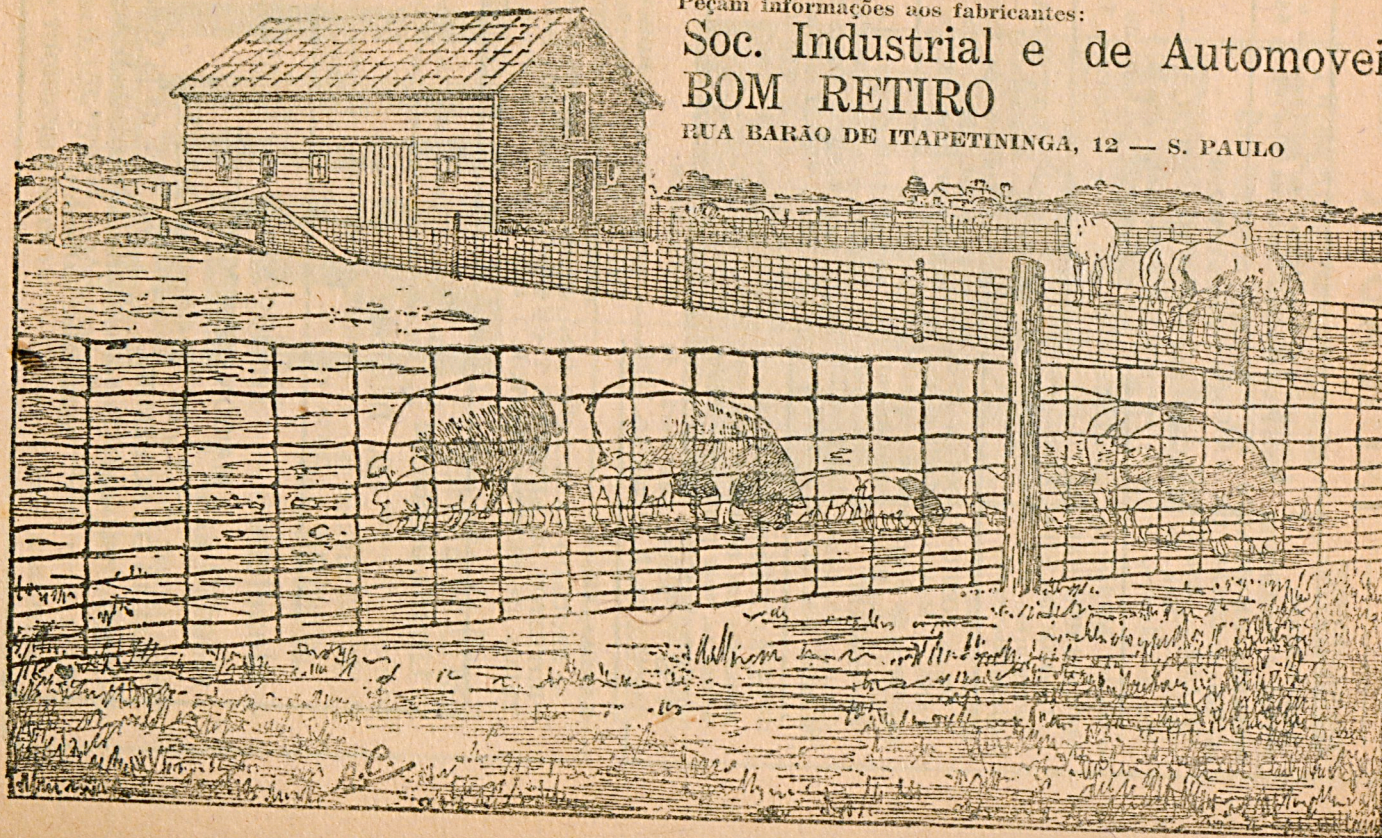


# Cerca de Tecido "PAGE"

Peçam informações aos fabricantes:

Soc. Industrial e de Automoveis  
**BOM RETIRO**

RUA BARÃO DE ITAPETINGA, 12 — S. PAULO



cm

1

2

3

4

5

6

7

unesp

10

11

12

13

14

15

16

# MADAME POMMERY

O romance sensacional do anno. O leitor poderá avaliar das excellencias deste livro lendo o frontespicio que aqui transcrevemos:

## Madame Pommery

Chronica muito veridica e memoria philosophica de sua vida.

Feitos e gestos mais notaveis nesta cidade de São Paulo.

Com um perfunctorio esboço biographico, em que pela primeira vez se registram as lendas e anedotas mais abonadas sobre o nascimento, infancia e educação da mesma conspicua senhora: baseada em documentos ineditos, memorias proprias e no testemunho respeitavel de varias pessoas abalisadas que mais se avantajaram no seu trato e intimidade; obra necessaria ao perfeito entendimento de muitos factos particulares, assim politicos, como sociaes, que resultariam sem ella de impenetravel obscuridade para o futuro historiador; e, porisso, dedicada ao Instituto Historico e Geographico, a Academia Paulista de Letras, a Sociedade Eugenia e mais Associações pensantes de São Paulo.

Composta por

## HILARIO TACITO

(Natural da Botucundia)

em

1919

Preço . . . . . 4\$000

Franco de porte

Pedidos á Caixa 2 B — “Revista do Brasil”



## Edições da "Revista do Brasil"

Acaba de sair a segunda edição das CIDADES MORTAS, livro de contos de Monteiro Lobato, contendo as seguintes matérias: — **Cidades mortas** — **Coisas do meu diário** — **Cavallinhos** — **Noite de S. João** — **Grammatica viva** — **Pedro Pichorra** — **As seis decepções** — **Cabellos compridos** — **Um avô** — **O "Resto de Onça"** — **Porque Lopes se casou** — **O caso do tombo** — **"Gens ennuyeux"** — **O figado indiscreto** — **O imposto unico** — **O plagio** — **O romance do chupim** — **O luzeiro agricola** — **A "Cruz de Ouro"** — **De como quebrei a cabeça á mulher do Mello** — **A poesia e o poeta** — **O espião allemão.**

Um lindo volume brochado  
com capa illustrada por Paim 4\$000

Encadernado . . . . . 5\$000

Franco de porte

Pedidos á Caixa 2 B — "Revista do Brasil"



**AGUA INGLEZA**  
 TONICA  
 & FEBRIFUGA E APPERITIVA  
**GRANADO**  
 INDICADA NA ANEMIA, DEBILIDADE,  
 MALARIA, PALUDISMO E CONVALESCENCAS

EXIJAM A  
 NOSSA MARCA  
 RECUSEM AS IMITACOES



QUININA, CAFE,  
 LACTO PHOSPHATO DE CAL,  
 PEPSINA E GLYCERINA.

**VINHO RECONSTITUINTE**  
**GRANADO**

TONICO, NUTRITIVO  
 Na tuberculose,  
 anemia, fraqueza,  
 neurasthenia, etc.



**HEMO - KOLA GRANADO**

LIQUIDA E GRANULADA

Formula do Dr. Faria Lobato — Poços de Caldas

TONICO RECONSTITUINTE, VITALISANTE  
 ENERGICO, ANTINEURASTHENICO, ANTIANEMICO.

**AS MACHINAS**

# **LIDGERWOOD**

**para Café, Mandioca, Assucar,  
Arroz, Milho, Fubá. -----**

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil.

**GRANDE STOCK** de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de agua, Turbinas e accessorios para a lavoura.  
**Correias - Oleos - Telhas de zinco - Ferro em barra - Canos de ferro galvanizado e mais pertences.**

**CLING SURFACE** massa sem rival para conservação de correias.

**IMPORTAÇÃO DIRECTA** de quaesquer machinas, canos de ferro batido galvanizado para encamentos de agua, etc.

---

**PARA INFORMAÇÕES, PREÇOS, ORÇAMENTOS, ETC.**

**DIRIGIR-SE A**

**Rua São Bento, 29-c - S. PAULO**

SEÇÃO DE OBRAS D' "O ESTADO DE S. PAULO"

